

FOCO – CINEMA EM AÇÃO!

**PROJETO ARTÍSTICO DE INTERVENÇÃO
COMUNITÁRIA EM CONTEXTO ESCOLAR**

Gonçalo Luís Ramos de Oliveira

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

2017

FOCO – CINEMA EM AÇÃO!

PROJETO ARTÍSTICO DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA EM CONTEXTO ESCOLAR

Gonçalo Luís Ramos de Oliveira

Projeto de Intervenção apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para
obtenção de grau de mestre em Educação Social e Intervenção Comunitária

Orientação Professora Doutora Kátia Sá Santos

Coorientação Mestre Maria Natália Vieira

***“Comunidade” é nos dias de hoje outro nome
do paraíso perdido — mas a que esperamos ansiosamente retornar,
e assim buscamos febrilmente
os caminhos que podem levar-nos até lá.***

(Bauman, 2003, p.9)

***Educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo escolar
é ensinar a ver diferente.
É educar o olhar.
É decifrar os enigmas da modernidade
na moldura do espaço imagético.***

(Lopes, 2007, p.37)

***Somente homens e mulheres, como seres “abertos”,
são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente,
transformando o mundo através de sua ação,
captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora.
E é enquanto são capazes de tal operação,
que implica em “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que mulheres e
homens se fazem seres com o mundo.***

(Freire, P. 1982, p.65 citado por Schwendler, 2001, p.112)

Texto em consonância com o novo acordo ortográfico, com exceção nas citações diretas, em que foi respeitada a grafia original.

AGRADECIMENTOS

Aos professores e alunos das escolas que fizeram este projeto acontecer.

Foram incríveis, e este projeto é, justamente, um trabalho coletivo.

A todos os que se disponibilizaram para as entrevistas e a tantos outros que, de alguma forma, participaram neste projeto.

Às instituições que, a diversos níveis, colaboraram.

À direção e secretariado do ATV pelo fantástico apoio desde início.

Às professoras Kátia Sá e Natália Vieira, pela força, orientação do trabalho e desafio. Pela cumplicidade, persistência e apoio também. Foram incansáveis e uma dupla imparável. Tenho muito orgulho pelo resultado final que conseguimos alcançar. Muito obrigado por tudo.

Aos colegas, professores e coordenação do MESIC, pelo caminho feito, importante para o crescimento e solidez do que veio a acontecer e em particular às “alberguinas”, pois sem a amizade e companheirismo, teria sido muito mais difícil, e menos rica por certo, toda a epopeia.

Ao Pedro Sena Nunes e à Ana Cláudio pelo olhar anterior que é sempre presente.

Aos amigos que estão e aos outros também, que abriram portas e alimentaram o fogo. Em particular, no apoio a este trabalho, à Susana Branco e à Joana Galvão.

A toda a família, pelo amor incondicional, pelo esforço nas ausências e o incentivo nas presenças. À Joana e às minhas filhas. O princípio e a razão de tudo.

E a todos os que ainda acreditam que afinal é possível.

RESUMO

“FOCO – Cinema em Ação!” foi um projeto artístico de intervenção comunitária que decorreu em três agrupamentos de escolas do concelho de Torres Vedras, entre outubro e junho do ano letivo de 2016/2017, envolvendo três turmas: 7.ºA da EB 2,3 de Freiria, 8.ºC da EB 2,3 de Maxial e 8.ºA da EB 2,3 Padre Francisco Soares de Torres Vedras. Como ponto de partida a questão orientadora: “Que papel podem ter a arte e a cultura, nomeadamente o cinema, no desenvolvimento comunitário, inseridos num processo participativo, que mobiliza a escola para uma intervenção junto do seu(s) território(s)?”. Um desafio que levou alunos e professores a questionar a ideia de comunidade tendo por base o cinema.

Teve como principais objetivos:

- 1) Ampliar o sentido crítico e a reflexão dos alunos sobre a(s) realidade(s) onde vivem, promovendo a aproximação da escola ao território e às comunidades locais.
- 2) Capacitar os alunos e professores para o uso dos audiovisuais, particularmente, do cinema/vídeo, na perspetiva da Educação Artística.
- 3) Envolver os participantes em atividades decorrentes da Educação Não Formal, que promovam as Metodologias Participativas.

Contemplou cerca de 30 sessões com cada turma, semanais, que foram registadas e impulsionadas pela plataforma educacional *online* “Edmodo” (acesso fechado).

Os grupos criaram um *trailer*, três documentários, três exposições de fotografia, um mural comunitário (Freiria) e um *making of* do projeto, que foram apresentados publicamente em duas antestreias (Maxial e Freiria) e uma estreia oficial no *Café com Filmes*, ciclo de cinema no Teatro-Cine de Torres Vedras. Os filmes foram disponibilizados posteriormente na internet.

Ficou evidente a validade de projetos desta natureza, contudo, ainda existem muitas lacunas, sobretudo na flexibilidade curricular e no apetrechamento tecnológico.

O projeto foi desenvolvido pela associação ATV – Académico de Torres Vedras em parceria com as escolas e com apoio de diversas instituições locais.

Palavras-chave: Desenvolvimento e Intervenção Comunitária; Cinema e Educação; Educação Artística; Educação Não Formal; Metodologias Participativas.

ABSTRACT

“FOCO - Cinema em Ação!” (“FOCUS – Cinema in Action!”) was an artistic project of community intervention held in three school grouping from the county of *Torres Vedras*, between October and June, during the academic year of 2016/2017. It involved three classes: class A, of the 7th year of EB 2,3 of Freiria, Class C, of the 8th year of EB 2,3 of Maxial, and Class A, of the 8th year from EB 2,3 *Padre Francisco Soares* of *Torres Vedras*.

The main question to begin: “What kind of role can art and culture have, specifically cinema, in the community development, inserted in a participative process which mobilizes school for an intervention on-site?”

A challenge which took students and teachers to question the community idea, using cinema as basis. The main goals were:

- 1) To broaden the students critical sense and reflection about the reality where they live, promoting school proximity to local communities and its territories;
- 2) To enable students and teachers to use audio-visuals in particular cinema/video, from the perspective of Artistic Education;
- 3) To involve the participants in ongoing activities, from the Non Formal Education field, in order to promote the Participative Methodologies.

During the projet, 30 sessions were undertaken in each class, on a weekly basis. What is more, all the sessions were registered and boosted by the educational online platform "Edmodo" (closed access).

The groups created a *trailer*, three documentaries, three photography exhibitions, a common mural (*Freiria*) and a *making of* from the project, which were publicly presented in two previews (*Maxial* and *Freiria*). In addition, an official premiere took place, in *Café Com Filmes*, a cinema cycle in *Teatro-Cine* of *Torres Vedras*. Afterwards, the films become online available.

The validity of projects of such nature became evident, however, there are still many gaps, mainly in terms of curricular flexibility, as well as, in technological resourcing matters.

The project was carried out by a non-governmental organization, *ATV – Académico de Torres Vedras*, jointly with schools, with the support of several local institutions.

Key words: Development and Community Intervention; Cinema and Education; Artistic Education; Non Formal Education; Participative Methodologies.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
PARTE I - Os filmes por fazer vão à escola e a escola saiu à rua [Prequela]	9
1.1. Enquadramento teórico	11
1.2. Roteiro Ético - Todos a bordo e informados	29
1.3. Mapa Conceptual	31
PARTE II - Pesquisa, Grupos de Trabalho, Entrevistas, Câmara [Ação!]	37
2.1. Metodologia	39
2.2. O início de tudo: Uma história que vem de trás	40
2.3. Problematização: Pontos de partida, questão orientadora e objetivos.....	41
2.4. Dentro e fora da escola: Território, comunidade(s) e instituições	45
2.4.1. Território e comunidade(s)	45
2.4.2. Instituições	47
2.5. Participantes: Que professores? Que turmas?	51
2.5.1. Grupos de trabalho.....	54
2.5.2. O papel e perfil do “coordenador, monitor, mediador...”	57
2.6. Caminho em frente: Entre propostas, horários, dúvidas e acertos	58
2.7. Recursos e apoios para fazer acontecer	60
2.8. Plano de Ação: Equilíbrio frágil entre estratégias, processo e resultados.....	63
2.9. O Projeto de Intervenção, finalmente!	65
2.10. Comunicação acima e abaixo, para os lados. A toda a hora	77
2.11. Avaliação: Instrumentos, momentos e procedimentos.....	83
PARTE III - Continuidade, Créditos Finais e Estrelas [Sequela]	89
3.1. Apresentação dos resultados	91
3.2. Discussão dos resultados	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
ANEXOS	121
Anexo A. Solicitações de autorização para participação no projeto e cedência de direitos de imagem.....	123

Anexo B. Cronograma do projeto (planificação inicial e execução final).....	125
Anexo C. Exibições posteriores (parceiros).....	127
Anexo D. Registo das Sessões.....	129
Anexo E. Grupos de trabalho.....	139
Anexo F. Registo das Filmagens.....	141
Anexo G. Guiões das entrevistas (Freiria, seleção).....	145
Anexo H. Processo de Criação do Mural Comunitário.....	147
Anexo I. Processo de Criação da Exposição de Fotografias.....	153
Anexo J. Convite para grupo dos Gaiteiros da Freiria.....	155
Anexo K. Cartazes (individuais).....	157
Anexo L. Notícias na Comunicação Social local.....	161
Anexo M. Questionário de Avaliação.....	163
Anexo N. Registos e Evidências dos Questionários de Avaliação.....	165
Anexo O. Entrevistas para o <i>Making of</i> (Entrevistados).....	181
Anexo P. Registos e evidências do <i>Making Of</i> (Entrevistas).....	183
Anexo Q. Registo de comentários após as exibições.....	195
Anexo R. Ligações (<i>links</i>) dos filmes resultantes do projeto.....	209
Anexo S. Ligações (<i>links</i>) das Notícias e Álbuns Fotográficos.....	211
Anexo T. Fichas técnicas dos filmes / projeto.....	213

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. “Nuvem de palavras” dos conceitos que integram o projeto.....	11
Figura 2. Solicitações de autorização enviadas aos encarregados de educação.....	30
Figura 3. Mapa conceptual do projeto “FOCO – Cinema em Ação!”	31
Figura 4. Localização de Torres Vedras no mapa de Portugal Continental e na Região Oeste em particular.....	45
Figura 5. Localização dos territórios a que pertencem as escolas.....	46
Figura 6. População Residente e Densidade populacional.....	47
Figura 7. Localização do Fórum das Associações Culturais de Torres Vedras.....	48
Figura 8. Localização das escolas participantes no território.....	49
Figura 9. Turmas participantes do projeto: 8ºC do Maxial, 8ªA em Torres Vedras e o 7ªA da Freiria.....	53
Figura 10. Grupos de trabalho durante as filmagens.....	56
Figura 11. Etapas do Pré-Projeto: Maio a Outubro 2016.....	58
Figura 12. Exercício do Foto-Voz com a turma de Torres Vedras.....	67
Figura 13. História do Cinema e Introdução ao Documentário.....	67
Figura 14. Exercício dos “10 Planos”.....	68
Figura 15. Apresentação dos Grupos de Trabalho, consoante as turmas.....	70
Figura 16. Atuação espontânea e improvisada “O Banco dos Cordilheiros” (Maxial).....	71
Figura 17. As primeiras entrevistas, em Torres Vedras e no Maxial.....	71
Figura 18. Em filmagens.....	72
Figura 19. Locais onde decorreram filmagens do projeto.....	73
Figura 20. Edição dos filmes.....	74
Figura 21. Montagem em cartolina, a partir da pré-edição feita em papel (Freiria).....	74
Figura 22. Planificação da Exposição de Fotografia, a criação do Mural Comunitário e as filmagens em <i>time-lapse</i> de todo o processo (mural).....	75
Figura 23. Antestreia do filme (Maxial).....	76
Figura 24. Antestreia do filme (Freiria).....	76
Figura 25. Conversas no final (Freiria e Maxial).....	76
Figura 26. Estreia dos filmes no Teatro-Cine de T. Vedras.....	77

Figura 27. Logótipo do projeto.....	78
Figura 28. Cartazes das apresentações à comunidade (individuais).....	78
Figura 29. Cartaz da estreia de todos os filmes.....	79
Figura 30. Distribuição de cartazes dos filmes.....	79
Figura 31. Divulgação no folheto do <i>Café com Filmes</i> e <i>book</i> do Teatro-Cine de Torres Vedras.....	80
Figura 32. Notícias publicadas no site do ATV.....	80
Figura 33. Publicação de notícias na Comunicação Social local.....	80
Figura 34. A utilização do <i>Edmodo</i> , como plataforma de comunicação do projeto (interna).....	81
Figura 35. Alguns avatares de alunos participantes do projeto.....	81
Figura 36. O “placar do Maxial”.....	82
Figura 37. Os Apresentadores e os cartões.....	82
Figura 38. Atuação dos Gaiteiros da Freiria na estreia, à entrada do Teatro-Cine de T. Vedras.....	83
Figura 39. Avaliação/Balanço na última sessão do projeto.....	84
Figura 40. Inquéritos por Questionário.....	84
Figura 41. Livro de Mensagens (“livro de honra” na Freiria).....	85
Figura 42. Diário de Campo do Coordenador do projeto.....	85
Figura 43. Muro do campo de futebol da Freiria, antes e depois da intervenção (Mural)...	93
Figura 44. Uso dos <i>smartphones</i> no projeto.....	102
Figura 45. O tal pacotinho de açúcar.....	111

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Relação entre Objetivos Gerais e Específicos do Projeto.....	43
Tabela 2. Turmas, Professores participantes e Disciplinas envolvidas no projeto.....	53
Tabela 3. Grupos de Trabalho, descrição de tarefas e número de alunos envolvidos em cada tarefa.....	55
Tabela 4. Distribuição da carga horária do projeto nas escolas.....	59
Tabela 5. Recursos Necessários “ATV e Escolas”.....	61
Tabela 6. Apoios Gerais e Específicos ao Projeto.....	62
Tabela 7. Planificação inicial e execução do projeto.....	64
Tabela 8. Projeto de Intervenção (principais momentos).....	65
Tabela 9. Número de Entrevistas e Entrevistados.....	72
Tabela 10. Número de sessões realizadas em cada um dos grupos.....	92

ÍNDICE DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

ATV	Académico de Torres Vedras
EB 2,3	Escola Básica do 2º e 3º ciclos
ES	Educador Social
ESELx	Escola Superior de Educação de Lisboa
UF	União de Freguesias



[face à] crescente tendência a fomentar uma cultura vazia, submetida aos rigores da economia, da tecnologia, da indústria, dos meios de comunicação ou do turismo, qualquer classe de resistência – mais ainda, se vai acompanhada de propostas de transformação ou mudança social – supõe adentrar-se na possibilidade de alentar, ainda que seja minimamente e de forma provisional, um novo modo de pensar a cultura e as culturas.

Também, sem que fazê-lo seja fácil, poder construí-las com outros horizontes, repelindo ativamente as armadilhas do seu mero consumo, para poder participar do imenso potencial que amealham para nos mudar e mudar o mundo, individual e coletivamente.

(Caride Gómez, 2015, p.2)

INTRODUÇÃO

*“O essencial, com efeito, na educação,
não é a doutrina ensinada, é o despertar.”*

Ernest Renan¹

Somos quotidianamente assolados por notícias e resultados de estudos que nos dão conta de uma sociedade global em crise. Essa crise, que parece mais acentuada na sociedade ocidental, não é só económica, é também, e talvez mesmo principalmente, fruto de alguma desorientação e incerteza, face aos desafios e problemas do presente, e à ausência de visões futuras, capazes de integrar a multiplicidade de questões que foram surgindo nos últimos anos relacionadas com a mobilidade, a emigração, a desertificação, o desemprego, o individualismo, a falta de tempo. Todas estas questões fizeram com que algumas comunidades se vissem despojadas de gente, que levaram consigo a dinâmica e, muitas vezes, a memória, a identidade, quase sempre transmitidas oralmente e através do exemplo dado e, por acréscimo, levaram também as possibilidades futuras. Desta forma, houve um corte geracional, um interromper no fluxo das tradições, da história, das vivências e participações comunitárias. É disso sintomático um abandono ou decréscimo das coletividades, dos pequenos clubes, das associações.

A tudo o que já foi enunciado anteriormente teríamos de juntar, qual barómetro dos nossos dias, um sistema de ensino demasiado tecnicista, burocrático, controlador, fechado em si mesmo e distante das comunidades, funcionando em espaços cada vez mais centralizadores, grandes demais para se relacionarem com a pessoa individualmente e deparando-se com uma notória escassez de recursos perante as necessidades dos seus atores principais e face à evolução científica, tecnológica e artística. A escola tornou-se, de uma forma geral, pouco inspiradora para os alunos, pesada para os professores e presa a cânones, grosso modo, que parecem advir ainda das linhas de montagem da Revolução Industrial.

Os alunos, crianças e jovens que nasceram já no século XXI, são nativos digitais. Com os seus *smartphones* têm acesso a informação “ilimitada”, internet, redes sociais, realidade virtual, tecnologias, a que nenhuma outra geração teve acesso, e

¹ Ernest Renan - Escritor e filósofo francês (1823-1892).

encontram pouco sentido para esta escola, reprodutora e não criadora, que lhes abre (ou fecha) as portas todos os dias.

É importante que as escolas possam relacionar-se mais com os territórios e instituições em que estão inseridas, e que também estes possam constituir-se como comunidades de aprendizagem. É necessário que os alunos saiam mais vezes para a rua, fora da escola. Com a centralização das escolas nos mega-agrupamentos, que acolhem muitos alunos de lugares periféricos às sedes de agrupamento, a maioria dos alunos e professores nem sequer conhece minimamente a terra em que a escola está situada. Uma grande parte limita-se a fazer os percursos casa-escola, viajando de carro ou de transportes públicos, e raramente participa da história ou dinâmicas associadas à comunidade.

Quando escolhi o Mestrado de Educação Social e Intervenção Comunitária fi-lo de forma muito consciente e tendo em conta dois critérios nesta decisão: i) poder optar por um projeto de intervenção, ao invés de uma dissertação; ii) uma das suas quatro áreas temáticas, que figura no plano de estudos, ser precisamente o da “Cultura, Arte e Inclusão”. Estes dois elementos referidos anteriormente fazem parte intrínseca da minha motivação para este desafio pois, se é verdade que já trabalho há vários anos na programação de cinema, o ato de criar, neste caso de criar um filme, só mais recentemente é que se tornou realidade. A hipótese de um trabalho final de mestrado que apostasse nessa vertente foi algo que surgiu como um chamamento e com naturalidade, mas, apesar disso, tinha consciência de que uma coisa é fazer um filme individualmente (o que na verdade nunca acontece, porque fazer cinema implica sempre várias pessoas que dominem um grande número de ofícios diversos), outra é encetar um processo coletivo com jovens (e professores) que nunca passaram por esta experiência. Nesse sentido foi uma experiência nova para os dois lados – o dos jovens e dos professores e o meu - pelo menos com esta magnitude.

O ano curricular do mestrado também foi importante, pois, não só permitiu estabelecer as bases metodológicas e conceptuais do projeto, como também permitiu aprofundar o conhecimento sobre a área social e comunitária, um caminho que estou a percorrer, paralelamente, a nível profissional.

Outras motivações estão por detrás deste projeto, o facto de saber que as artes e a cultura podem fazer (toda) a diferença na(s) comunidade(s) e que para isso, é importante, também, que haja uma promoção estrutural e consentânea da educação artística nas escolas. Por outro lado, por acreditar na importância de descentralizar os

projetos das grandes cidades, para ir ao encontro de pequenos territórios, aldeias, freguesias rurais, onde as oportunidades e as ofertas, sobretudo a nível artístico, são menores e onde um projeto desta natureza ganha uma dimensão e um impacto totalmente diferentes. A minha história pessoal surge aqui como uma motivação importante, pelo facto de ter crescido numa aldeia, onde a janela para o mundo era a carrinha da Gulbenkian, que vinha uma vez por semana, ou ainda alguns livros que se encontravam disponíveis na Casa do Povo. Há uma narrativa interna, emocional, de ligação afetiva, quase de missão a cumprir, para que estes territórios, estas crianças e estes jovens, possam descobrir outros mundos e possam também sonhar para além das "nuvens" e às vezes de destinos "traçados" que a vida lhes apresenta.

Na verdade, o projeto era para ter sido desenvolvido apenas na Freiria e Maxial, territórios eminentemente rurais e de baixa densidade populacional mas, e respondendo ao pedido de uma professora da escola de Torres Vedras, com quem já tinha trabalhado num projeto de cinema noutra concelho, para que também pudessem, a professora e uma das suas turmas, participar no projeto, considerei que também podia ser interessante, até pelo confronto de experiências e resultados, que Torres Vedras (cidade), integrasse os grupos. Este aspeto tornou o projeto mais complexo, mas trouxe uma diversidade temática muito interessante e diferenciada.

Para as escolas e professores, a participação foi igualmente uma “prova de fogo” que obrigou, sobretudo os professores, a flexibilizar as suas disciplinas e a sua atuação, pois, de outra forma, teria sido impossível realizar este projeto. Esse perfil de resiliência, proatividade e interesse pelo tema/projeto foi condição imprescindível para o sucesso.

A questão orientadora deste trabalho foi formulada tendo em conta não só a parte prática do projeto mas também a investigação que seria necessário realizar:

- “Que papel podem ter a Arte e a Cultura, nomeadamente o Cinema, no desenvolvimento comunitário, inseridas num processo participativo, que mobiliza a escola para uma intervenção junto do seu(s) território(s)?”.

Em relação aos objetivos do projeto, pretendeu-se que os alunos pensassem a(s) comunidade(s) a partir do cinema, não com a proposta de “ver filmes”, mas de “fazer filmes”. No caso da Freiria, o guião do filme deu origem também a um Mural Comunitário.

Os temas e subtemas trabalhados em cada grupo foram sugeridos pelos alunos, decorrentes da pesquisa inicial que fizeram e do conhecimento que tinham da

realidade, depurados em conjunto, comigo e com os seus professores, nas sessões realizadas. Este trabalho de pesquisa, ideação, planeamento e realização deu origem a três filmes documentais, estética e narrativamente muito diferentes, o que só enriqueceu o processo e o projeto em si. No Maxial o filme teve por base um guião mais ligado às profissões e vivências comunitárias rurais, a partir de atividades e memórias das localidades de proveniência dos alunos, que vêm de vários pontos da freguesia para a escola; na Freiria, o filme assentou nas questões de identidade e história locais e, por fim, em Torres Vedras, o filme andou à volta dos grupos organizados de mascarados no Carnaval. Para além disso, foram ainda criados mais dois filmes: um *trailer* promocional e um *making of*, este último refletiu e acompanhou todas as fases do projeto.

Numa altura em que, pelo menos nos meios relacionados com a educação artística e a intervenção comunitária se fala tanto de intervenção pelas artes, este projeto foi igualmente muito positivo para a associação promotora, o ATV – Académico de Torres Vedras, pois permitiu desenvolver um projeto comunitário, contínuo no tempo, com uma faixa etária de jovens a que nem sempre é fácil aceder e trabalhar, devido, em parte, à barreira criada pela educação formal. Neste caso o trabalho realizado proporcionou não só a vertente de pesquisa, criação e reflexão a todos os envolvidos, mas permitiu ainda que o ATV ficasse associado a vários filmes, que serão a partir de agora legados de um património imaterial regional importante.

Este documento escrito encontra-se dividido em três partes:

Parte I - “Prequela” - Enquadramento teórico

Parte II - “Ação” - Correspondente ao Projeto de Intervenção,

Parte III - “Sequela” - Apresentação e discussão dos resultados decorrentes do projeto

Em relação aos conceitos mobilizados no enquadramento teórico (Parte I), o presente projeto é, assumidamente, de Intervenção Comunitária e, por isso mesmo, fez-se uma breve exposição dos conceitos de Intervenção, de Desenvolvimento Comunitário, de Educação Social e do papel do Educador Social, de Participação, Metodologias Participativas, Cidadania, Cidadania Cultural, Comunidade. Mas o projeto também teve preocupações no âmbito da educação artística e daí estarem presentes conceitos como Arte e Comunidade, Educação Artística, Cinema e Educação, Documentário, Educação para os Media, Ciberanimação, Foto-Voz, Educação Não Formal, Vídeo Participativo, Comunicação.

Na segunda parte do documento (Parte II) apresenta-se a metodologia usada, explica-se a origem do projeto, dos seus objetivos, já em relação direta com as escolas participantes, e quais os territórios em causa, bem como as instituições parceiras. Em concreto são apresentadas as turmas, os professores, as disciplinas e os horários em que funcionou o projeto. Qual a importância também do perfil (e qual perfil), quer do coordenador, quer dos professores, para um trabalho desta natureza. Que recursos e apoios foram necessários e, por fim, como se desenrolou e foi avaliado o projeto de intervenção.

Na terceira parte (Parte III) são apresentados os resultados, que advêm, não só dos produtos finais obtidos (filmes, exposições, mural, exibições dos filmes à comunidade), mas, como instrumentos de avaliação, de um inquérito por questionário realizado junto dos alunos, das entrevistas para o *making of* feitas aos professores e a alguns alunos e dos registos feitos com base nos comentários obtidos após as exibições, quer no local (conversas no final), quer posteriormente nas redes sociais (*online*).

Adicionalmente, as minhas reflexões tiveram também em conta os registos efetuados quer no Diário de Campo que acompanhou o projeto, quer no *Edmodo*, plataforma de comunicação partilhada, pela qual passou todo o projeto.

Ao olhar para trás, para o caminho percorrido, imagino uma trilogia (não podia deixar de fazer uma alusão ao universo do cinema), em que o primeiro filme foi o ano curricular do mestrado, o segundo foi o projeto de intervenção e o terceiro, e último desta saga, este documento que agora vê nascer a luz do dia.

Cada um deles foi (muito) difícil mas, também, ao chegar ao fim, trouxe muito à minha vida e memórias, cumplicidades e afetos que irão perdurar por bastante tempo. Estou convicto de que a experiência de todos os que neste projeto participaram não será muito diferente.



O encontro com a arte constitui uma oportunidade de desenvolver novas formas de ver e pensar o mundo e a si próprio – do sentir ao olhar, do pensar ao fazer: é importante colocar questões, apontar possíveis respostas às questões colocadas, reformular as questões iniciais.

Sofia Victorino, Coordenadora do Serviço Educativo de Serralves
(Leite & Victorino, 2008, p.13)

PARTE I

Os filmes por fazer vão à escola e a escola saiu à rua

[Prequela]

Social e a Intervenção Comunitária) seriam os “conceitos primeiros”, a “casa mãe” do qual derivariam todos os outros.

Em suma

Fundamentando o quadro teórico que sustenta o trabalho desenvolvido, este projeto tem como conceito central o Desenvolvimento Comunitário que, no entender de Caride Gómez, Freitas e Callejas (2007), deve ser:

(...) um processo educativo e formativo no qual a população local implicada aprende a ser responsável participando na resolução dos problemas comuns. Mais do que uma prática quotidiana, o Desenvolvimento Comunitário conduz a acções cooperativas e organizadas num território cuja especificidade é caracterizada pelo nível de desenvolvimento de todos os seus sectores (económico, político, social, educativo, cultural e administrativo) e que cada um desempenha o seu papel. (p.125)

Ainda que, por vezes, surjam como sinónimos em alguma bibliografia, Intervenção Comunitária e Desenvolvimento Comunitário² não são necessariamente a mesma coisa. Não obstante, a base comum, defende-se aqui que Desenvolvimento pressupõe uma ideia de continuidade, ao longo de um tempo e transversalidade maior que a Intervenção. A Intervenção Comunitária pode ser parcial, específica para trabalhar um determinado problema pontual. Talvez por isso se encontre mais vezes indexada a projetos, a problemas sociais e a públicos vulneráveis (por vezes aparece também como sinónimo de Intervenção Social). Pode, efetivamente, vir de fora da comunidade (resposta institucional a um dado problema) e não ser resultante de um processo endógeno. No entanto, e a isso não se poderá escudar, deve munir-se de um diagnóstico participado inicial e objetivar as necessidades da comunidade. Por

² Na página de internet da APTSES - Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social, no *Código deontológico do técnico superior de educação social* (2011), emprega-se o termo “Desenvolvimento Comunitário” para designar um dos contextos socioeducativos de intervenção:

“No seu quotidiano profissional, o Técnico Superior de Educação Social, intervém do ponto de vista pedagógico, numa diversidade de contextos socioeducativos:
- Educação e Desenvolvimento Comunitário (instituições educativas, autarquias, associações, ONG, centros culturais, centros de actividades desportivas, lazer e turismo, centros de formação, etc.)” (p.3);

esta lógica, podemos colocar a hipótese de que pode acontecer um projeto de Intervenção Comunitária dentro de um processo de Desenvolvimento Comunitário³. O projeto pode terminar, mas o Desenvolvimento Comunitário deve continuar o seu caminho, tornando a comunidade protagonista do seu próprio processo de desenvolvimento (Marchioni, 2001).

O segundo conceito importante mobilizado foi o da Educação Social enquanto “plataforma agregadora de perspectivas disciplinares e de projectos de intervenção (...) (e que) estabelece a relação entre o saber próprio do universo da pedagogia (...) e a experiência da acção no terreno do trabalho social” (Carvalho & Baptista, 2004, p.7) e do papel do Educador Social (ES) neste processo.

Reforçando esse papel *centralizador-descentralizador* do ES, intrínseco à sua acção, de capacitação também, sublinha-se que é o seu dever contribuir ativamente para a dinamização, mediação e valorização sociocultural do contexto no qual está inserida a sua intervenção, promovendo também a participação nas várias etapas de realização da mesma (Conselho Nacional de Educadores Sociais, 2001).

No caso deste projeto, considera-se, inclusive, que o mesmo contribui, a par de outras ações, para um desenvolvimento positivo nos jovens pois “ocorre na dinâmica relacional de adolescentes com os contextos, relações e interações que constituem a vida diária, incluindo a comunidade, a escola, a família e os pares” (Larson, 2006 citado por Silva & Freire, 2014 p.161).

Espera-se, assim, que o ES proponha experiências que vão também ao encontro dos interesses e expectativas dos jovens, pois mesmo que nem sempre o expressem, eles “procuram experiências significativas estruturadoras do seu crescimento” (Freire, 2006) pelo que, neste projeto, foi necessário fazer também um caminho de conhecimento mútuo para encontrar “pontes e pontos de relação” estimulando as vivências grupais, a participação efetiva, a autonomia, na vontade de que esta experiência do FOCO nos marcasse a todos. Sendo o desenvolvimento pessoal e social, e a própria autonomia do indivíduo, resultado de um processo de “acção-reflexão-problematização-interiorização” (Ferreira, 2007, p.6) e que isso implica uma “intervenção-acção-problematização nos e dos diferentes contextos de vida de cada sujeito” (ibidem, p.6), este projeto incidiu “nos processos mais que conteúdos”

³ Enquadrados pela trilogia da “ação para o desenvolvimento” (Política-Programa-Projeto), podemos hierarquizar a relação entre desenvolvimento e projetos de intervenção: “a trilogia inicia-se com as Políticas de e para o desenvolvimento, que dão origem a Programas de e para o desenvolvimento e estes a Projectos” (Moreira, 2009, p.37).

procurando “ligar as aprendizagens às vivências dos sujeitos, aos seus interesses e necessidades” (ibidem, p.6-7). Daí se conclui também que se deve enfatizar a interação e a “iniciá-los na realização de projectos do seu interesse, na sua comunidade, implicá-los nas decisões, construir o diálogo e a concertação social” (ibidem, p.7), na senda também da “conscientização” dos problemas proposta por Paulo Freire.

Tudo isto enquadrado numa deontologia profissional em consonância, que será desenvolvido no ponto 1.2. (Roteiro Ético).

Uma palavra de reforço para o importante papel do ES, pois é seu o dever de “informar, esclarecer e promover a participação (...) nos diversos momentos do processo pedagógico”, sublinhando-se que:

Ser Educador Social é questionar práticas e reflectir sobre o seu próprio papel profissional, ser capaz de se aproximar do seu educando e de lhe conferir um destaque legítimo na construção do seu percurso de vida, valorizando as suas capacidades de aprender a ser, fazer e estar com os outros e valorizando as suas capacidades de aprender a aprender, o seu repertório de experiências. (Azevedo, 2011 citado por Azevedo & Correia, 2013, p.9)

Quanto à Participação, outro conceito transversal, podemos defini-la a partir do Conselho de Europa (s/d, p.7) como um ato ou processo em que:

peçoas ou grupos de indivíduos que têm o direito, os meios, o espaço, a oportunidade e (...) o apoio para expressar livremente as suas opiniões, para serem ouvidos e para contribuir na tomada de decisões sobre assuntos que lhes digam respeito, sendo que as suas opiniões são devidamente tomadas em consideração em conformidade com a sua idade e maturidade.

A esta definição poderíamos acrescentar um dos *Direitos da Criança* (Convenção sobre os Direitos da Criança), numa especificidade do projeto:

Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de actividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.

(UNICEF, 1989, art.31, 2, p.22).

A participação não é no entanto “uma “condição binária: sim ou não. Participação é um *continuum*” (Bienkowski, P. citado por Carvalho, 2016, p.145) e não deverá ser paternalista, mas sim emancipatória e por isso mesmo um processo em que alguns pressupostos devem ser tidos em conta para que se cumpra plenamente: a) Ter-se acesso à informação; b) O sujeito situar-se perante a mesma; c) Compreender-se; d) Tomar posição; e) Mobilização; f) Organização; g) Aceder a fazer cultura; h) Participação ativa (Galinha, Lopes & Loureiro, 2010).

A participação estende-se também, cada vez mais, ao universo virtual, ganhando corpo a ideia de “participação 2.0”, com os fóruns, as votações, os inquéritos *online*, os comentários nas redes sociais, os “gostos”, etc.

Se deixarmos de lado as “falsas” desculpas de circunstância, devemos analisar então porque não participam mais os jovens? Os cidadãos?

Um modelo que procurou dar resposta a esta questão foi o modelo CLEAR (Lowndes, Pratchet & Stoker, 2006 citado por Inducar, 2007, p.16 e Cruz, 2015, p.47-48), segundo o qual:

- 1) **Can – Recursos:** As pessoas envolvem-se e participam quando têm as capacidades e as competências apropriadas para o fazer. (p.ex. se existe alguma limitação física ou mental que impeça a participação);
- 2) **Like – Sentido de Pertença:** Quando se interessam e sentem integradas, parte do grupo ou de alguma comunidade em particular;
- 3) **Enabled – Possibilidade:** Quando têm as condições apropriadas para o fazer (p.ex. se têm transporte para se deslocar ao local, tempo disponível, conciliação com vida familiar, condições do espaço onde decorre a ação);
- 4) **Asked – Mobilização:** Quando são motivadas e encorajadas, é solicitada a sua opinião, participação;
- 5) **Responded – Impacto:** Quando acreditam que o seu envolvimento faz a diferença.

Segundo Bordenave (1983), a participação tem duas bases complementares: a *afetiva*, pela qual nós participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outras pessoas e uma *instrumental*, que nos diz que o fazemos porque consideramos que dessa forma (fazer coisas com outros) torna-se mais eficaz e eficiente do que fazê-lo sozinho.

Daqui se depreende também que:

Participar ou não de um processo de mobilização social é um ato de escolha. Por isso se diz convocar, porque a participação é um ato de liberdade. As pessoas são chamadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não como responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças. (Toro & Werneck, 2007, p.5)

Idealmente, e na medida do possível, tudo deverá partir dos próprios sujeitos envolvidos no processo⁴, dos seus conhecimentos, vivências, princípios e valores, vontades, da sua relação com o tema, e para que isso aconteça deverá haver da parte de quem organiza o processo, um cuidado especial na educação para a participação, estimulando o diálogo de saberes, entre os sujeitos e os “especialistas”, que devem sobretudo escutar e serem facilitadores do processo (Hurtado, 2006).

Um exemplo recente, no domínio da democracia participativa, que parece cultivar interesse junto dos jovens, é o da experiência dos Orçamentos Participativos (OPCJ - Orçamentos Participativos de Crianças e Jovens), o que poderá ser potenciado no futuro, uma vez que também aborda processos de criação de ideias e projetos para resolução de problemas (cf. Tomás, 2008).

Não obstante, nem todos os dispositivos participativos levam necessariamente à participação. É o processo metodológico que incorpora “implicaciones conceptualis, éticas, políticas y metodológicas/pedagógicas” (Hurtado, 2006, p.71), que leva à participação efetiva, e não o facto de se utilizarem as técnicas participativas por si mesmas.

Claro que isto pressupõe diferentes pontos de vista, mudanças, e, mais cedo ou mais tarde, conflitos (inerentes à condição humana). É então que a negociação, enquanto fator de encontro de possíveis consensos, de debate, toma o seu lugar, estando “no centro das formas de acção colectiva relacionadas com a intervenção” (Guerra, 2006, p.34). Em última análise, o que se pretende é que “as pessoas trabalhem em conjunto para gerar contributos tão consensuais quanto possível” (Gouveia, 2016, p.87),

⁴ Para aprofundamento temático sobre os diversos níveis de participação dos jovens, consultar a escala (“escada”) de participação de Rogert Hart que define oito níveis de participação (Costa, 2012, p.11-12).

A participação é um ato de cidadania (um dos mais importantes) e o jovem será sempre um “cidadão em transição” (Artiaga, 2004). No nosso caso concreto, ela manifesta-se de forma particular sobre a forma de Cidadania Cultural⁵ como defendida por Chauí (1995), na qual a “cultura foi pensada como direito dos cidadãos e a política cultural como cidadania cultural”, traduzida pelos direitos “à fruição, à experimentação, à informação, à memória e à participação.” (ibidem, p.83). Chauí introduz ainda a questão da consciência política e defende também, por isso mesmo, o direito à participação nas decisões públicas sobre a cultura. Dos direitos enunciados, destacam-se dois, pela ligação direta à própria Educação Social e ao projeto de intervenção desenvolvido: o direito à criação cultural, permitindo às pessoas serem “sujeitos de sua própria história” e o direito a reconhecer-se como sujeito cultural, “graças à ampliação do sentido da cultura, criando para isso espaços informais de encontro para discussões, troca de experiências, apropriação de conhecimentos artísticos e técnicos para assegurar a autonomia dos sujeitos culturais, exposição de trabalhos ligados aos movimentos sociais e populares.” (ibidem, p.82).

Este princípio, que parece arredado do nosso cotidiano, é inclusive expresso na Carta Internacional dos Direitos Humanos: “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.” (Nações Unidas, 2001, Artigo 27.º).

Tratando-se de um Projeto Artístico de Intervenção Comunitária, podemos assumir que estamos no domínio da Arte e Comunidade.

Muito já se disse (e escreveu) sobre o que é arte, o que é a cultura, e a sua relação com a comunidade, e mais se poderia dizer, mas, de todas as assunções, aquela que ganhou protagonismo nesta reflexão foi, sem dúvida, a que toma como premissa a “concepção de arte como profunda e iminentemente comunitária” (Cruz, 2015, p.37). Se a arte transmite e imprime uma visão do mundo a partir do olhar de alguém, então neste caso o olhar é focado na comunidade e a partir da mesma. Desta forma, definir “arte e comunidade” seria uma espécie de redundância.

No entanto, é importante realçar, no que diz respeito à criação de projetos que pressuponham o envolvimento da comunidade, que a forma como esta é incluída no projeto e nas atividades, de qual o ponto de partida e a relação

⁵ A este propósito, considerar também um conceito análogo, o de Democracia Cultural, como política cultural de terceira geração (Lopes, 2009).

estabelecida no decorrer do mesmo, dará necessariamente origem a termos diferentes na sua identificação, no processo e resultados finais.

Desta forma, e com essa premissa, podemos ter então projetos que se fazem *para, com* ou *pela* comunidade (Nogueira, 2007 citado por Cruz, 2015, p.49).

Esta dialética entre arte e o real, entre arte e comunidade, tem características que a tornam única e de particular relevância para a nossa intervenção, como ressalva Cruz:

A arte inspira-se e revela o real e o objectivo de forma poética e a comunidade precisa da urgência do imaginário e do subjetivo que a arte transporta. Uma das características fundamentais da Arte e Comunidade é que ao mesmo tempo sujeito e objecto se encontram nesta intersecção em busca de outras formas de se construírem significados individuais e colectivos. (Cruz, 2015, p.40)

Como nos dizem Caride Gómez *et al.*, para um “novo mundo”, é necessária uma “nova” forma de encarar a arte e um “outro” tipo de desenvolvimento comunitário:

(...) de “outra” existência, de “outra” globalização, de “outras” comunidades, de “outro” civismo... com o necessário e intransferível protagonismo que corresponde às pessoas como sujeitos da História, às comunidades como actores colectivos, à educação e aos actores educativos como agentes de mudança. A reivindicação não é imprecisa mas concreta na hora de fazer avançar novas esperanças, novas formas de estar e de olhar em redor (para a arte, a técnica, a cultura, a paisagem, a tecnologia, a vida quotidiana)..., de combater o pensamento único e de recuperar os afectos, a criatividade colectiva, a aspiração cooperativa, as empatias, o encontro, o diálogo nas ruas e nas praças, o acolhimento...(Caride Gómez et al., 2007, p.144)

Quanto à mobilização das artes como ferramenta de trabalho e de intervenção na comunidade, é importante realçar que a “criação artística pode ajudar as pessoas a sentirem-se mais capacitadas a intervir em questões locais e globais” (Carvalho, 2016, p.13) e que, para isso, é necessário sobretudo criar o momento e o espaço, pois “cada um encerra em si uma visão artística do mundo, pronta a explodir quando se lhe apresenta a oportunidade; todas as formas de expressão são válidas e devem ser

acarinhadas, independentemente de serem mais ou menos conseguidas, complexas ou inovadoras.” (Ferreira, 2016, p.123).

Avançando um pouco mais nestas ideias, Haft acrescenta:

A cultura – as tradições e as características intelectuais, emocionais, espirituais e materiais de um povo e das suas sociedades – é um agente poderoso para a imaginação social e uma importante fonte de alegria para a comunidade. Expressando a cultura através das artes e das humanidades encoraja as pessoas a acreditarem em si próprias e nas suas comunidades. (Haft, 2016 citado por Vlachou, 2016, p.138) .

Com todos estes aspetos positivos em mente, devemos no entanto estar precavidos para os perigos da instrumentalização da arte, da propaganda, da censura, da autocensura ou mesmo para a criação de falsas expectativas junto da comunidade e/ou de quem apoia os projetos, devendo o foco ser sempre a arte, como nos diz Ferreira (2015):

Se as artes e a cultura são um mediador da relação das pessoas com o mundo, são-no, portanto, na medida em que lhes fornecem competências e experiências que, em si mesmas, têm um poder simultaneamente didático, capacitante e emancipatório. O foco central da ação cultural deve ser a familiarização e a aprendizagem da arte e pela arte e não a resolução dos problemas sociais, que a prática cultural pode no entanto ajudar a enfrentar, tanto no plano individual como societal. (p.51).

Usamos (re)correntemente a palavra Comunidade, que podemos encontrar em qualquer dicionário⁶ e que, de forma geral, nos remete para uma vida em comum, num espaço ou território partilhado, em que há um cuidado e uma atenção para com o outro, onde existem traços identitários característicos do grupo, mas na qual é necessário também haver um respeito pelo indivíduo, sob pena da própria comunidade poder ser uma afronta à liberdade ou à livre expressão, como nos diz Bauman (2003):

⁶ *Comunidade*: Nome feminino; Participação em comum; Conjunto de pessoas que vivem num determinado território, sob um governo comum e partilhando uma herança cultural e histórica, sociedade; Lugar onde vivem estas pessoas; Qualquer conjunto de indivíduos organizado de forma coletiva ou unidos por algum traço comum. (fonte: infopedia.pt)

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (p.134)

Sublinhando esse mesmo perigo, Cruz (2015) diz-nos que a vivência da comunidade abrange tudo, o bom, mas também o ameaçador e o violento, podendo mesmo chegar a situações extremas⁷ (e a história da Humanidade está cheia de episódios negros que o confirmam).

Apesar de a escola fazer parte da comunidade e dela própria também ser uma comunidade educativa, o conceito de comunidade aqui empregue, pretende designar o território no entorno, a aldeia, os grupos, as instituições, as pessoas, que se situam geograficamente fora da escola.

Preconiza-se assim, na ligação dos alunos e professores à comunidade, uma “ação educativa que incida na formação de indivíduos conhecedores da sua realidade próxima e ativos na participação comunitária” (Caride Gómez et al., 2007)⁸.

Ainda antes de *uma atuação no terreno*, ou seja, antes de se partir para o trabalho *com e na* comunidade, o projeto contemplou um período inicial de Educação Artística ligada, maioritariamente, ao cinema mas também, à fotografia e às artes plásticas (mural), um período intenso experimental, “formativo”, preparatório da ação.

A Educação Artística é consubstanciada na contribuição que dá “para uma educação que integra as faculdades físicas, intelectuais e criativas e possibilita relações mais dinâmicas e frutíferas entre educação, cultura e arte.” (UNESCO, 2006, Roteiro para a Educação Artística, p.6). Está também consagrada nos *Direitos da Criança*, enquanto processo criativo/expressivo:

A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem

⁷ “Em comunidade partilhamos, construímos, sonhamos, mas também discriminamos, odiamos e até matamos” (Cruz, 2015, p.55)

⁸ “Com a comunidade e a cultura, devem as escolas permitir o desenvolvimento autónomo e independente, ou seja, uma acção educativa que incida na formação de indivíduos conhecedores da sua realidade próxima e activos na participação comunitária, constituindo-se estes como uma verdadeira alternativa ao conhecimento e inserção na realidade.” (Caride Gómez et al., 2007, p.283)

considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.

UNICEF, 1989, Convenção sobre os Direitos da Criança, art.13, 1, p.11

Para além do valor intrínseco que possui⁹, a Educação Artística pode ser também uma poderosa aliada do processo educativo em si, trazendo valiosos contributos no âmbito das competências gerais como sejam o “espírito de cooperação e de trabalho em grupo; a capacidade de coordenação e de autodisciplina; a compreensão de si e dos outros; tolerância e abertura para o diálogo intercultural; (...) espaço privilegiado de experimentação de novas metodologias de trabalho” (Ferreira, 2015, p.51).

Para isso, a escola deverá também (saber) adaptar-se a este ensejo, pois terá de ser necessariamente uma outra escola¹⁰, com mais espaços laboratoriais, de experimentação, flexibilidade, com mais atividades práticas e de contacto com o exterior, com a comunidade, que coloque os alunos a refletir criticamente, desenvolvendo a responsabilidade e a autonomia, trabalhando também por objetivos, sabendo trabalhar em grupo e em projetos, e isto, como sabemos, não é prática corrente no ensino em Portugal (ainda que “faróis” desponham aqui e ali, como é exemplo a escola da Ponte¹¹).

A Educação Artística poderá e deverá ser usada e aplicada em todas as disciplinas ditas “não artísticas” (ex. matemática ou português)? Ou só em algumas? Deverá ser uma disciplina autónoma? Multidisciplinar? Ou dividida em várias, cada uma com a sua própria linguagem artística (teatro, dança, música, cinema)? Dentro do horário curricular? Integrada em projetos? Em AEC – Atividades Extra Curriculares? Não sendo este o cerne da presente investigação, estas questões serão, necessariamente, reflexões futuras.

A arte permite associar o conhecimento abstrato à prática, pois é eminentemente performativa e, por esta razão, é facilitadora dos processos de aprendizagem; por um lado, por ser um processo livre, que estimula a criatividade, reforça competências no

⁹ “Os estudos psicopedagógicos sobre a formação da personalidade, mormente os decorrentes da psicologia dinâmica, têm vindo a demonstrar a importância da expressão artística em todas as idades, sobretudo na evolutiva.” (Santos, 2008, p.19)

¹⁰ Cf. “Jovens, escola e cidadania”, (Matos, 2006)

¹¹ Cf. “Escola da Ponte”, <http://www.escoladaponte.pt/descricao.html> (página oficial)

âmbito da resolução de problemas e do encontro de novas soluções (...) preparando os seus praticantes, não só para a vida profissional, como para uma melhor cidadania e participação na vida pública. (Gaspar, 2014, p.9)

Mas fazê-lo (reivindicar a educação artística) também implica defender um modelo determinado de sociedade, uma forma específica de entender a vida e de a viver. Por isso, a causa da educação artística é a causa de um modelo de sociedade assente na pessoa humana como humana, na civilização e numa cultura baseada na relação e no encontro. (...) pois somos humanos porque somos arte. (Lopes, Pereira & Vieites, 2014, p.12)

Centrando a questão nas *imagens em movimento*, no Cinema, que “não é só uma língua, mas uma língua universal, não comparável a mais nenhuma” (Aumont & Marie, 2009, p.52), e dentro deste, no Documentário, termo pouco dado a consensos¹², mas que, numa tentativa de ter uma base de discussão, podemos considerar como tendo “quase sempre um carácter didáctico ou informativo, que visa sobretudo restituir as aparências da realidade, mostrar as coisas e o mundo tal como são” (Aumont & Marie, 2009, p.79), não deixando de ser uma certa “construção do real”¹³, de um olhar pessoal, mesmo que coletivo, sobre essa realidade que se nos apresenta, como de resto todo o cinema o é (ou deveria ser).

E a realidade também é influenciada por muitos fatores. Só o facto de estar uma câmara no local, de se tomarem opções para planos e enquadramentos, de haver limitações físicas, técnicas, humanas, temporais, com as quais temos de nos confrontar, de estar uma equipa de filmagens no local, “estranha” ao quotidiano das pessoas, das questões colocadas às pessoas entrevistadas serem umas e não outras, do perfil do entrevistador, da confiança... tudo isso alterará comportamentos, o que, aliado às escolhas que se irão fazer posteriormente na montagem do filme (cortes, ritmo, encadeamento, cor, música...), criará uma narrativa final única (com o mesmo tema, no mesmo local, com as mesmas pessoas, podem-se fazer dois filmes completamente diferentes). Haverá sempre *filmes dentro de filmes* e vários para se chegar a um final: um “filme” inicial (planeado, no guião), um que se conseguiu filmar

¹² “A evolução das histórias das formas do cinema demonstra que as fronteiras entre documentário e ficção nunca são fixas e que variam consideravelmente de uma época para outra e de uma produção nacional para outra” (Aumont & Marie, 2009, p.80)

¹³ Cf. “Documentira: A construção do real” (Guimarães & Saguenail, 2008)

(gravações) e um filme finalizado (editado). Acresce o facto de que, quando o exibimos ao público, não é o acontecimento filmado que está presente mas o “fantasma dessa realidade passada” (Lopes, 2007, p. 20).

Portanto, o mais correto é assumir o documentário como “uma interpretação criativa da realidade, que assume a intervenção da câmara e as opções de montagem como um olhar subjectivo” (Candeias, 2003, p.13).

Abordando a questão do Cinema e Educação, refira-se que este projeto, perseguindo uma ideia de “cinema em ação”, não pretendeu criar um programa de análise fílmica ou de descodificação da linguagem, de acesso ao cinema enquanto espaço físico, de criação de novos públicos, de instigar uma educação do olhar ou de promover o acesso a outras filmografias/cinematografias (e tudo isso seriam e são razões e propósitos válidos, importantes e urgentes¹⁴), mas a opção foi claramente a criação no saber-fazer.

Explorando as potencialidades desta arte relativamente recente, comparada com as outras que a antecederam¹⁵, Lopes (2007) formula um desejo “secreto”:

o cinema deve ser o agente de uma nova educação que dote o sujeito de uma razão sensual, isto é, de uma razão estética que saiba debruçar sobre si mesma e saiba explorar as possibilidades de um mundo melhor, de uma sociedade de não-excluídos. (p.36-37)

Quanto ao uso dos audiovisuais na escola, Benavente e Ponte (1989, citados por Santos, 2013, p.23) identificam os seguintes aspetos decorrentes do seu uso:

- 1) “Facilitam da apropriação do saber e do saber-fazer, facilitam a relação com o conhecimento para sectores importantes de público escolar tradicionalmente marginalizado e excluído do sistema de ensino”;

¹⁴ Cf. “Por dentro do filme – O papel do Cinema na escola” (Lobo, 2014); “Por dentro do filme – os instrumentos de análise fílmica” (Mateus, 2014); “O olhar fílmico na construção do pensamento dos alunos” (Cerqueira, 2014) e Lopes (2007).

¹⁵ O cinema é apelidado de 7ª arte (termo estabelecido por Ricciotto Canudo no "Manifesto das Sete Artes" em 1912, publicado em 1923).

- 2) “Oferecem ao professor uma diversidade de linguagens e daí, uma maior diversidade de conhecimentos, no modo de os abordar e de os transmitir. Facilitam a diversificação do processo de ensino-aprendizagem e a diferenciação de práticas”;
- 3) “Possibilitam, para públicos escolares socialmente mais afastados da cultura letrada, a ligação com aprendizagens realizadas noutros espaços sociais”;
- 4) “São um instrumento privilegiado de comunicação intra e intercultural, ou seja, um elemento de democratização das práticas da escola e relação com as práticas e saberes dos meios sociais e culturais de referência dos alunos”;
- 5) “A utilização activa dos audiovisuais contempla objectivos culturais da Escola, nomeadamente a formação para a crítica de informação e, para a sua selecção e produção. Numa sociedade mediática e invadida pela informação, não será este um dos objectivos menores da instituição: o da formação para consumo crítico e uma participação criteriosa.”

Houve ainda um cruzamento com a anunciada Educação para os Media¹⁶, “processo pedagógico que procura capacitar os cidadãos para viverem de forma crítica e interventiva a *ecologia comunicacional* dos nossos dias” (Pereira, Pinto, Madureira, Pombo & Guedes, 2014, p.5), que a Direção-Geral de Educação pretende generalizar no ensino e segundo a qual, entre diversos tópicos, os alunos, deverão ser incentivados a “compreender o mundo atual”, “a explorar o potencial das TIC para pesquisar e aprender a produzir conteúdos” e “encorajados a produzir conteúdos, envolvendo-se num processo de explorar, planear e fazer.” (ibidem, p.15.). Todos estes campos foram abarcados pelo projeto FOCO.

Ainda de acordo com o uso das TIC - Tecnologias da Informação e da Comunicação no projeto, Moriche e Badesa (2015) apresentam-nas como sendo um complemento à própria dinamização social, permitindo assim a manifestação de mais um espaço que permita a comunicação e a participação. No mesmo sentido, González (2011 e 2012), propôs a *ciberanimação*, fundamentada no “conhecimento partilhado em rede, na análise interativa da realidade social e na tomada de decisões colaborativas” (2012, p. 373) composta por estratégias e recursos complementares à

¹⁶ Ver:
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial_educacao_media_2014.pdf;
http://erte.dge.mec.pt/publico/edmedia/Tratar_os_Media_por_Tu_Guia_pratico_de_EpM.pdf.

intervenção sociocultural “física”, de carácter individual, de carácter comunicacional e por fim de carácter organizacional que incluem aspetos importantes e diferenciadores como: 1) a criação de identidades múltiplas partilhadas; 2) a comunicação interativa; 3) a narrativa multimédia e hipertextual; 4) a autoria coletiva; 5) a participação em rede; 6) o trabalho e os projetos colaborativos; 7) optimização e qualidade: indicadores (2011, p. 225-226).

Estes (novos) elementos, específicos da cultura digital, trouxeram importantes possibilidades para este projeto como: a possibilidade de os alunos colocarem diretamente conteúdos *online* através da plataforma *Edmodo*; a possibilidade de colocarem comentários nos *posts* das sessões ou inclusive, criarem os seus próprios *posts*; criar um *avatar* em animação para a sua identificação no perfil; permitir a confluência de diferentes linguagens expressivas (poderem escrever, colocar música, fotos, vídeos...); pesquisar e trocar informação de forma mais rápida e acessível; a plataforma permitiu inclusive criar mini-grupos por escola. Ou seja, a informação poderia ser partilhada com o projeto no seu todo (3 grupos) ou só com membros da sua turma; permitiu também aos pais que assim o entenderam, poderem seguir o projeto; numa horizontalidade democrática, uma vez que o professor e o coordenador tinham os mesmos acessos e possibilidades dentro da plataforma que os alunos, permitiu, desta forma colaborativa, que os resultados finais fossem de autoria coletiva. Por fim, as redes sociais como o *Facebook*, aquando da divulgação das exposições, permitiram também comunicar de forma mais alargada e obter retorno, implementando-se uma maior interatividade e a possibilidade de recolher indicadores de participação (p.ex. estatísticas como o nº de visualizações ou comentários).

Perante esta nova perspetiva, face à imaterialidade da cultura digital, esta questão autoral é interessante (autoria coletiva), pois a tónica deixa de estar no produto, no autor, para estar agora no processo, dando lugar à “criação e à comunicação como factor determinante das dinâmicas socioculturais” (Gonzalés, 2011, p. 215)

Poderemos também, nesta nova realidade, assumir que as TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação converteram-se em TEP - Tecnologias da Capacitação e da Participação (Reig, 2012, citado por Moriche & Badesa, 2015, p.284).

Tendo em conta todos os conceitos enumerados anteriormente, concebeu-se e materializou-se um projeto, operacionalizado por grupos de trabalho, com base nos princípios da Educação Não Formal, defendida por Canário (2006, p.196), em que

temos uma “aprendizagem de coisas que não são ensinadas (...) que não obedecem aos requisitos do modelo escolar”, ao qual Gohn (2014) acrescenta, destacando a importância para os jovens:

conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais¹⁷ (...) é uma ferramenta importante no processo de formação e construção da cidadania das pessoas, em qualquer nível social ou de escolaridade, destacando, entretanto, sua relevância no campo da juventude. Pelo fato de ser menos estruturada e mais flexível, consegue atingir a atenção e o imaginário dos jovens (p.40,42).

Foi também uma forma de a escola “sair de portas” (um dos objetivos enunciados) e ir ao encontro do território onde se insere, indo à procura de um outro saber, inscrito e vivido na comunidade, valorizando-o, numa tentativa de reconhecimento reconciliatório entre o mundo acadêmico e a “escola da vida”. Como nos diz Espiney: “A casa, a rua, os grupos presentes na comunidade são também eles produtores de saberes necessários, pois a educação, como processo de desenvolvimento, deve centrar-se no grupo de inserção do indivíduo e não apenas no indivíduo” (Espiney,1995 citado por Santos, 2002, p.2).

Nesta linha de pensamento, uma possibilidade futura (que nalguns casos é presente), poderá ser também a de transformar as próprias comunidades em espaços de aprendizagem mais estruturada, como as “comunidades de aprendizagem”¹⁸ ou as “redes de cidades educadoras”¹⁹ ou ter a assunção de que qualquer local, pessoa,

¹⁷ “Um processo com várias dimensões, dos quais destacamos: “a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica” (ibidem, p.40-41).

¹⁸ “Comunidade de Aprendizagem - A concepção e desenvolvimento de um projeto educativo é um ato coletivo, tem sentido no quadro de um projeto local de desenvolvimento, consubstanciado numa lógica comunitária e pressupõe ainda uma profunda transformação cultural.” (Prof. José Pacheco)” Cf. <http://www.educacaoviva.pt/comunidades-de-aprendizagem.html>

¹⁹ Cf. Rede Portuguesa de Cidades Educadoras: <http://www.edcities.org/rede-portuguesa/>

situação, poderá constituir motivo de aprendizagem, sobretudo aprendizagem não-formal (cf. Nico & Nico, 2009). Note-se que os jovens parecem aderir mais facilmente a aprendizagens desta natureza, porventura por serem mais significantes e por terem possibilidade de participar ativamente, por vezes valorizando competências que não são valorizáveis num contexto de “sala de aula”.

Para além disto (e em função disto mesmo), a educação não-formal promove o desenvolvimento de métodos de aprendizagem participativos, baseados na experiência, na autonomia e na responsabilidade de cada aluno, sendo que, “em educação não-formal, a forma é conteúdo” (Pinto, 2005b, p.5), possuindo algumas características distintivas:

- Processo de aprendizagem social, centrado no formando/educando, através de actividades que têm lugar fora do sistema de ensino formal e sendo complementar deste.
- Voluntária e não-hierárquica por natureza.
- Formatos diferenciados em termos de tempo e localização, número e tipo de participantes (formandos), equipas de formação, dimensões de aprendizagem e aplicação dos seus resultados.
- O que não implica que não seja um processo de aprendizagem estruturado, baseado na identificação de objectivos educativos, com formatos de avaliação efectivos e actividades preparadas e implementadas por educadores altamente qualificados.
- Em educação não-formal, os resultados da aprendizagem individual não são julgados. Isso não significa, no entanto, que não haja avaliação. Ela é, regra geral, inerente ao próprio processo de desenvolvimento e integrada no programa de actividades. Assume vários formatos e é participada por todos.

(ibidem, p.4)

A própria Metodologia de Projeto, é fulcral num trabalho desta natureza com os jovens, pois os projetos são portadores de abertura, de ligações, da própria turma (Garnier, P., 2003 citada por Pinto, 2005a)²⁰, e há um “valor acrescentado trazido por

²⁰ “Os projectos são portadores de abertura, tanto ao nível dos conteúdos, quanto às metodologias de aprendizagem e à pedagogia utilizada, quanto ainda ao nível das relações de parceria que se estabelecem dentro e fora da sala de aula. Os projectos são portadores de ligações, tanto no âmbito do quadro escolar formal – potenciando a interdisciplinaridade na aprendizagem – quanto na relação entre a escola e outros meios educativos – potenciando a

um projecto, no qual os alunos se envolvam e através do qual descubram o prazer da aprendizagem, o estímulo para o conhecimento e um conjunto de relações novas com os outros e consigo próprios.”(ibidem, p.5).

À luz destes princípios e na consecução deste projeto, utilizaram-se diversas metodologias, com destaque para as que são participativas. Foram selecionadas duas técnicas participativas, Vídeo Participativo e a Foto-Voz, que permitiram aos sujeitos culturais ganharem voz e presença através dos media, que lhes são comuns e de fácil acesso e, também, concorrer para o próprio desenvolvimento da sua Educação Artística.

A Foto-Voz é, antes de mais, um processo para a recolha de informação sob a forma de imagens às quais depois se “juntam” comentários orais ou escritos do próprio(s) sujeito(s), mas também constituem um “estímulo para que as crianças e jovens envolvidos expressem através de uma linguagem alternativa e visual os seus interesses, preocupações e questões que os afetam diretamente através da produção de fotografias como instrumento de manifestação e projeção de voz.”²¹. (Meirinho, s/d, p.3).

Quanto ao Vídeo Participativo, este consiste num conjunto de técnicas para envolver um grupo ou uma comunidade no desenvolvimento e criação do seu próprio filme. Assumindo que hoje em dia é fácil e acessível a realização de um filme/vídeo documentário, sendo este processo uma ótima forma de juntar as pessoas para explorar assuntos/questões, preocupações/problemas ou, simplesmente, para explorar a criatividade e a capacidade de contar histórias. Este processo pode ainda ser muito *empoderador*, permitindo ao grupo ou à comunidade agir para resolver os seus problemas e também para comunicar as suas necessidades e ideias aos decisores e/ou a outros grupos e comunidades (Lunch & Lunch, 2006)²².

Sobre a *Comunicação*, muito já se disse dado a sua transversalidade, mas não se pode deixar de referir que ela foi o *fogo* que alimentou continuamente o processo,

articulação entre a educação formal, não-formal e informal. Os projectos são *portadores da própria turma*, funcionando como um género de alavanca emocional, relacional e cognitiva que permite transformar a prática pedagógica numa numa ‘prática apetitosa’ ” (Pinto, 2005a, p.5-6).

²¹ Mais informações: www.photovoice.org

²² Mais informações: www.insightshare.org

pois para lá do caráter institucional (autorizações, pedidos de apoio...), da operacionalidade (transmitir recados, combinar datas de gravação, fazer telefonemas...), da passagem de conhecimento técnico (como funcionar com a câmara de filmar, o que são planos e enquadramentos...), foi também com base nela que o grupo se motivou e criou a resiliência necessária para levar este projeto a “bom porto”. Dada a sua importância em todo o processo, o processo de comunicação com os participantes terá um desenvolvimento detalhado na Parte II deste documento.

1.2. Roteiro Ético - Todos a bordo e informados

“O mais importante reside no respeito incondicional pelo outro,
na sua *liberdade, dignidade e diferença.*”
(Perdigão, 2003, p.487)

Sendo o ES, por excelência o “profissional da relação, trabalhando em territórios de contacto e proximidade, ajudando a esboçar uma proximidade humana, feita de laços humanos e comunitários” (Azevedo & Correia, 2013, p.9) é por demais evidente a importância das questões éticas e deontológicas no exercício da sua função/profissão e na relação que estabelece com os demais intervenientes: participantes da investigação, comunidade de investigadores, com os estudantes e os profissionais da educação, com os promotores e colaboradores da investigação e com as comunidades e sociedade em geral (SPCE - Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2014).

Em relação aos participantes da investigação (alunos), e na relação destes com os restantes profissionais, alguns princípios retirados da Carta Ética da SPCE foram tidos em conta logo de início, dando origem a um Roteiro Ético, consolidado pelos fatores:

1) *Consentimento informado* [após a passagem de informação do que seria o projeto, tiveram o direito a participar ou não, manifestando-se oralmente ou através da declaração/autorização que tiveram de preencher os encarregados de educação (Anexo A e Figura 2), uma vez que se tratam de menores de idade]. No caso concreto deste projeto, que passa pela captação de imagem e som, estas questões são ainda mais sensíveis, pelo que tiveram também de dar a sua anuência para esse efeito (direitos de imagem) e a sua posterior partilha *online*.

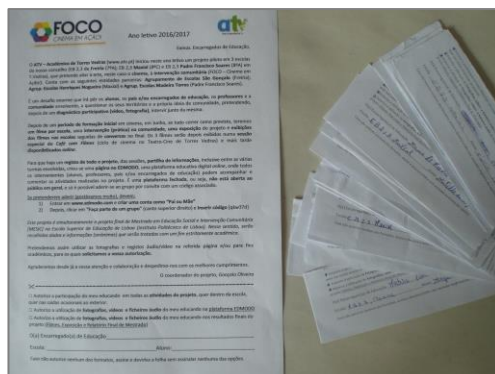


Figura 2. Solicitações de autorização enviadas aos encarregados de educação

As pessoas entrevistadas nos documentários, foram devidamente informadas do teor do projeto e da sua finalidade, dando o seu consentimento sobre as várias questões.

2) Os participantes têm direito:

- a) confidencialidade/privacidade, quer dentro do grupo, quer na seleção da informação que pretendem partilhar com o coordenador p.ex.;
- b) acesso a toda a informação necessária à participação, ao longo do projeto e não apenas de início;
- c) a desistirem de participação, em qualquer altura, se assim o entenderem;
- d) benefícios e respeito pela integridade (SPCE, 2014, pp. 7-10).

A relação do coordenador do projeto com todos os participantes, tentou sempre pautar-se por “atitudes de sensibilidade relacional e de profissionalismo, em consonância com os princípios fundamentais da relação pedagógica, de responsabilidade, respeito mútuo, integridade e competência” (ibidem, p.13).

No final do processo, envolveram-se os intervenientes na avaliação do projeto de diversas formas (ver ponto 2.11.) e convocou-se a comunidade para os vários momentos de exibição dos filmes, numa lógica de devolução. Para além disso, foram divulgados publicamente os endereços eletrónicos de todos os filmes, podendo os mesmos ser visionados ou descarregados gratuitamente da internet. Foi também entregue uma cópia do filme a cada uma das escolas.

Sobre a autoria, o filme resultante derivou de um processo coletivo, de uma co-criação, pelo que, se considera que toda a turma foi co-autora do resultado final, intenção transmitida logo de início e inscrita nos créditos do filme.

1.3. Mapa Conceptual

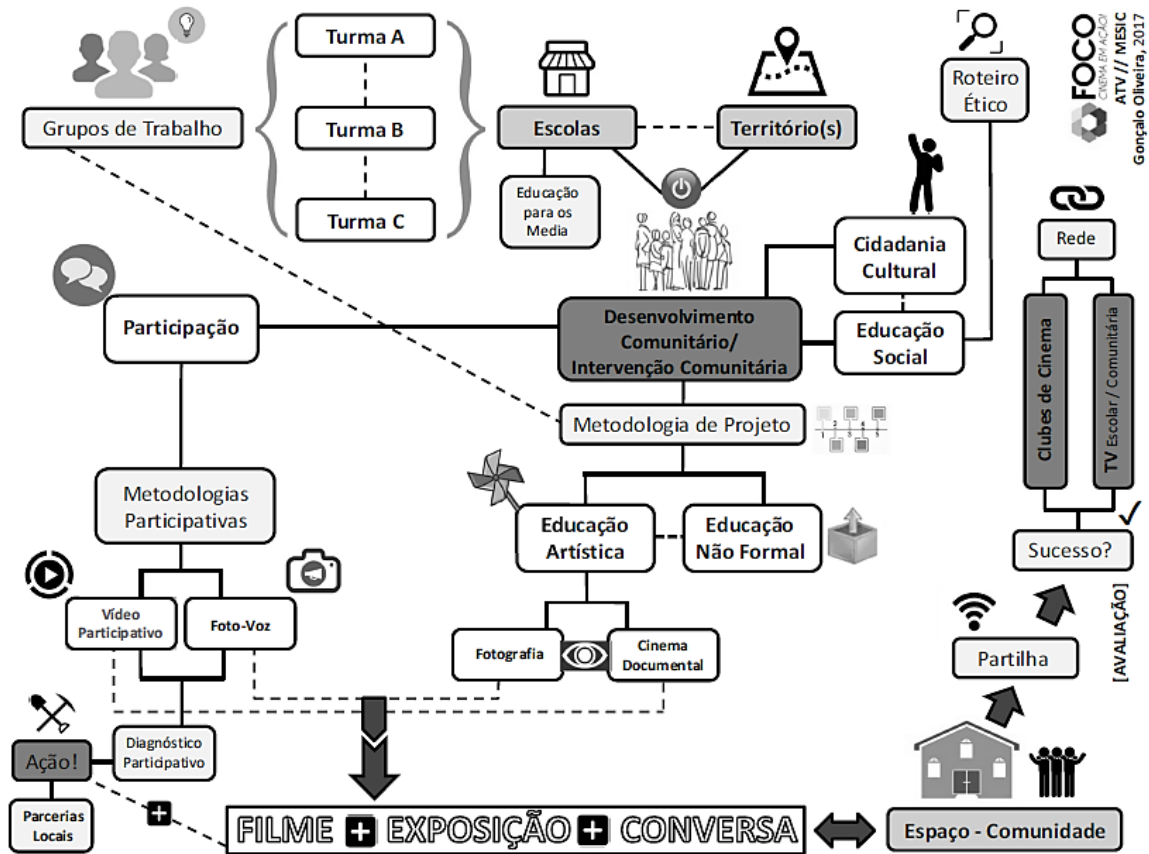


Figura 3. Mapa conceitual do projeto "FOCO – Cinema em Ação!"



***Hoy en día pocos participan en muchas cosas y muchos en ninguna.
El proceso comunitario trabaja para que hayan muchos participando poco.
Decir o pensar que toda la comunidad participa no es una utopía sino una
estupidez.***

(Marchioni, 2001, p.26-27)

***Se nos fechamos sobre nós próprios, isso é terrível. É quase como o fascismo.
Não entrar em relação com o mundo não pode ser. Isso empobrece-nos imenso.***

Miguel Lobo Antunes, Programador cultural e
membro da administração da Culturgest²³

***Toda a abordagem (do cinema) documental é fundamentada na curiosidade por
conhecer e por dar a conhecer.***

(Candeias, 2003, p.12)

***Primeiro de tudo deixava-nos à vontade e depois procurava sempre adaptar as
aulas aos objectivos do curso, propondo-nos, por exemplo, que fizéssemos uma
peça de teatro ou um vídeo a partir de excertos dos livros que são obrigatórios
no 12.º ano.***

Marta Martins, 20 anos²⁴

²³ Excerto de uma entrevista a Miguel Lobo Antunes, concedida ao Diário de Notícias, intitulada «Culturgest tenta contrariar "mercantilização" da cultura» a propósito da comemoração dos 20 anos da Culturgest ocorrida em 2013 (Mourato, 2013).

²⁴ Opinião de um estudante, a um jornal diário, sobre o uso das novas tecnologias no ensino, e do professor que as implementava, e o quanto foi importante para si essa experiência no ensino secundário (Viana, 2016).

PARTE II

Pesquisa, Grupos de Trabalho, Entrevistas, Câmara...

[Ação!]

2.1. Metodologia

Como já foi referido anteriormente, este estudo recorreu à observação participante, pelo que, enquanto investigador, integrei o grupo que levou por diante este projeto. Os demais participantes envolvidos foram, igualmente, sujeitos ativos, uma vez que este projeto “era a favor de uma educação crítica e libertadora, que reveja profundamente os modos de educar e de educar-se na sociedade, os papéis dos educadores e dos educandos, as teorias e as práticas educativas, dentro e fora das aulas” (Caride Gómez, 2011, p.121). Procurou-se incentivar o saber-fazer, dentro de uma realidade, trabalhando consciência social e cultural.

Trata-se de uma investigação exploratória descritiva, aplicada em campo, qualitativa, ancorada no paradigma sócio-crítico, de acordo com Coutinho (2011), caracterizado por vários fatores, que considero terem sido peça-chave deste projeto: “Maior dinamismo na forma de encarar a realidade, maior interatividade social, maior proximidade do real pela predominância da *praxis*, da participação e da reflexão crítica, e intencionalidade transformadora” (p. 312).

Os participantes desta investigação foram as turmas e respetivos professores que aderiram ao projeto, constituindo-se os mesmos, numa amostra não probabilística, intencional, por conveniência.

Quanto aos instrumentos e técnicas utilizadas na avaliação, constituíram-se como um importante contributo para análise *ongoing* e final do projeto, contributos esses, dados quer pelos alunos e professores, quer pelos membros da comunidade ou pelos espectadores/público que assistiram aos produtos finais (filmes, exposições de fotografia, mural) ou que tomaram contacto com o projeto à posterior:

- Observação direta;
- Conversas informais, individuais e em grupo;
- Entrevistas (semiestruturadas) para o *making of*, (alguns alunos e professores);
- Inquérito por Questionário (todos os alunos);
- Conversas realizadas no final das apresentações (antestreias e estreia), registadas em vídeo;
- Comentários registados no *Edmodo*;
- Registos vídeo e fotográfico, ao longo e no final do projeto;

- “Livro de Mensagens” com *feedback*/comentários à apresentação do filme na Freiria;

- Comentários nas Redes Sociais após a apresentação dos filmes;
- Número de visionamentos *online* dos filmes;
- Diário de Campo (Coordenador).

Sobre a questão orientadora, objetivos, “razão de ser do projeto”, encadeamento e plano de ação do mesmo, falaremos nos pontos que se seguem.

2.2. O início de tudo: Uma história que vem de trás

A instituição promotora do *FOCO – Cinema em Ação!* foi o ATV – Académico de Torres Vedras, associação que promove várias atividades, entre elas o cinema²⁵.

Por diversas vezes, foi abordado em conversas informais com alguns professores que participavam das atividades do ATV (sobretudo no *Café com Filmes Escolas*²⁶) que seria interessante criarem-se Clubes de Cinema nas escolas. Ou, pelo menos, dar a possibilidade aos alunos, não só, de verem, mas também, de criarem os seus próprios filmes.

A ideia foi sendo amadurecida e, com a conjugação de uma série de fatores, entre os quais a frequência do mestrado objeto desta dissertação, foi possível ser lançada, permitindo que o projeto pudesse, finalmente, arrancar no ano letivo 2016/2017, com três turmas, em três agrupamentos de escolas distintos.

²⁵ Ver mais informações sobre a associação no capítulo “Dentro e fora da escola: Território, instituições e comunidade(s)”.

²⁶ Atualmente inclui dois ciclos de cinema, de âmbito pedagógico, no Teatro-Cine de Torres Vedras, resultante de objetivos e parcerias diferentes:

- “O Cinema Ajuda-Nos a Crescer”, para escolas do 2º, 3º ciclo e secundário, onde são exibidos filmes sobre temas fraturantes (divórcio, *bullying*, sexualidade, racismo, exclusão social...), ao qual está associada depois uma ficha de exploração, para trabalho em contexto de sala de aula. Para além disso, nas escolas de 2º e 3º ciclo onde o ATV já desenvolve o projeto *Atitude Positiva*, os técnicos do projeto colaboram com os professores na dinamização das temáticas dos filmes com as turmas, nomeadamente através de *Ações de Informação e Sensibilização*. Atividade que resulta da parceria com a associação Zero em Comportamento.
- Existe depois uma segunda programação, também para o 2º, 3º ciclo e secundário, que iniciará em janeiro de 2018, mais vocacionada para a criação de novos públicos, resultante de uma parceria com o PNC – Plano Nacional de Cinema (“O Cinema Está à Tua Espera”).

Programação 2017/2018 em:
http://www.atv.pt/ficheiros/documentos/cartaz_ccfilmes_escolas_2017_2018.pdf

2.3. Problematização: Pontos de partida, questão orientadora e objetivos

Houve desde o início duas forças motrizes mobilizadoras, que funcionaram como pontos de partida e que impulsionaram a intervenção:

Por um lado, observa-se que a escola está muito fechada sobre si mesma, seja em virtude das *forças concentradoras* resultantes dos mega-agrupamentos, que obrigam a um aumento de articulação com as outras escolas, daí condicente um aumento da carga burocrática com reuniões, distâncias, relatórios e autorizações, com natural perda de autonomia.

Assiste-se ainda a um aumento das normas de segurança (vedações, cartões, controlo constante sobre os alunos, medo que aconteça algo, pressão dos encarregados de educação), à falta de recursos, de energia, de tempo, de desvalorização do papel do professor, falta de solidariedade entre pares, da perda de espaços vitais de trabalho em grupo e interdisciplinares como a “Área Projeto” que existia e que permitia anualmente o trabalho sobre um tema, com contributos que eram aportados de várias disciplinas, mas funcionando de forma um pouco diferenciada do dia-a-dia das escolas/disciplinas.

Chegamos então ao ponto fulcral em que temos a *escola e a comunidade*, dois campos separados, e foi-se perdendo uma certa relação umbilical de “caminhar conjunto e interligado” que provinha e respirava naturalmente, que era resultante também da escala, sobretudo nos espaços rurais.

A individualização da sociedade e, por inerência, da perda de espaços sociais coletivos, também não contribuem para este processo.

Não obstante o facto de ser um agente de relação e intervenção junto da comunidade por excelência, foi crescendo o isolamento das escolas, como se não tivessem um lugar central a desempenhar no desenvolvimento, não só do território onde se inserem, mas também dos alunos, que se querem cidadãos de pleno direito e não apenas “números numa engrenagem”.

Por outro lado, a Educação Artística, que tem um papel importante de mediação com o mundo, o outro e os universos internos de cada um, vai perdendo terreno e lugar nos planos educativos, por falta de valorização, de “utilidade” para a sociedade, “de tempo”, de disciplinas dialogantes e percursoras, com o conseqüente desgaste dos professores, que alimentam ainda assim algumas atividades e clubes,

por vezes por paixão e a expensas do seu tempo pessoal, com os alunos sobrecarregados com atividades e trabalhos, dentro e fora da escola, com pais sem tempo para os acompanhar, com poucos recursos e dotações, com o menosprezo das instituições oficiais, da obsessão por *rankings* e desempenhos, que não espelham esta realidade.

Com isto em mente, e o que vinha de trás, surge assim a questão orientadora: “Que papel podem ter a arte e a cultura, nomeadamente o cinema, no desenvolvimento comunitário, inseridas num processo participativo, que mobiliza a escola para uma intervenção junto do seu(s) território(s)?”

O que levou imediatamente a uma série de pontos de interrogação, desafiadores, relacionados com modo de funcionamento da escola, da relação entre a escola/turma e a comunidade, bem como, entre a própria turma, também ela uma micro-comunidade.

Foi preciso perceber em que moldes poderia o projeto desenrolar-se na escola. O que seria possível e o que seria mais vantajoso: dentro do horário curricular, autonomamente ou articulado com as disciplinas já existentes? Ou extra curricular? Quais as implicações de uma e outra opção?

É a mesma coisa fazer este projeto com uma turma de uma escola na cidade (Torres Vedras) do que num contexto mais rural²⁷ (Maxial e Freiria)?

Deve a arte bastar-se a si mesma ou pode efetivamente ser uma ferramenta pedagógica junto das escolas, numa lógica diferenciada e não formal? Isso é instrumentalizar a arte e “corromper” o processo artístico?

Os audiovisuais são uma realidade nas escolas? E como é que estes podem contribuir para o processo educativo?

Estes foram alguns dos pontos de partida para esta reflexão/criação do projeto e que, sistematizados, originaram os seguintes Objetivos Gerais:

1) Ampliar o sentido crítico e a reflexão dos jovens sobre a(s) realidade(s) onde vivem, promovendo a aproximação da escola ao território e às comunidades locais.

2) Capacitar os alunos e professores para o uso dos audiovisuais, particularmente, do cinema/vídeo, na perspetiva da Educação Artística.

²⁷ Para aprofundamento desta questão ver o artigo: “A comunidade dança? Reflexão sobre projetos de intervenção artística em contextos rurais” (Guimarães & Neves, 2013)

3) Envolver os participantes em atividades decorrentes da Educação Não Formal, que promovam as Metodologias Participativas.

E que mais tarde, desenvolvidos, deram origem aos Objetivos Específicos (Tabela 1):

Tabela 1

Relação entre Objetivos Gerais e Específicos do Projeto

OBJETIVOS GERAIS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
<p>1. Ampliar o sentido crítico e a reflexão dos alunos sobre a(s) realidade(s) onde vivem, promovendo aproximações da escola ao território e às comunidades locais.</p>	<p><i>O projeto pretende contribuir para:</i></p> <p>1.1. Estreitar laços entre a escola e a comunidade.</p> <p>1.2. Promover a preservação do património material e imaterial local.</p> <p>1.3. Idear, planejar e realizar um filme por cada grupo participante.</p> <p>1.4. Idear, planejar e concretizar um Mural Comunitário.</p> <p>1.5. Apresentar publicamente os “produtos finais” do projeto, em espaços comunitários externos à escola, incentivando os alunos a serem os anfitriões do evento.</p>
<p>2. Capacitar os alunos e professores para o uso dos audiovisuais, nomeadamente do cinema/vídeo, na perspetiva da Educação Artística.</p>	<p>2.1. Utilizar o vídeo de forma consciente, refletida, apreendendo a linguagem e técnica audiovisual, os equipamentos, possibilitando e incentivando ao seu uso para além do período temporal do projeto</p>

	<p>(trabalhos escolares, blogues, tutoriais...)</p> <p>2.2. Utilizar uma plataforma <i>online</i> (<i>Edmodo</i>) que, para além de permitir a comunicação e interatividade durante o projeto, permitirá também que todas as sessões de trabalho, ferramentas, tutoriais, etc. fiquem disponíveis ao grupo após o término do mesmo.</p> <p>2.3. Potenciar possíveis projetos/trajetos de vida na área profissional do audiovisual.</p> <p>2.4. Criar um <i>trailer</i> e um <i>making of</i> do projeto.</p>
<p>3. Envolver os professores e alunos em projetos decorrentes da Educação Não Formal, que promovam as Metodologias Participativas.</p>	<p>3.1. Desenvolver competências pessoais e sociais nos alunos (responsabilidade, autonomia, entreajuda, autoconfiança, autoestima), potenciadas pela metodologia de projeto e trabalho em grupo.</p> <p>3.2. Utilizar o Vídeo Participativo e a técnica de Foto-Voz,</p> <p>3.3. Permitir aos alunos participar do projeto através de <i>media</i> que lhes são familiares e acessíveis (fotografia e vídeo), com os seus <i>smartphones</i>.</p>

É limitado geograficamente pelos Concelhos: a *norte*, pela Lourinhã, a *nordeste*, pelo Cadaval, a *este*, por Alenquer, a *sudeste*, pelo Sobral de Monte Agraço, a *sul*, por Mafra e a *oeste* pelo Oceano Atlântico (Figura 4).

Pertence ao distrito de Lisboa e está inserido na região (Comunidade Intermunicipal do) Oeste, sendo mesmo considerado um dos seus principais concelhos. Tem no Carnaval uma das principais *imagens de marca*.

Quanto aos territórios propriamente ditos, nos casos das freguesias de Freiria e Maxial (agora em união de freguesia, UF, com Monte Redondo), são freguesias no limite, na fronteira do concelho (Freiria faz fronteira com Mafra e o Maxial com Alenquer, ver Figura 5), que ao longo dos tempos, de diferentes maneiras, sofreram com o isolamento e a falta de comunicações.

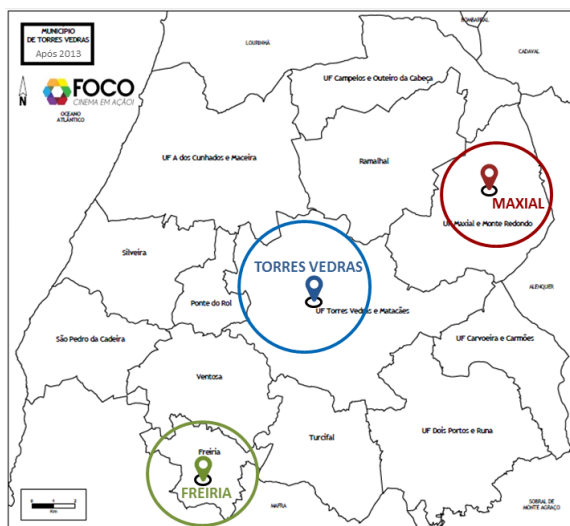


Figura 5. Localização dos territórios a que pertencem as escolas (Fonte: mapa em www.cm-tvedras.pt, adaptado pelo autor, 2017)

Têm um número reduzido de habitantes (em 2011, a freguesia da Freiria tinha 2461 e a UF de Maxial e Monte Redondo 3546 habitantes, sendo que se ajustarmos os dados²⁸, o lugar do Maxial tem 464 e a Freiria 671 habitantes) e uma baixa densidade populacional, com exceção de Torres Vedras (UF) com 25.717 habitantes (dos quais 17.837 na cidade) como se pode constatar pelo infograma (Figura 6):

²⁸ Fonte: <http://www.cm-tvedras.pt/assets/upload/paginas/2015/12/22/0302quadropoprestotalporlugarsegcensos20012011/0302quadropoprestotalporlugarsegcensos20012011.pdf>

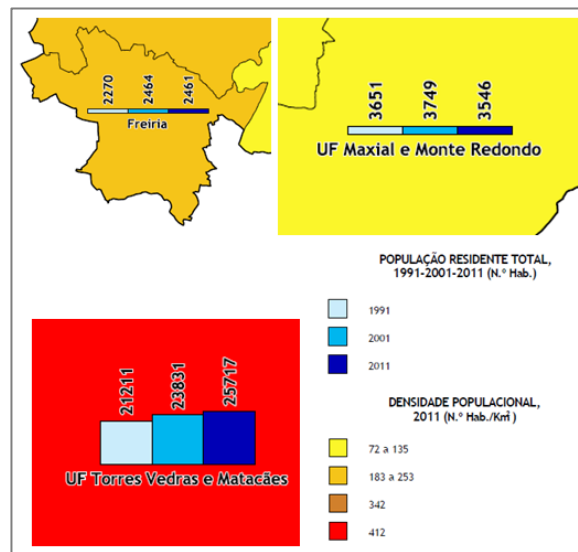


Figura 6. População Residente e Densidade populacional
(Fonte: mapa em www.cm-tvedras.pt, adaptado pelo autor, 2017)

2.4.2. Instituições

Para que este projeto se realizasse, foram necessárias e constituídas várias parcerias com instituições, enquadradas nas seguintes tipologias: Entidade Promotora, Entidades Parceiras, Apoios.

Entidade promotora: ATV – Académico de Torres Vedras

O ATV é uma associação de utilidade pública sem fins lucrativos, fundada em 1995. Não obstante, o voluntariado ser a principal força motriz, por força da sua atividade, o ATV tem um quadro de recursos humanos profissional.

Atualmente, tem cerca de 550 sócios e constitui-se como uma referência nacional no contributo para o reforço da cidadania participativa. Está sediada no Fórum das Associações Culturais de Torres Vedras (no centro histórico, junto ao castelo, onde estão mais três associações, ver Figura 7), mas dinamiza atividades por todo o concelho, na região Oeste e nalguns casos, sobretudo na área desportiva, os associados participam também em provas nacionais e por vezes internacionais.



Figura 7. Localização do Fórum das Associações Culturais de Torres Vedras

Dinamiza atividades de âmbito social, cultural, artístico e desportivo, tais como Teatro, Cinema, Fotografia, Xadrez, Ciência, Hip-Hop, Escalada/Montanhismo, Percursos Pedestres, Orientação e BTT.

Na educação, o destaque vai para três áreas que se materializam em projetos nas escolas: Atividades de Enriquecimento Curricular (Expressão Dramática e Inglês – Projetos *Ser a Brincar* e *YES - Young English Students* respetivamente); desenvolvimento de competências socio-emocionais e promoção do sucesso escolar (*Projeto Atitude Positiva*); cinema enquanto veículo de aprendizagem (*Café com Filmes Escolas*).

Em concreto na área do cinema, o ATV tem um longo historial ligado à programação e exibição de filmes, com a realização de vários ciclos ao longo dos anos, quer regulares: *Café com Filmes* (desde 2010, de Setembro a Junho, quinzenal, Teatro-Cine de Torres Vedras), *9 graus oeste* (desde 2012, quinzenal, Julho e Agosto, Santa Cruz), *Café com Filmes Escolas* (desde 2014, vários filmes ao longo do ano letivo, Teatro-Cine de Torres Vedras), *Cineforum* (mensalmente, 2009-2010, sede do ATV) quer pontuais: *Invasões e Resistências* (comemoração do bicentenário das Linhas de Torres), *Novo Olhar Português*, *Manga Anime*, *Ciclo de Cinema Japão* (integrado no FNI – Festival Novas Invasões), *Medeia Filmes* (parceiro). Desenvolveu

A EB 2,3 de Freiria já tem antecedentes de trabalho com o cinema. Aderiu ao PNC – Plano Nacional de Cinema e costuma participar regularmente na Festa do Cinema Francês e já fizeram inclusive visitas de estudo à Cinemateca. Possui também um Clube de Fotografia que promove ocasionalmente desafios e concursos, bem como, numa área afim, a construção de brinquedos óticos.

No Maxial também já foi feito um projeto de cinema (*O Mistério da Europa*, em 2013/2014), inserido no programa *Comenius*, em conjunto com várias escolas europeias.

Ambas as escolas sempre foram muito dinâmicas, com vários projetos, em virtude do seu corpo docente proativo e também como estratégia pedagógica diferenciadora, lidando com o isolamento face ao *centro*. Quer a escola da Freiria, quer a do Maxial, identificam alguns problemas de comunicação/relação com os agrupamentos sede localizados em Torres Vedras, considerando que os mesmos são por vezes distantes das necessidades sentidas ou que têm pouca celeridade nas decisões, perdendo-se alguma autonomia no processo.

Quanto à EB 2,3 em Torres Vedras (Padre Francisco Soares), também tem internamente bastantes projetos e clubes, mas o facto de ter muitos alunos, de se situar na cidade, onde a oferta da sociedade civil é muito maior, faz também com que muitos dos alunos dispersem ou não se sintam tão motivados para projetos exteriores.

Para além da parceria com as escolas, este projeto contou com o apoio de várias instituições e pessoas, que, a diversos níveis, globalmente ou a nível local, contribuíram para o mesmo, nomeadamente:

Apoio Geral:

Câmara Municipal de Torres Vedras / Teatro-Cine de Torres Vedras

Apoios Específicos:

MAXIAL

Casa do Forno-Casa da Paz (Monte Redondo);

Sociedade Filarmónica Ermegeirense;

Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial;

União de Freguesias de Maxial e Monte Redondo;

Vários apoios a título individual.

FREIRIA

Freiria Sport Clube

Gaiteiros de Freiria

Grupo de Cavaquinhos da Freiria

Junta de Freguesia de Freiria

Lar da Casa do Povo de Freiria

Vários apoios a título individual

TORRES VEDRAS

ADCR Orjariça e Catefica

Bochas Carnaval Club

Foliões Cá do Sítio

Grupo Carnaval Marco Santos e Amigos

Real Confraria do Carnaval de Torres

Promotorres E.M.

Vários apoios a título individual

Nota: O tipo de apoio específico dado por estas entidades e pessoas, encontra-se explicitado, mais adiante, no capítulo Recursos e Apoios (2.7.)

Entidade académica (enquadramento no âmbito do mestrado):

Este projeto de intervenção constitui-se como o trabalho final de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária e é enquadrado academicamente pela *ESELx - Escola Superior de Educação de Lisboa* (Instituto Politécnico de Lisboa).

2.5. Participantes: Que professores? Que turmas?

Em primeiro lugar, era necessário identificar os professores com o perfil adequado a um projeto desta natureza (vontade/motivação, empenho, flexibilidade, paciência, proatividade, sentido crítico, disponibilidade). Por experiência própria, é mais importante encontrar o professor com o perfil certo, do que propriamente a escola ideal. Estava, assim, definido à partida que o trabalho seria com uma turma por escola. Esta parte não foi difícil, pois a vontade partiu, em grande parte, dos próprios professores e alunos. Ainda assim, os contactos iniciais partiram do “professor de

contacto”, tendo sido esse que reuniu os restantes colegas que acabariam por formar os grupos de trabalho. No Maxial, o “professor de contacto” foi o Prof. Paulo Carocinho, na Freiria, a Prof^a. Elisabete Silva e em Torres Vedras, a Prof^a. Niki Paterianaki.

Reunido o corpo docente “cúmplice” do desafio³⁰, e em conjunto com os mesmos, foi necessário definir as turmas que poderiam estar interessadas e/ou motivadas para o projeto, uma vez que envolveria trabalho extra face às atividades letivas planificadas. Foi necessário também definir-se como se articulariam as diversas disciplinas e respetivos conteúdos com as atividades e propostas do próprio projeto, assumindo-se que este se desenrolaria inserido no plano curricular.

Paralelamente, numa segunda linha de atuação, alguns professores mostraram-se também interessados em colaborar com o projeto.

A opção podia ter sido outra, a do formato de clube, p.ex., ou de atividade extra curricular, mas após reflexão, considerou-se que seria muito difícil poder contar com o total de alunos envolvidos, até porque estes têm poucas horas livres e assim que terminam as aulas, no caso do Maxial e Freiria, têm de apanhar autocarros (fretados, e por vezes só têm mesmo aquele horário para o regresso a casa). Este formato seria também mais difícil para se poder contar com a colaboração dos professores.

Uma vez que as conversas prévias começaram em Abril de 2016 e o projeto só se iniciaria no ano letivo seguinte (2016/2017), em Outubro, a pesquisa das turmas foi feita diretamente pelos professores dentro da escola, já com base no conhecimento direto que possuíam das (possíveis) turmas ou por sugestão de colegas que eram professores delas no ano letivo transato (2015/2016). Houve também algumas conversas exploratórias com alunos e pais.

Estando também definido, à partida, que o projeto desenrolar-se-ia com turmas do 3º ciclo, optou-se por colocar o foco nas turmas de 7º e 8ºanos, por se considerar que no 9º ano, em virtude dos exames e da preparação para os mesmos, seria difícil encontrar disponibilidade horária consentânea com o projeto e/ou que os grupos de trabalho tivessem a calma, a energia e o envolvimento necessários a um desafio desta natureza.

³⁰ Infelizmente havia uma segunda professora (de educação física) no grupo de Torres Vedras, que se lesionou com alguma gravidade antes do projeto começar, pelo que não pode dar o seu contributo, ficando apenas a prof^a Niki Paterianaki.

Chegou-se, assim, à “seleção” das três turmas que acabariam por integrar o projeto: o 7ºA na Freiria, o 8ºC no Maxial e o 8ºA em Torres Vedras (Figura 9).



Figura 9. Turmas participantes do projeto: 8ºC do Maxial, 8ºA em Torres Vedras e o 7ºA da Freiria (respetivamente, da esquerda para a direita).

Quanto à caracterização dos alunos, as turmas selecionadas tinham idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos, sendo que no caso da escola Padre Francisco Soares, eram maioritariamente de Torres Vedras, com exceção feita a quatro alunos, que eram de locais vizinhos.

Já no Maxial e Freiria, curiosamente, nenhum aluno era da localidade sede da escola, o que não deixa de ser sintomático da abrangência dos “mega-agrupamentos” ou da forma como são constituídas as turmas.

Com os dados recolhidos, construiu-se a Tabela 2 que sintetiza a relação criada entre os objetivos e os participantes, enquadrando a operacionalização do projeto nas escolas:

Tabela 2

Turmas, Professores participantes e Disciplinas envolvidas no projeto

	Território		
	MAXIAL	TORRES VEDRAS (cidade)	FREIRIA
ESCOLAS	EB 2,3 Maxial Agrupamento de Escolas de Henriques Nogueira	EB 2,3 Padre Francisco Soares Agrupamento de Escolas de Madeira Torres	EB 2,3 Freiria Agrupamento de Escolas de São Gonçalo
TURMAS	8ºC	8ºA	7ºA
Nº ALUNOS	21 alunos	22 alunos	22 alunos

PROFESSORES diretamente envolvidos	2 professores <i>Prof. Paulo Carocinho</i> <i>Prof. João Batalha</i>	1 professor <i>Profª Niki Paterianaki</i>	3 professores <i>Profª Elisabete Silva</i> <i>Profª Cristina Antunes</i> <i>Profª Paula Lavanco*</i> 1 professor no apoio direto ao Mural <i>Prof. Henrique Mata</i>
DISCIPLINAS envolvidas	Educação Visual História <i>Direção de Turma</i>	<i>Direção de Turma</i> e pontualmente na aula de Espanhol	<i>Apoio à biblioteca*</i> Português Francês Educação Visual
Outros Professores que apoiaram	1 professor que fez a mediação próxima com sede do Agrup. Escolas	1 professor que apoiou pontualmente (sala de informática)	2 professoras que apoiaram pontualmente (cedência de horas das suas disciplinas: EMRC - Educação Moral e Religiosa Católica e <i>Direção de Turma</i>)

*Nota: O projeto na Freiria, ficou simultaneamente enquadrado dentro do plano de atividades de cinema já existente, ligado ao PNC – Plano Nacional de Cinema, dinamizado pela Profª Paula Lavanco, professora que dá apoio à biblioteca.


Pensando-se em públicos do projeto, podemos dividi-los entre públicos diretos do projeto (alunos e professores) e os indiretos (pessoas que foram entrevistadas, que colaboraram de alguma forma, espetadores que assistiram aos filmes no final ou que viram as exposições de fotografia e o mural).

2.5.1. Grupos de trabalho

Um dos pressupostos iniciais do projeto foi a criação de Grupos de Trabalho, num incentivo à delegação de tarefas, responsabilização, autonomia e valorização pessoal/autoestima, pelo que, indo ao encontro dos interesses dos próprios alunos, criaram-se 9 tarefas (Tabela 3) passíveis de serem executadas (adicionalmente mais uma na Freiria em virtude da criação do Mural Comunitário).

Tabela 3

Grupos de Trabalho, descrição de tarefas e número de alunos envolvidos em cada tarefa

 Grupos de Trabalho		Descrição	Nº de alunos (proposta adaptada à turma)		
			M.	F.	T.V.
1	Produção	Organização geral do projeto.			
		Estabelecimento de contactos com a comunidade.			
		Apoio à coordenação dos restantes grupos de trabalho: reunir informação e zelar pelo cumprimento dos prazos estabelecidos.	3	3	3
		Autorizações e condições para filmar nos locais (luz, ruído, espaço...).			
2	Pesquisa	Investigação de informações, registos, espaços e informantes relevantes para o guião. Nota: Uma vez que esta tarefa tem maior intensidade na parte inicial do projeto, e conta com o apoio do grupo todo, à medida que for sendo finalizada, irão dar apoio a outros grupos, consoante a necessidade.	2	2	2
3	Entrevistadores	Apoio à criação dos guiões para as entrevistas.			
		Contacto com pessoas a entrevistar (articulado com Produção).	3	3	3
		Entrevistar pessoas.			
4	Câmara Principal	Plano principal dos entrevistados (mais estático, gravação contínua).	2	2	2
5	Making of	2ª câmara. Registo de <i>making of</i> do projeto. Pode (e deve) funcionar também para o registo de imagens de apoio à câmara principal, para edição posterior. Procura de pormenores, planos diferentes... (mais livre, pode mudar de posição).	2	2	2
6	Fotografia	Registo fotográfico do projeto, quer para a Exposição final quer para o <i>making of</i> . Imagens ilustrativas da sessão para colocar no <i>Edmodo</i> .	2	2	2
7	Exposição	Pensar nos expositores que irão ser necessários, no formato e materiais necessários (papel cenário, colas, tesouras...), seleção e impressão das fotografias, informações adicionais que deverão constar nos expositores (legendas p.ex.). Nota: Uma vez que esta tarefa só ganha maior intensidade na parte final do projeto, no decorrer do mesmo, paralelamente, dão apoio a outros grupos, consoante a necessidade.	5	2	6
8	Edição	“Todos” (criar sub-grupos de trabalho, consoante a oferta de computadores e interessados na tarefa, disponibilidade no momento).	Td	Td	Td
9		Criação de registos de cada sessão para			

	Divulgação	colocar no <i>Edmodo</i> . Articulação com equipa de Produção e Fotografia. Coordenar notícias de imprensa, convites (exibições) e distribuição de materiais gráficos.	2	2	2
10	Mural Comunitário (apenas na Freiria)	Idealizar mural (articulado com prof. Henrique e restante grupo). Transpor para a parede os esboços gráficos/visuais. Pintar mural. Nota: Pelo menos 4 pessoas, mas idealmente o maior número de pessoas possível. (dependendo da disponibilidade no dia)	-	4	-
TOTAL			21	22	22
Legenda:					
M. – Maxial / F. – Freiria / T.V. – Torres Vedras / Td - Todos					

Foi também uma forma de cruzarmos a experiência que os alunos já têm de trabalhar em grupo, com o processo de criação de um filme, fazendo uma ligação às profissões e ao mundo do cinema.

Nas saídas ao exterior para filmar (Figura 10), os grupos que se constituíam eram rotativos, para dar oportunidade a “todos” de terem essa experiência, Ou seja, havia uma rotatividade nos Entrevistadores, entre a Câmara Principal (mais estática) e a do *making of* (mais livre, criativa), entre os elementos do grupo de Fotografia ou os que faziam a Produção (estes menos). Grosso modo, cada sessão com entrevistas, era constituída por 7 a 10 elementos: 1 ou 2 entrevistadores, 1 Câmara Principal, 1 *Making of*, 1 Fotografia, 1 ou 2 Produção, 1 ou 2 professores e eu.



Figura 10. Grupos de trabalho durante as filmagens

Essa decisão (de quem eram os elementos que saíam em cada ocasião), foi quase exclusivamente decidida em autogestão, com algum apoio dos professores. Um dos critérios adicionais era de que, os alunos que tinham feito o contacto com as pessoas para agendar as entrevistas, convinha que estivessem, para que houvesse uma *pessoa de referência*, um *fio condutor* (contexto).

O número de alunos envolvidos nas tarefas de Pesquisa, Exposição e Mural, apesar de estar sugerido um número, foi-se alterando consoante a disponibilidade e o volume de trabalho no momento.

Não sendo propriamente um grupo de trabalho, aquando das Exibições dos filmes, os alunos foram envolvidos também na Apresentação das sessões e na Conversa no final.

2.5.2. O papel e perfil do “coordenador, monitor, mediador...”

Da mesma forma que o perfil do professor, também ele um mediador, era essencial ao sucesso do projeto, o perfil do coordenador, simultaneamente monitor e mediador, também o foi. Face às expectativas criadas e aos objetivos que estavam traçados, e uma vez que não se tratava de uma equipa multidisciplinar (situação ideal), mas sim de um indivíduo apenas, foi necessário reunir várias características, nem sempre fáceis de gerir, numa só pessoa, que aqui se partilham³¹:

- Capacidade organizativa, de planeamento e de reunir os recursos necessários (humanos e logísticos) para a concretização do projeto;
- Disponibilidade de tempo;
- Autonomia e mobilidade (ter transporte próprio, neste caso, foi importante);
- Conhecimentos técnicos sobre cinema e multimédia;
- Sensibilidade estética e artística;
- Resiliência;
- Flexibilidade;
- Vontade e empenho;
- Empatia, capacidade para envolver e motivar o grupo;
- Criar confiança no processo e no grupo;
- Comunicativo;
- Partilhar, sempre que possível, a informação e os documentos de trabalho, pessoalmente ou *online*, de forma a que todos participem, o máximo possível, das decisões, nos grupos de trabalho e no crescimento do próprio grupo;
- Registo das atividades (texto, fotos, vídeo), *backups* do material gravado;

³¹ A estas características podemos juntar outras, que as complementam, como é o caso das que já foram enumeradas na Parte I, quando foi abordado o papel do Educador Social.

- Criação de um ambiente informal de trabalho, não hierárquico, colaborativo, com boa disposição;
- Criativo;
- Capacidade para gerir relações e processos a diversos níveis: institucionais (escolas, associações, espaços), com a comunidade, incluindo informantes, pessoas entrevistadas, público(s), com o grupo, entre os alunos, dos alunos com os professores e o inverso;
- Imprimir uma dinâmica positiva e de incentivo à participação, para que o projeto ganhasse vida própria, com entusiasmo e proatividade, solidariedade entre os elementos do grupo, apostando na delegação de tarefas e responsabilidades.

2.6. Caminho em frente: Entre propostas, horários, dúvidas e acertos

A implementação deste projeto pode-se dividir em duas fases essenciais: planeamento (Pré-Projeto, Figura 11) e intervenção, propriamente dita, que será analisada no ponto 2.9.

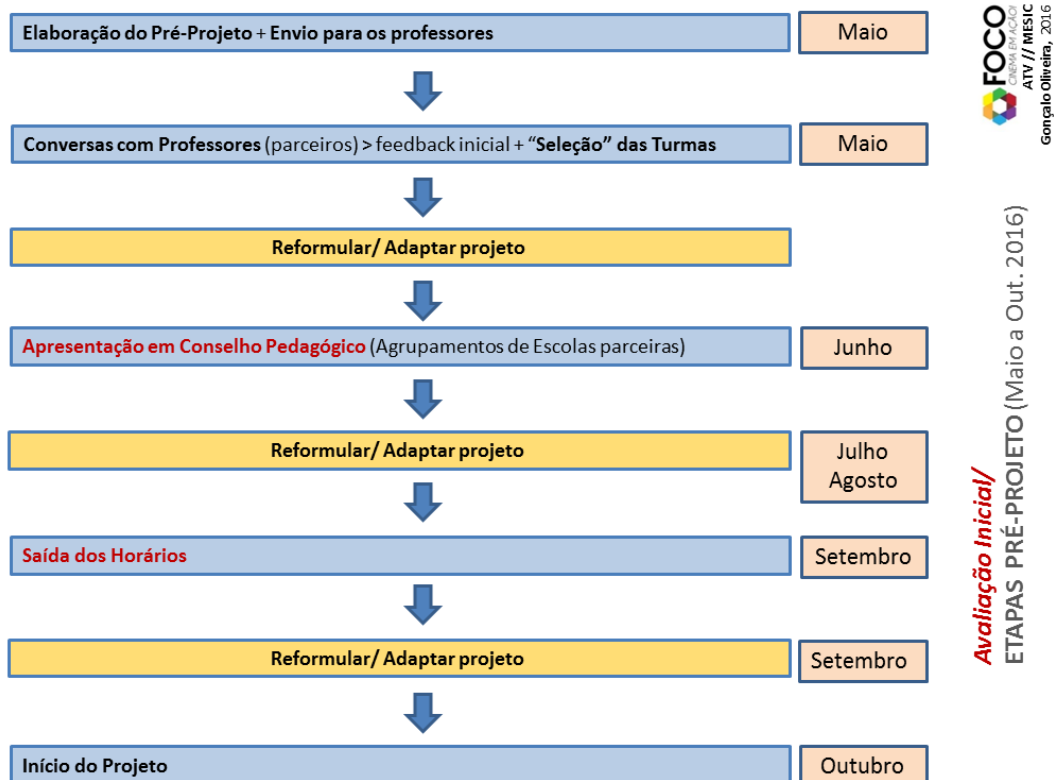


Figura 11. Etapas do Pré-Projeto: Maio a Outubro 2016

Analisando o processo, depois de reunidos os grupos/participantes no projeto, foi necessário de seguida, “convencer” as direções dos respetivos agrupamentos. Para isso, voltou-se a reformular a proposta inicial, incluindo já as turmas e os professores participantes e os ajustes sugeridos ao projeto. Posteriormente, esta proposta (versão 2 do documento) foi apresentada nos Conselhos Pedagógicos de cada agrupamento de escolas. Com base no *feedback* recebido, e nos horários disponíveis/concedidos para o projeto, atualizou-se o documento para a sua versão definitiva (terceira)³².

Com a saída dos horários, foi necessário fazer também uma análise da carga horária, disponível por grupo, e da sua planificação no tempo, com base nas disciplinas dos professores e na relação entre escolas (para não haver sobreposição de horários e permitir a deslocação de um espaço para outro no mesmo dia, rentabilizando os recursos e o transporte).

Uma pequena nota, para dar conta de que a disponibilidade para este projeto não era exclusiva nem total da minha parte, e que estava a trabalhar “apenas” a meio tempo na associação. Optou-se então por concentrar os dias, cruzando com a disponibilidade das turmas/professores, no final da semana e idealmente com mais do que um grupo no mesmo dia. Por este motivo, optou-se por juntar o Maxial e Torres Vedras no mesmo dia (5ªfeira), como apresentado na Tabela 4.

Tabela 4

Distribuição da carga horária do projeto nas escolas

FREIRIA	MAXIAL	TORRES VEDRAS
<p>4ªfeira: 10h30-12h00 (1h30) (alternado)</p> <p>6ªfeira: 10h30-11h15 (45 min)</p> <p>Nota: Caso houvesse necessidade, a hora de direção de turma, à 6ªfeira às 15h45, podia ser disponibilizada ou</p>	<p>5ªfeira: 13h30-15h15 (1h45)</p>	<p>5ªfeira: 16h50-17h40 (50 min)</p>

³² Documento disponível em:
http://www.atv.pt/ficheiros/documentos/foco_cinema_em_aa_aao_v_3_escolas_outubro_2016.pdf

ainda, pontualmente, estender a hora de 6ªfeira até à aula de Religião e Moral (até ao 12h).		
DISCIPLINAS AFETAS AO PROJETO		
<i>Apoio à biblioteca</i> Português Francês Educação Visual	Educação Visual História <i>Direção de Turma</i>	<i>Direção de Turma</i> e pontualmente na aula de Espanhol

Para podermos ter dois blocos seguidos no Maxial, uma vez que o horário não tinha mais horas por semana de Educação Visual, o grupo teve de negociar e implementar uma solução alternativa: o professor cedeu todas as horas, mas em contrapartida, criou uma comunidade *online*, no *Facebook* onde ia partilhando trabalhos, tutoriais, etc e os alunos tiveram de fazer trabalhos fora das aulas...

Na Freiria, não foi possível ter sempre os dois blocos, pelo que, as sessões foram alternadas: uma semana, à 4ªfeira, tínhamos mais tempo (na aula de Educação Visual) e na outra semana, tínhamos menos tempo (à 6ªfeira, nas aulas de Português).

As outras horas/disciplinas adaptaram-se ao “horário” do projeto (ou eram horas livres dos professores) e serviram também para reforço no período de filmagens.

Claramente a situação encontrada em Torres Vedras foi a menos feliz de todas. Tínhamos pouco tempo, ao fim do dia (cansaço acumulado), uma turma mais exigente (a nível de comportamento) e com uma sala que, pelas suas características físicas, também não ajudava.

2.7. Recursos e apoios para fazer acontecer

Para a implementação deste projeto, foi necessário reunir um importante conjunto de Recursos e Apoios, *antes, durante e depois*, quer por parte do ATV, quer das escolas, da ESELx, entidades parceiras e até de várias pessoas a título individual (Tabelas 5 e 6):

Tabela 5

Recursos Necessários “ATV e Escolas”

Entidades	ATV	ESCOLAS
Recursos		
HUMANOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Coordenador e Formador do projeto ▪ Designer gráfica ▪ Apoio de secretariado 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Alunos das turmas participantes ▪ Professor(es) envolvidos no projeto
LOGÍSTICOS, TÉCNICOS, E MATERIAIS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Computador Portátil ▪ Equipamento Áudio e Vídeo para gravações ▪ Equipamento Áudio e Vídeo para projeção do filme à comunidade ▪ Criação de imagem gráfica e impressão de materiais para divulgação do projeto (cartazes, flyers). ▪ Produção e Envio de convites e notas de imprensa. ▪ Divulgação: distribuição de cartazes e <i>flyers</i>, <i>online</i>, <i>boca a orelha</i> ▪ Automóvel para deslocação aos diversos espaços (do coordenador). Inclui transporte de material técnico (filmagens). 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sala com projetor de vídeo e colunas de som (formação). ▪ Sala com computadores para alunos trabalharem na edição dos vídeos ▪ Máquina de filmar/fotografar (adicionais) ▪ Smartphones que permitam fotografar/gravar vídeo (alunos) ▪ Exposição (Impressão das fotografias, Papel cenário, Expositores) ▪ Quando necessário, providenciar deslocações dos alunos para filmagens e exibições dos filmes (envolvimento dos professores e/ou pais). Automóveis. ▪ Produção e Envio de convites e notas de imprensa. ▪ Divulgação: distribuição de cartazes e <i>flyers</i>, <i>online</i>, <i>boca a orelha</i>
FINANCEIROS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pagamento das deslocações para as escolas durante o projeto (coordenador) 	

Tabela 6

Apoios Gerais e Específicos ao Projeto

APOIOS GERAIS		
LOCAL / Instituição / Pessoas		Tipo de apoio
Teatro-Cine de Torres Vedras Câmara Municipal de Torres Vedras		Cedência de espaço e apoio técnico (estreia de todos os filmes, exposição de fotografias)
Informantes e Entrevistados nos diversos locais.		Todas as pessoas que se disponibilizaram para dar informações, fornecer documentos ou conceder entrevistas, foram imprescindíveis à concretização deste projeto.
Músicos e grupos que constam das bandas sonoras do filme.		Cedência de músicas.
Professoras Kátia Sá e Natália Vieira		Orientação científica do projeto (mestrado)
<p>Nota: Seria injusto e incorreto não referir toda a colaboração e suporte, a diversos níveis, que a minha rede de apoio familiar deu à concretização deste projeto, e que foram cruciais para o sucesso do mesmo.</p>		
APOIOS ESPECÍFICOS		
LOCAL / Instituição / Pessoas		Tipo de apoio
MAXIAL	Casa do Forno-Casa da Paz	Apoio às filmagens.
	Sociedade Filarmónica Ermegeirense	Apoio às filmagens, cedência de músicas para banda sonora.
	Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial União de Freguesias de Maxial e Monte Redondo	Cedência de espaço e sistema de som para apresentação do filme (antestreia).
	António Laureano José Laureano	Apoio às filmagens. Cedência de excerto de filme sobre azenha de rio. Transporte dos expositores (fotografia) para o Teatro-Cine de T. Vedras.
	Rúben Santos	Cedência de excerto de filme sobre azenha de rio.
LOCAL / Instituição / Pessoas		Tipo de apoio
FREIRIA	Freiria Sport Clube	<i>Cedência da parede exterior do campo de futebol para mural comunitário; Pintaram a parede em torno do mural. Cedência de espaço (sede do clube) e apoio técnico para apresentação do filme (antestreia). Apoio à divulgação.</i>
	Gaiteiros de Freiria	<i>Apoio às filmagens, cedência de vídeos</i>

		<i>e músicas para banda sonora. Atuação, na estreia dos filmes (à entrada, Teatro-Cine de T. Vedras).</i>
	Grupo de Cavaquinhos da Freiria	<i>Apoio às filmagens, cedência de vídeos e músicas para banda sonora.</i>
	Junta de Freguesia de Freiria	<i>Tintas para mural.</i>
	Lar da Casa do Povo de Freiria Ana Paula Franco	<i>Apoio às filmagens; Mediação com a comunidade (contacto com sr. Aníbal)</i>
	Ana Maria Machado, Elsa Costa	<i>Cedência pontual de horas das suas aulas para o projeto.</i>
LOCAL / Instituição / Pessoas		Tipo de apoio
TORRES VEDRAS	Câmara Municipal de Torres Vedras	Cedência de filme e fotos do “Carnaval de Torres 2016”
	ADCR Orjariça e Catefica	Apoio às filmagens
	Bochas Carnaval Club	Apoio às filmagens
	Foliões Cá do Sítio	Apoio às filmagens
	Grupo Carnaval Marco Santos e Amigos	Apoio às filmagens
	Real Confraria do Carnaval de Torres	Apoio às filmagens
	Promotorres E.M.	Apoio às filmagens

2.8. Plano de Ação: Equilíbrio frágil entre estratégias, processo e resultados

Como vimos no ponto 2.6., entre Maio e Outubro de 2016, foi o tempo de preparar o projeto e fazer os ajustes necessários (Pré-Projeto), entre a ideia inicial e a adaptação às escolas, nomeadamente aos horários e à carga horária disponíveis.

O Projeto propriamente dito, foi pensado para ser quase um reflexo dos períodos letivos dos alunos, acompanhando-os ao longo do percurso: no 1º Período, seria o tempo da Formação, no 2º Período as Gravações e no 3º Período a Edição e consequentes Exibições.

Como se pode constatar pela Tabela 7, poucos desvios aconteceram face ao inicialmente previsto. Ainda assim, há que reconhecer que se a Edição tivesse ocorrido exclusivamente na escola, o desvio teria sido muito maior.

Tabela 7

Planificação inicial e execução do projeto

DESENVOLVIMENTO PROJETO	2016												2017											
	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez		
Tarefas a Realizar																								
PRÉ-PROJETO																								
Envio de Propostas, Reuniões, Construção e Planeamento do Projeto																								
PROJETO																								
Início do Projeto																								
Obter "Autorizações/Consentimento" dos encarregados de educação e alunos (participação projeto/imagem)																								
Exercício Foto-Voz																								
Formação Inicial, Exercícios, Construção do Guião, Constituição dos Grupos de Trabalho																								
Gravações																								
Edição do filme e Preparação da Exposição																								
Intervenção na Comunidade (Mural Freiria). Inauguração.																								
Apresentação dos resultados à Comunidade (filmes, exposições)																								
Avaliação do Projeto (Inicial, Intermédia e Final)																								
FINAL DO PROJETO																								
Disponibilização dos filmes <i>online</i>																								
Redação do Relatório final																								



Planificação Inicial
 Execução do Projeto (alterações face ao planeado)

Nota: Para melhor visualização deste Cronograma, consultar Anexo B

Este foi talvez o ponto de maior clivagem e dúvida interna, pois foi necessário arranjar um equilíbrio entre a tónica no processo, e, sob este ponto de vista, se as escolas não tinham computadores que suportassem a edição o projeto podia acabar ali. Ou por outro lado, havendo tanta expectativa, esforço já realizado e desejo em volta dos filmes, uma vontade imensa por *vê-los no mundo* (tónica no resultado), podia-se ver de que forma podiam os alunos e professores colaborar nesta tarefa, investindo p.ex. na *making of* e num trabalho de pré-edição “caseiro” em volta dos registos vídeo em bruto, assumindo eu maioritariamente a edição dos filmes em casa. Acabou por ser esta a decisão tomada pelo grupo (reflexão que merecerá espaço próprio e desenvolvimento no capítulo 3.2.).

A disponibilização dos filmes na internet, devolvendo-os à comunidade, ampliando o seu alcance, “libertando-os”, sendo este um dos pontos que revelou maior interesse nas pessoas que estiveram ou não estiveram presentes nas exposições, também sofreu um atraso. Isto porque aconteceram exposições posteriores a 18 junho (quando fizemos a estreia no Teatro-Cine Torres Vedras), que não estavam previstas, resultantes de pedidos de parceiros (exibição na festa da Freiria em Julho e no Fórum das Associações Culturais em Torres Vedras em Setembro, organizado pela Câmara

Municipal de T.Vedras, Anexo C) e portanto, julgou-se sensato só colocar os filmes *online* após esses momentos (final de Setembro e Outubro 2017).

2.9. O Projeto de Intervenção, finalmente!

Era muita a expectativa de todos os envolvidos, por isso, foi difícil passar o mês de Setembro e a primeira quinzena de Outubro, mas era importante fazê-lo, não só para dar tempo de fazer a adaptação aos horários, como já foi dito, como também, para dar tempo da escola e as turmas estabilizarem as suas rotinas e procedimentos.

O projeto decorreu durante 27 semanas, entre 19 de Outubro de 2016 e 18 de Junho de 2017, se considerarmos a estreia no Teatro-Cine como último momento oficial. As últimas sessões nas escolas ocorreram a 8 e 9 de Junho.

Todas as sessões foram sendo registadas, quer no *Diário de Campo* (pessoal), quer no *Edmodo* (partilhado com os grupos). Da síntese desses dois documentos, foi criado posteriormente o “Registo das Sessões”, documento mais exaustivo que se encontra no Anexo D e que contém: o *Resumo das Atividades*, em que dia ocorreram, em que escolas e um pequeno registo fotográfico dessas mesmas atividades.

Apresenta-se abaixo, na Tabela 8, uma versão reduzida, destacando os principais momentos que decorreram do projeto de intervenção:

Tabela 8

Projeto de Intervenção (principais momentos)

FASES		Datas	Observações
1ª Fase 7 semanas	Formação inicial	19 Outubro a 25 Novembro’16 4 e 5 Janeiro’17	Em dezembro não houve projeto. Eu estive de Licença Parental e, paralelamente, foram os feriados de 1 e 8 Dez. e as férias de Natal (19 Dez. a 2 Jan.)

2ª Fase	3 semanas	Planificação do filme, criação do Guião, constituição dos Grupos de Trabalho	11 a 27 de Janeiro'17	
	8 semanas	Filmagens/Gravações	1 de Fevereiro a 31 Março'17	Férias da Páscoa: 5 a 18 Abril
3ª Fase	5 semanas	Edição dos filmes Produção das Exposições de Fotografia Criação do Mural	27 Abril a 25 Maio'17	
	2 semanas	Preparação das Exibições* Avaliação	31 Maio e 1 Junho'17 8 e 9 Junho'17	Escola terminou a 16 Junho (fim do ano letivo)
4ª Fase	"2 semanas"	Exibições* (*incluindo apresentação das Exposições, inauguração do Mural e Conversas no final)	3 Junho (antestreias) 18 Junho (estreia)	

Fonte: Adaptado a partir de "Registo de Sessões" (Anexo D)

Numa análise mais personalizada e fazendo uma viagem no tempo, o projeto teve início na 3ª semana de Outubro e, na primeira sessão, desafiamos os alunos a fazerem as "habituais" apresentações a partir de uma fotografia tirada por eles próprios, que os identificasse. Perante todo o grupo, e com a foto projetada (Figura 12), estes diziam o nome, referindo o local de residência, explicando, de seguida, o porquê da escolha da fotografia, que história contava e a sua importância (Foto-Voz). Foram ainda questionados sobre as experiências anteriores em produção/edição de vídeo, que equipamento possuíam para filmar (podia ser simplesmente o telemóvel e isso quase todos tinham) e o que esperavam do projeto. Das respostas mais ouvidas, destacaram-se: "que possa aprender mais sobre vídeo"; "que seja divertido"; "que faça a turma unir-se mais".

Foi também interessante perceber que apesar de serem todos da mesma turma não se conheciam assim tão bem, quanto muito, haveria maior conexão entre

subgrupos de amigos. O exercício permitiu ainda, quebrar o gelo, começar do zero, colocando todos no mesmo nível de conhecimento.



Figura 12. Exercício do Foto-Voz com a turma de Torres Vedras

A primeira sessão serviu também para apresentar a plataforma *Edmodo* e explicar como se efetuava o registo, como funcionava, etc...

Depois, entramos num processo mais formativo, tendo começado por abordar a História do Cinema. Como começou o Cinema? Quais as origens da 7ª arte? Como eram os primeiros filmes? Que inventos, inventores e realizadores se destacaram?

De seguida, abordamos os géneros e especificamente o documentário. O que o distingue da reportagem? Vimos vários excertos, com abordagens muito diferentes ao documentário e analisámos a sua importância, do ponto de vista do autor no filme (Figura 13).



Figura 13. História do Cinema e Introdução ao Documentário

O cinema tem a sua própria linguagem e nós fomos à procura dela e dos nomes empregues no meio profissional para que também nós, aos poucos, entrássemos, cada vez mais, nesse mundo. Houve assim espaço para perceber o que são: Planos, Enquadramentos/Escala de Planos, Movimentos de Câmara, Ângulos, Montagem, entre outros.

Entretanto, era importante começar a experimentar tudo isto na prática e tirar partido dos *smartphones*³³, que eu tanto queria mostrar que podiam ser melhor aproveitados (passamos até um tutorial especificamente sobre como filmar com *smartphones*).

Com isto presente, os alunos realizaram um pequeno exercício onde criaram uma pequena história, inventada por eles, em que tinham de juntar/usar 10 planos (não necessariamente todos diferentes) e 2 movimentos de câmara (Figura 14). Foi um primeiro momento de edição criativa, que permitiu aferir competências e sentir o pulsar dos grupos.



Figura 14. Exercício dos “10 Planos”

Como fonte de inspiração para o nosso filme, analisamos também vários projetos que, a partir de áreas artísticas diferentes, fazem/fizeram intervenção na comunidade.

Antes de irmos para “férias do projeto”, no Maxial, houve lugar para satisfazer um pedido, seguindo a tendência que se fazia sentir na altura, realizando um *mannequin challenge*³⁴. Este exercício permitiu ao grupo divertir-se, explorar o espaço, não deixando de integrar alguns dos conhecimentos adquiridos, nomeadamente a introdução do *plano-sequência*.

Quando regressámos em Janeiro, começamos por fazer um balanço do que tinha acontecido na 1ª fase e, juntando as várias ideias que foram surgindo no decorrer do processo, fez-se uma síntese dos temas que se queriam explorar, para cada um dos filmes a produzir, dando origem aos futuros guiões:

³³ *Telefones inteligentes*, com sistema operativo e capacidades muito mais avançadas que um telemóvel convencional, capazes de fotografar e filmar com grande qualidade.

³⁴ Fenómeno viral da internet, que consiste em fazer vídeos de grupo, com poses e ações encenadas, estáticas, “congeladas” (daí o manequim), com alguma complexidade e criatividade à mistura e onde a câmara de filmar ou telemóvel, percorre as diversas posições imóveis e normalmente editado/acompanhado com alguma música de fundo.

Freiria: A pesquisa centrou-se mais na própria localidade onde está sediada a escola, na sua história e elegeram-se 4 temas principais: 1) *Toponímia* (tentar perceber a origem do nome “Freiria dos Chapéus”); 2) Tentar perceber a história e as pessoas ligadas às *Casas Centenárias* que existem no largo principal; 3) *Festas e Romarias* (quais são e porque são importantes para a dinâmica da aldeia); 4) *Personagens importantes* no historial da aldeia. O sub-tema das coletividades e grupos musicais, que poderíamos associar às *festas e romarias*, acabou depois por ganhar o seu próprio espaço, com os capítulos do filme dedicados ao *Freiria Sport Clube*, aos *Gaiteiros da Freiria* e ao *Grupo dos Cavaquinhos*. Ao invés, o tema das “casas” acabou por se revelar infrutífero... Todos estes temas deram origem aos elementos visuais presentes no Mural Comunitário, que resultaram da transposição para a parede, do nosso guião de referência do filme, da pesquisa efetuada.

Maxial: Dada a dispersão geográfica, não sendo nenhum dos alunos do Maxial (lugar), os temas, em virtude das suas próprias experiências e conhecimentos, ainda assim, acabaram por se *aninhar* debaixo do *chapéu de chuva* da “Ruralidade e das profissões e atividades antigas”. Foi uma pesquisa em torno do património material e imaterial, das práticas ancestrais, pelas diferentes localidades de onde são provenientes os alunos.

Deu origem aos seguintes temas agregadores: Pão; Água; Vinho e Outras Coisas Mais (Oleiro, Igreja, Vivências comunitárias, Banda Filarmónica).

Torres Vedras: Primeiramente, elegeu-se como tema geral o *Carnaval de Torres*, como maior símbolo da cidade e da região. Depois, em concreto, e cruzando com o conceito de comunidade que se queria trabalhar, foi sugerido ser à volta dos *Grupos de Mascarados* (organizados), pois são eles que ainda manifestam vivências comunitárias bastante fortes (convívio, entreatajuda, participação, relações intergeracionais...). Selecionaram-se quatro grupos (Bochas Carnaval Club, Foliões Cá do Sítio, Grupo da Orjariça/Catefica e Marco Santos e Amigos/”Magone”) que, acompanhamos, dentro dos possíveis, nos períodos antes e durante o carnaval.

Cumprindo com um dos propósitos iniciais, foram criados os Grupos de Trabalho, permitindo assim que todos pudessem começar a dar um contributo efetivo, mais autónomo, rumo ao objetivo final. Se na 1ª fase do projeto, ainda estávamos um pouco sob a alçada de um modelo mais clássico, de formador e formandos, a partir daqui, foi claramente um processo em andamento com várias pessoas, em simultâneo, a fazerem coisas, não necessariamente mais ou menos importantes do que as outras, mas todas essenciais ao sucesso da *empreitada* que se queria levar adiante. Nesse sentido, os “graus hierárquicos” de professor, coordenador, formador, foram também eles um pouco dissolvidos, e integrados nos grupos de trabalho como facilitadores ou mediadores do processo.

As tarefas “disponíveis”, foram comunicadas em cada turma (Figura 15) e os alunos, após a descrição do que se pretendia em cada uma delas, inscreveram-se naquelas que se sentiam mais interessados/motivados, por vezes, onde estavam já colegas com quem gostavam de trabalhar ou amigos próximos.



Figura 15. Apresentação dos Grupos de Trabalho, consoante as turmas (Nota: os diapositivos com as tarefas por turma, poderão ser vistos em pormenor no Anexo E)

Foi exibido um filme/projeto, em tudo semelhante ao que era pretendido concretizar, intitulado “Olhar em Roda” e coloquei a questão ao grupo se queria que os entrevistadores surgissem dentro ou *fora de campo*, com microfone de mão ou de lapela. As respostas foram diferentes: o Maxial decidiu que apareceriam os entrevistadores no écran, enquanto que a Freiria e Torres Vedras optaram por não o fazer, aproximando a experiência à ideia de cinema.

Começou-se, entretanto, a fazer contactos e a agendar entrevistas. Paralelamente, houve alguma formação sobre equipamento técnico e fizeram-se alguns treinos. Num desses momentos, no Maxial, os alunos criaram, de improviso, uma situação bastante engraçada, com uns “velhotes” muitos especiais que estavam “por ali, sentados no banco dos cordilheiros” (Figura 16).



Figura 16. Atuação espontânea e improvisada “O Banco dos Cordilheiros” (Maxial)

Chegados a Fevereiro, deu-se o momento mais esperado pelos alunos e porque não dizê-lo, dos grupos (incluindo-me eu e professores). Foi o momento de perceber se tudo o que andamos a imaginar e a preparar, todo este tempo, resultava, ou não.

A recolha de imagens, o *nervosinho* das primeiras entrevistas, o testar dos dispositivos, a adaptação aos espaços, o *feedback* das pessoas na rua, as saídas ao exterior, foram a prioridade (Figura 17).



Figura 17. As primeiras entrevistas, em Torres Vedras e no Maxial

Em Torres Vedras, sentiu-se ainda mais, pois a janela de tempo do Carnaval, “só” duraria uma semana e havia que aproveitar todos os momentos a acontecer em simultâneo, distribuídos pelos vários grupos carnavalescos, obrigando a um desdobramento das equipas de filmagem.

De Fevereiro até ao final de Março, foi uma viagem vertiginosa e alucinante por todo o concelho (Figura 18 e 19), deixando-nos encantar por histórias antigas ou recentes, por pessoas que são mananciais de cultura, saberes, curiosidades, descobrindo lugares e espaços deslumbrantes ou “simplesmente” portadores de património, por dinâmicas de amizade, convívio e festa.



Figura 18. Em filmagens (em cima: Maxial; ao meio: Freiria; em baixo: T. Vedras)

Obrigou a uma grande organização de todos, a uma responsabilidade acrescida para os grupos de Produção e Entrevistadores, tentando conciliar agendas de muita gente e, sobretudo, testando o compromisso dos grupos, pois foram necessárias sessões de trabalho à noite e aos fins de semana, às vezes, várias no mesmo dia (ver Anexo F com registo detalhado das filmagens).

Para cada entrevista, foi elaborado um guião que continha perguntas gerais sobre o tema que pretendíamos tratar, seguido de algumas perguntas direcionadas à pessoa em questão (Anexo G).

Como podemos observar pela Tabela 9, o local onde decorreram mais entrevistas foi na Freiria, mas o número de entrevistados no final é quase idêntico, pois em Torres Vedras, p.ex., entrevistamos várias pessoas dos grupos de mascarados, ao mesmo tempo, na mesma entrevista.

Tabela 9

Número de Entrevistas e Entrevistados

	MAXIAL	FREIRIA	T. VEDRAS
ENTREVISTAS	10	14	7
ENTREVISTADOS	13	15	14

Para além disso, face ao pouco tempo disponível em Torres Vedras (45 min. por sessão) o que manifestamente era insuficiente, todas as filmagens do grupo foram feitas fora do tempo letivo.

O que é certo é que se conseguiu fazer o pretendido. E ficamos todos a conhecer também um pouco mais do nosso concelho, dadas as incursões que se realizaram por bastantes locais (Figura 19). Fica aqui, uma palavra também para os professores e pais que se disponibilizaram para a parte logística (automóveis e boleias).

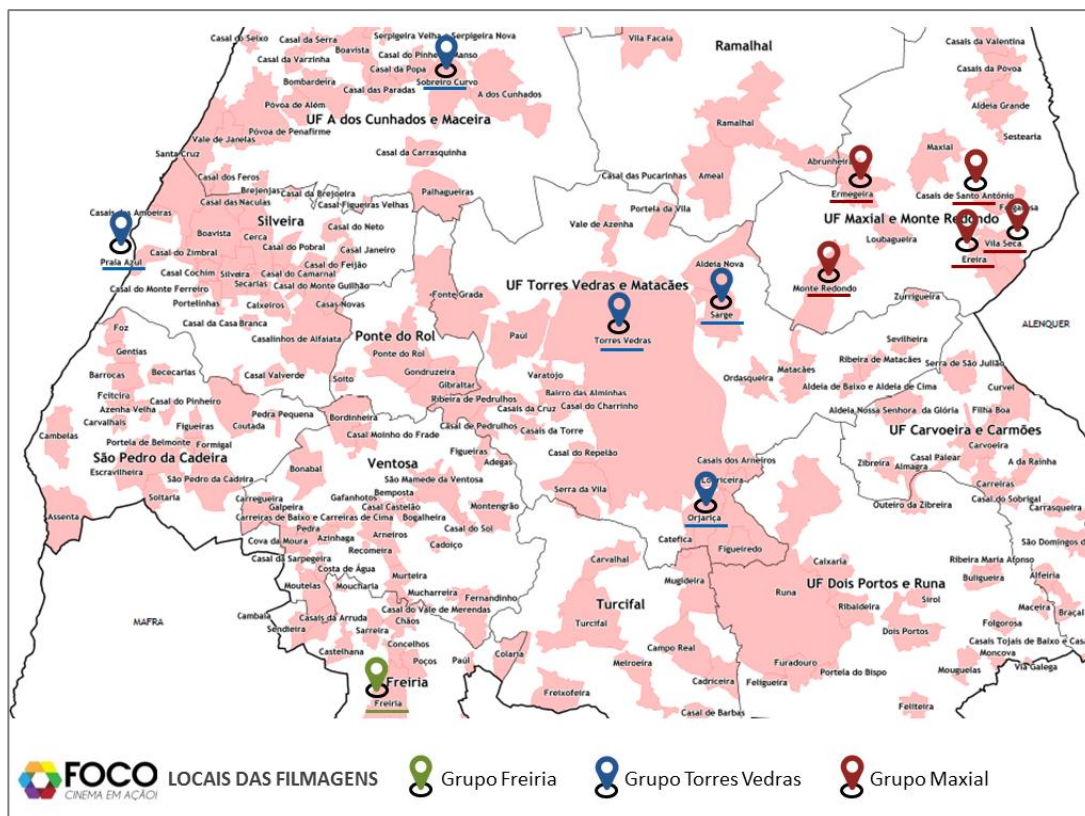


Figura 19. Locais onde decorreram filmagens do projeto

(Fonte: mapa de Torres Vedras em www.cm-tvedras.pt, adaptado pelo autor, 2017)

Seguiram-se as férias da Páscoa, que foram boas para recuperar as energias. No regresso, começou-se por instalar o *software* para a edição, o VSDC (software livre) nos computadores existentes. Foi aqui, que começaram os problemas e as frustrações. Os computadores eram poucos (no Maxial, por exemplo, só havia 2) ou então não funcionavam devidamente (lentos, bloqueavam...).

Em Torres Vedras, sendo a sala partilhada, os computadores foram formatados mais do que uma vez, sem o nosso conhecimento, tendo-se perdido algum do trabalho já feito e, inclusive, houve necessidade de instalar de novo o programa.

A edição tornou-se assim o nosso *elo mais fraco*.



Figura 20. Edição dos filmes (da esquerda para a direita: Freiria, T.Vedras e Maxial)

Os problemas persistiam, o tempo fugia-nos das mãos e foi necessário tomar uma decisão: eu editaria os filmes em casa, pelas razões já expostas anteriormente, no ponto 2.8., e os alunos fariam pequenos excertos do filme principal (o que conseguissem), o *making of* (dentro do possível) e adiantariam serviço, fazendo uma pré-edição em papel (Figura 21), com tempos de entrada e de saída (*timecode in e out*), do que consideraram mais importante, por temas e pessoas entrevistadas. Sobretudo na Freiria, onde havia mais pessoas entrevistadas, esta opção mostrou-se crucial e é de referir a grande ajuda dos professores nesta tarefa.

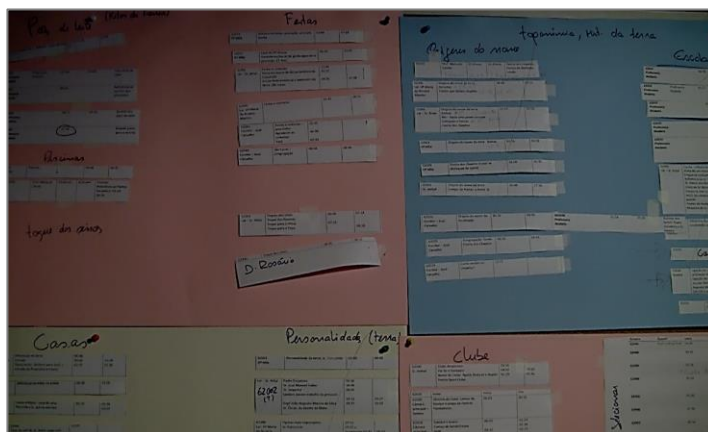


Figura 21. Montagem em cartolina, a partir da pré-edição feita em papel (Freiria)

Mas tínhamos também, ao mesmo tempo, mais questões e “produtos finais” para resolver: as Exposições de Fotografia nos três locais e o Mural Comunitário³⁵ na Freiria (Figura 22). Para não falar nas exibições, entretanto já com data marcada: 3 de junho (antestreias no Maxial e Freiria) e 18 junho (estreia dos 4 filmes: 3 das escolas e o *making of* geral, no Teatro-Cine).

³⁵ Para consultar todo o processo e etapas de construção do Mural Comunitário e das Exposições de Fotografia, consultar Anexos H e I.



Figura 22. Planificação da Exposição de Fotografia, a criação do Mural Comunitário e as filmagens em *time-lapse* de todo o processo (mural)

Adiantando-me na história, só se resolveram de facto, porque estes alunos e professores foram excepcionais, dando muito do seu tempo e generosidade pessoais. No caso dos professores, muitas vezes, do seu tempo livre e *fora de horas*.

Seguiu-se a edição, uma maratona gigante, quando a energia já começava a escassear, com prazos apertadíssimos para terminar cada um dos filmes (ocupando em média 5 dias de edição para cada filme), mas mais uma vez cumpriu-se o destino e fez-se.

Pelo meio, trabalharam-se os materiais de divulgação, distribuíram-se cartazes por locais, pelas pessoas que tinham colaborado com os filmes, convidaram-se outras tantas, reforçou-se toda a comunicação *online* (ver ponto 2.10.) e o resto acabou por surgir naturalmente pelas redes de contacto dos próprios alunos e escolas (pais, familiares, amigos).

Em relação às Exibições, de início previstas para acontecer nas escolas, mas cumprindo com a ideia de *sair de muros*, acabaram por acontecer nas coletividades (ainda bem, pois envolveu ainda mais a comunidade e os parceiros).

Era chegada a hora de celebrar (Figuras 23 a 26) e os *Gaiteiros da Freiria* ajudaram à festa (na estreia em Torres Vedras).



Figura 23. Antestreia do filme (Maxial)

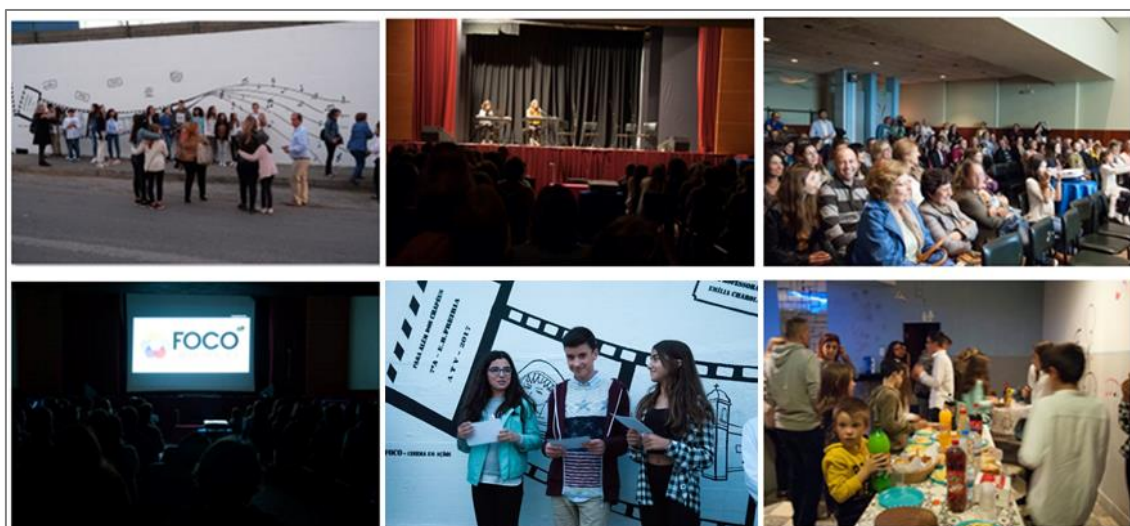


Figura 24. Antestreia do filme (Freiria)



Figura 25. Conversas no final (Freiria e Maxial)



Figura 26. Estreia dos filmes no Teatro-Cine de T. Vedras

2.10. Comunicação acima e abaixo, para os lados. A toda a hora

Desde o início, a comunicação foi, assumidamente, uma das componentes essenciais do projeto. Teríamos até que considerar que a comunicação começou antes de haver projeto, durante as reuniões preparatórios com os professores. Tomou diversas facetas, interna e externamente, desde logo a comunicação humana, presente nas sessões de trabalho, nas entrevistas, nas apresentações e conversas no final das exibições... Questões tão “simples” como os telefonemas que se fizeram para agendar entrevistas obrigaram, logo à partida, a que os alunos tivessem de se apresentar a si e ao projeto, antes de fazerem a proposta. Essa também é uma imagem que passa para fora e segue o seu próprio caminho. As redes sociais, os e-mails que se trocaram e a plataforma *Edmodo* são também uma extensão dessa interatividade humana, em versão digital.

Por outro lado, os materiais gráficos são uma face mais visível, dessa comunicação do projeto para o exterior. A começar pelo próprio logótipo (Figura 27), presente em todos os materiais, que teve na sua génese, a ideia de diversidade, de

muitos mundos reunidos sob um interesse específico (comunidade), enfatizando a componente artística pela presença das cores.

Por outro lado, a palavra Foco remete para um duplo sentido: o técnico, de focar a lente, fazendo uma ligação óbvia ao cinema; e o de criar um foco sobre um assunto, tornar claro aquilo que antes estava enevoado.

“Cinema em Ação!” remete-nos para o facto de não ser um projeto de visionamento de filmes, mas antes de “fazer filmes”. A palavra “Ação” para intervenção e mudança e é a palavra de ordem para se iniciar um filme, quando se “bate a claquete” p.ex..

O subtítulo explicita a conjugação das diferentes componentes, referindo-se ao âmbito e ao contexto do projeto.



Figura 27. Logótipo do projeto

O logótipo acabou por “servir” também para albergar as diferentes imagens dos espaços e pessoas (seleção) que serviram de base à criação dos cartazes (Figura 28):



Figura 28. Cartazes das apresentações à comunidade (individuais)

Fez-se um cartaz individual para o filme de Torres Vedras (Figura 28 e Anexo K), ainda que a exibição/ estreia no dia 18 de junho fosse uma sessão destinada à apresentação de todos os filmes, mas para que a turma de Torres Vedras não se

sentisse diminuída face aos outros grupos que tiveram antestreia e para poderem entregar/ convidar em nome próprio os entrevistados, fez-se um cartaz só com o seu filme.

Paralelamente, para esse dia, fez-se um segundo cartaz (Figura 29), integrando todos os filmes, na imagem habitual dos cartazes individuais do *Café com Filmes*.



Figura 29. Cartaz da estreia de todos os filmes

Os cartazes individuais foram distribuídos maioritariamente pelos próprios alunos, tendo-se constituído um grupo de trabalho para o efeito. Foram deixados nos cafés, nas escolas, nas coletividades (Figura 30) e, na rua, apelou-se também aos convites pessoais e espontâneos, ao *passa palavra*. Para além deste grupo de trabalho, os alunos que tinham sido *peças de referência* nas entrevistas, levaram também pessoalmente a informação aos entrevistados.

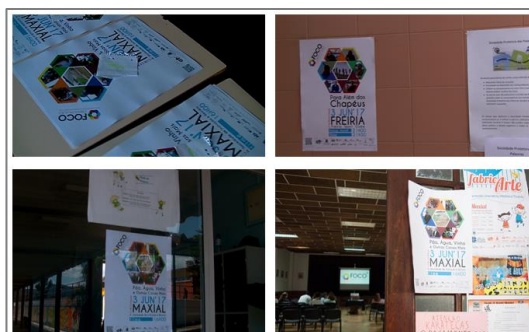


Figura 30. Distribuição de cartazes dos filmes

A sessão do dia 18 de junho foi ainda divulgada nos folhetos do *Café com Filmes* (1500 exemplares) e no *book* do Teatro-Cine (Figura 31).

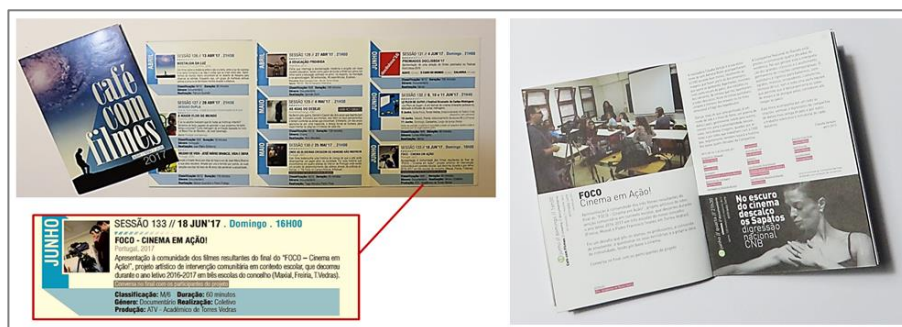


Figura 31. Divulgação no folheto do *Café com Filmes* e *book* do Teatro-Cine de Torres Vedras

Na versão *online*, houve ainda lugar ao envio de *e-mails*, à publicação de notícias no site do ATV (Figura 32), ao envio de *newsletter* do ATV, à colocação de informação no *Facebook* do ATV, do *Café com Filmes*, do Teatro-Cine, da Câmara Municipal e em contas pessoais, tendo sido igualmente observadas referências no jornal “Piropo Online” (Maxial).



Figura 32. Notícias publicadas no site do ATV

Saiu também, à posterior, uma notícia no jornal *Badaladas* (14/07/2017) e na *Torres Vedras Web* (6/7/2017) sobre o trabalho feito na Freiria (Figura 33 e Anexo L), englobado numa perspetiva maior (o cinema na Freiria).



Figura 33. Publicação de notícias na Comunicação Social local

Para além dos materiais gráficos, das Redes Sociais como o *Facebook*, e da comunicação pessoal com os grupos ou entre eles, a plataforma *Edmodo* (Figura 34), foi um auxiliar precioso, pois permitiu: registar todas as sessões, pedir opiniões, promover a interatividade, partilhar ou solicitar informação adicional sobre determinado assunto (texto, fotos, vídeos), seleccionar os grupos específicos para quem se queria partilhar informação (todos os grupos ou só a Freiria p.ex., porque era uma pesquisa específica que só interessava a eles), partilhar *links*, estender o tempo das sessões para lá da escola, permitir aos pais que pudessem seguir o projeto (ainda que não tenha havido muitos inscritos), permitir uma relação não hierárquica entre todos os elementos do grupo (coordenador, professores, alunos), sendo que todos tinham os mesmos privilégios de administração da plataforma. Tudo isto, com segurança e com acesso fechado (havia um código para se aceder à plataforma). Permitiu também que, para os mais inibidos (ou mais criativos), pudessem criar um avatar no seu perfil de conta (Figura 35).

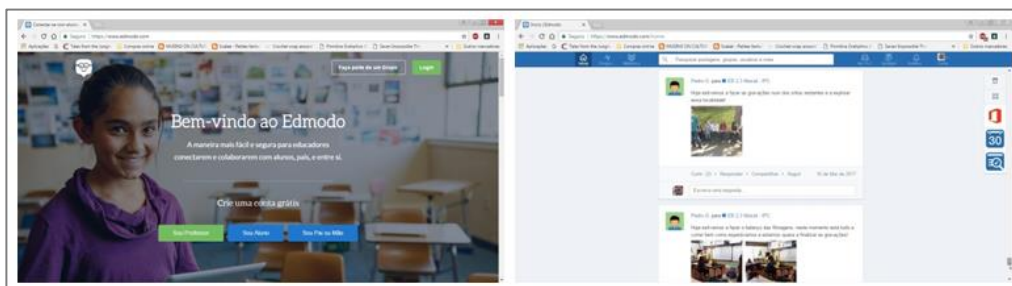


Figura 34. A utilização do *Edmodo*, como plataforma de comunicação do projeto (interna)



Figura 35. Alguns avatares de alunos participantes do projeto

A nível gráfico criaram-se mais alguns materiais interessantes, tais como:

- O placar construído por alunos e professores do Maxial (Figura 36) que acabou por estar presente também nas apresentações da Freiria e Torres Vedras.
- Os cartões dos Apresentadores, que tinham o logótipo na capa (Figura 37).
- Os convites que foram enviados às pessoas e grupos que foram entrevistados e/ou apoiaram o projeto (Anexo J).



Figura 36. O “placar do Maxial”



Figura 37. Os Apresentadores e os cartões

O facto dos *Gaiteiros da Freiria* terem tocado à porta do Teatro-Cine (Figura 38) também foi uma forma de divulgação, pois chamou a atenção dos transeuntes. Durante este momento, foram distribuídos *flyers* a quem passava e convidando as pessoas a entrar, para assistirem à apresentação dos filmes. Era para ter sido uma arruada pelo centro histórico, mas infelizmente não foi possível.



Figura 38. Atuação dos Gaiteiros da Freiria na estreia, à entrada do Teatro-Cine de T. Vedras

Ainda um outro aspeto da comunicação relevante: publicou-se primeiramente o *trailer* a 29 de Março no *YouTube* (por ser mais conhecido), mas, por se considerar que o *Vimeo* tem melhor qualidade, menos publicidade e está mais associado ao mundo artístico, optou-se por republicar o *trailer*, bem como todos os restantes filmes, neste canal (*Vimeo*).

2.11. Avaliação: Instrumentos, momentos e procedimentos

Tal como a comunicação, a avaliação também foi contínua, uma vez que o projeto foi criado de raiz e em cada sessão havia uma reflexão pessoal/ autoavaliação, uma partilha com o grupo sobre a forma como o projeto ia decorrendo e sobre eventuais ajustes que eram necessários ir-se fazendo em cada semana. Fez-se igualmente um pequeno balanço, após as férias de Natal/ início do 2º período, recapitulando o caminho feito e preparando os guiões e agendamento de entrevistas. Ficou claro que era necessário encurtar o período preparatório e começar rapidamente a filmar sob pena de desmotivação coletiva.

Para além disso, houve três momentos em que essa intenção foi mais explícita e estimulada (ver Anexo B, ponto “Avaliação do Projeto”):

- Em outubro, após o exercício de Foto-Voz, percebendo as expectativas e desejos do grupo, fez-se uma avaliação inicial do que poderia ser o projeto, com a incorporação desta informação.

- Avaliação intermédia, após o término do segundo período letivo (março 2017). Fez-se um balanço do que tinha sido o período de formação e das filmagens, preparando-se a última etapa (edição e apresentação dos produtos finais).

- Por fim, fez-se uma avaliação final do projeto, em junho 2017.

Avaliação do Projeto (instrumentos e participantes)

Alunos e Professores

- Informações recolhidas no exercício do Foto-Voz (alunos).
- Avaliação/Balanço no último dia registado em vídeo (Figura 39).
- Inquéritos por Questionário (alunos, Evidências, Anexos M e N) (Figura 40).
- Conversas informais, quer individuais quer em grupo.
- Entrevistas (semiestruturadas) para o *making of* (quatro a seis alunos por turma, professores envolvidos, Anexo O) (Registo em vídeo, Evidências, Anexo P).
- Observação direta.
- Comentários registados no *Edmodo*.
- Registos vídeo e fotográfico, ao longo de todo o projeto.



Figura 39. Avaliação/Balanço na última sessão do projeto

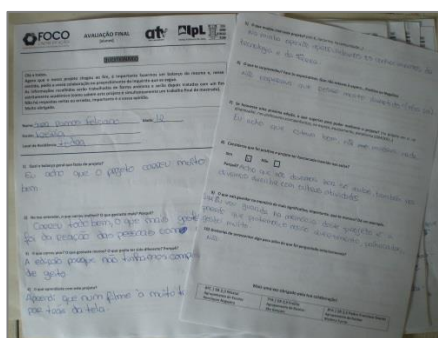


Figura 40. Inquéritos por Questionário

Comunidade

- Observação direta.
- “Livro de Mensagens” com *feedback*/comentários à apresentação do filme na Freiria (Figura 41 e Anexo Q).
- Conversas informais.
- Comentários nas Redes Sociais, após as Exibições (Evidências, Anexo Q).

- Número de visionamentos *online* dos filmes (Anexo R).
- Número de espectadores.

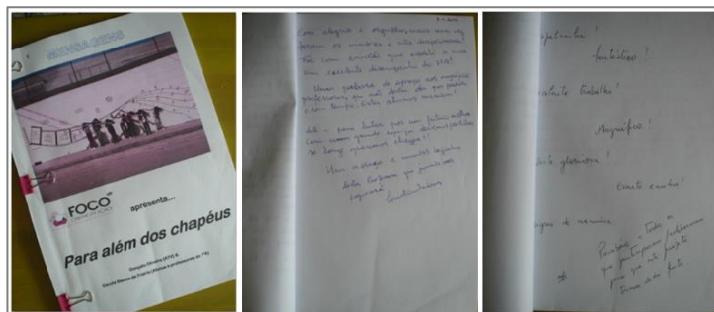


Figura 41. Livro de Mensagens (“livro de honra” na Freiria)

Coordenador

- Diário de Campo do Coordenador (Figura 42).
- Autoavaliação.

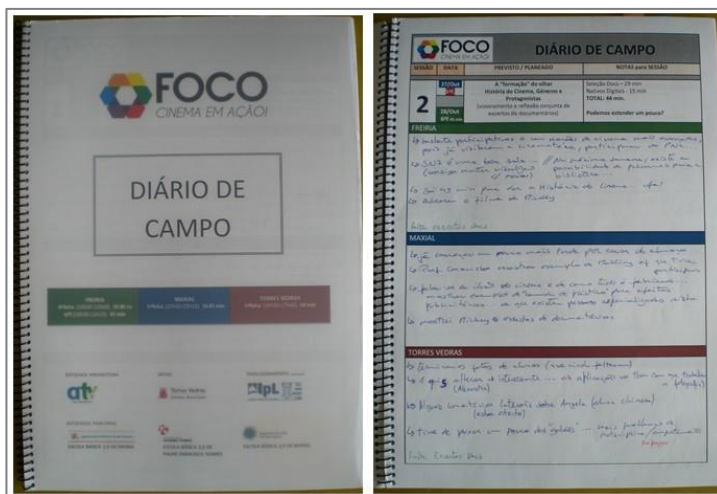


Figura 42. Diário de Campo do Coordenador do projeto



Eu não acredito que a arte salve o mundo — se salvasse já há muito que tínhamos sido salvos — mas pode, pelo menos para alguns, aprimorar uma série de coisas.

E se acredito que tem esse potencial, sinto a responsabilidade de partilhar instrumentos que permitam o acesso a ela.

Magda Henriques, diretora artística das Comédias do Minho³⁶

³⁶ Magda Henriques, a propósito da apresentação pública do projeto “Universidade Invisível” (Ribeiro, 2017). Para mais informações sobre este interessante (e único) projeto das Comédias do Minho (CdM), com forte pendor participativo e comunitário, consultar: www.comediasdominho.com

PARTE III

Continuidade, Créditos Finais e Estrelas

[Sequela]

3.1. Apresentação dos resultados

“O produto cultural apresenta-se a partir de uma dupla perspectiva, a percepção material funcionalista enquanto obra de arte, evento cultural ou projecto de intervenção, ao mesmo tempo que partilha uma leitura identitária e significativa que lhe dá sentido no interior da vida quotidiana da comunidade de referência.”

(Gonzalés, M., 2011, p. 215)

Para além dos aspetos que já foram sendo referidos ao longo desta reflexão, apresentam-se aqui algumas evidências do que foram os resultados finais deste trabalho.

Um dos resultados mais evidentes, prende-se com os produtos finais que foram criados:

- 3 Filmes Documentais, um por cada grupo/turma:
 - "Pão, Água, Vinho e Outras Coisas Mais" / Maxial / ver: vimeo.com/235532058
 - "Para Além dos Chapéus" / Freiria / ver: vimeo.com/236721055
 - "O Nosso Carnaval, a Nossa Casa" / Torres Vedras / ver: vimeo.com/2355410683
- Exposições de Fotografia, uma por cada grupo/turma;
- 1 Mural Comunitário (Freiria);
- 1 *Making of* geral do Projeto / ver: vimeo.com/236727930
- 1 *Trailer* geral do Projeto.

Estes filmes, nas suas apresentações à comunidade, deram origem a várias Exibições, seguidas de Conversas/Reflexões com o público:

- 2 Antestreias na Comunidade (Maxial e Freiria, 3 de Junho 2017);
- 1 Estreia, com a exibição dos 3 filmes documentais e o *making of* (Teatro-Cine de Torres Vedras, 18 de Junho 2017).

Em relação ao público que assistiu às Exibições públicas, os dados que estimamos³⁷ são os seguintes: 40 pessoas no Maxial, 150 pessoas na Freiria e 200 no Teatro-Cine de Torres Vedras.

³⁷ Sendo uma estimativa, dado que os eventos eram de entrada livre e, portanto, não foi possível contabilizar bilhetes vendidos p.ex. tendo sido contabilizado o número de cadeiras ocupadas.

Nas Exibições, valorizando as mesmas, contamos com a presença de alguns órgãos públicos representativos da comunidade, como sejam, presidentes da Junta de Freguesia (Maxial e Freiria) e vereadores da Câmara Municipal de Torres Vedras. Em Torres Vedras, contamos ainda com vários elementos da direção da ESELx, as professoras orientadoras e outros professores ou colegas do mestrado.


Na Freiria, antes da exibição do filme, ocorreu a inauguração do Mural Comunitário. Não estando previsto, não deixou de ser revelador da receção e apropriação positivas que este projeto teve junto da comunidade, os filmes terem sido exibidos, posteriormente, em mais dois momentos:

- Festas populares da Freiria, 29 julho 2017 (Anexo C);
- Fórum das Associações de Torres Vedras, 15 a 17 setembro 2017 (Anexo C).

Quanto ao processo e trabalho desenvolvidos com os grupos, para registo futuro, ficam as 30 sessões que, em média, se realizaram em cada uma das escolas, totalizando 92 sessões, distribuídas da seguinte forma (Tabela 10):

Tabela 10

Número de sessões realizadas em cada um dos grupos

	Nº SESSÕES		
	Maxial	Freiria	T. Vedras
SESSÕES			
REGULARES (incluído nas aulas dos professores)	22 Sessões	24 Sessões	22 Sessões
EXTRA			
Filmagens (fora das sessões regulares)	5 Sessões Casa do Forno, Moinho a moer, “Vinho”, D ^a Luísa, Maestro	3 Sessões prof ^a Anabela e José Carvalho, Cristina Eiras..., Gaiteiros e Cavaquinhos	8 Sessões Monumento Carnaval, Bochas/Foliões x3 (construção fatos, preparativos para o curso noturno, desfile curso diurno), Magone, Rei, Orjariça, <i>making of</i>
Mural Freiria	-	3 Sessões (sessões autónomas,	-

		alunos com o prof. Henrique... apoio das outras professoras)	
EXIBIÇÕES (fora da escola, outros dias)	2 Sessões (antestreia e estreia)	2 Sessões (antestreia e estreia)	1 Sessão (estreia)
TOTAL	29 Sessões	32 Sessões	31 Sessões
<p>Sessões realizadas ao longo de 27 semanas, durante o ano letivo de 2016/2017, entre Outubro e Junho.</p> <p>INTERRUPÇÕES no projeto: Nas Férias Letivas, Greve dos professores, Festas de final de ano letivo (6^afeira), Licença paternidade do coordenador e Feriados.</p>			

Outro aspeto relevante, para além da valorização imaterial das comunidades e consequente registo efetuado (vídeo e fotografia³⁸), foi a valorização material do local onde foi implantado o Mural Comunitário na Freiria. O muro do campo de futebol (que se situa numa das entradas da aldeia) já apresentava algum desgaste e sujidade e, face à nossa intervenção, que de alguma forma ainda evidenciava mais a situação, o clube acabou por pedir um apoio e pintou todo o muro à volta do Mural. Na Figura 43 podemos observar os vários momentos do processo e resultado final.

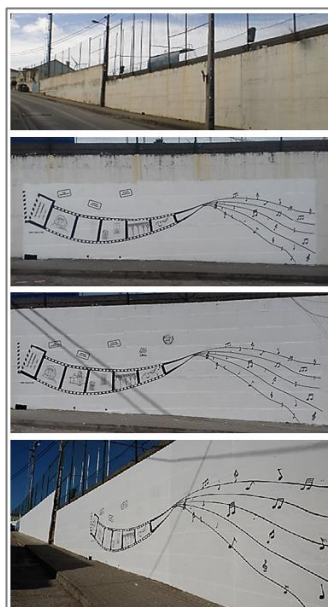


Figura 43. Muro do campo de futebol da Freiria, antes e depois da intervenção (Mural)

³⁸ Para além das fotografias que constaram das exposições, foi feito um registo fotográfico das Exibições, cujos *links* podem ser encontrados no Anexo S.

Sobre valorização, penso ter sido também importante para as comunidades, para as escolas, e para o próprio ATV, terem tido algum eco na comunicação social local (Anexo L), nas redes sociais (Anexo Q), e, num meio mais específico, na *newsletter* do PNC - Plano Nacional de Cinema (Junho) e em "NOESIS - Notícias da Educação", Boletim da Direção Geral da Educação (mês de Julho) (Anexo S).

Como reflexo ao projeto e garantindo a continuidade, indiretamente, do trabalho feito, embora nunca tenha sido este o propósito do mesmo, a escola de Torres Vedras decidiu aderir ao PNC – Plano Nacional de Cinema, no qual, o ATV passou a ser também parceiro e promotor na região. Para além disso, havendo esta referenciação de professores interessados em cinema por via do nosso projeto, houve uma outra atividade promovida pela Câmara Municipal de Torres Vedras, intitulada “Arte ao Centro”, que levou realizadores, ilustradores e artistas plásticos brasileiros a trabalhar, este ano letivo, com os professores e uma das turmas que participaram do FOCO.

Para além destes resultados, que se consideram ser os mais visíveis, apresentam-se, no ponto seguinte, os decorrentes da aplicação dos vários instrumentos de avaliação.

3.2. Discussão dos resultados

Os resultados deste projeto foram avaliados tendo em conta os vários participantes do mesmo: alunos, professores, comunidade e coordenador do projeto.

Como referido no ponto 2.11., foram aplicados “Questionários de Avaliação” junto dos alunos³⁹ e registadas “Entrevistas” junto de alunos, professores e coordenador (para o *making of*). Em resultado da análise das respostas e das evidências encontradas (Anexos N e P), acrescido dos “Comentários após as exposições”, maioritariamente efetuados pela comunidade, no local e *online* (Anexo Q),

³⁹ Dos questionários aplicados, responderam: na Freiria, de um total de 22 alunos, responderam 21; no Maxial, dos 22 alunos, responderam todos e em Torres Vedras, dos 22 alunos, responderam 16.

Nota: Os alunos do Maxial e Freiria, responderam aos questionários na última semana de aulas, já depois de terem ocorrido as antestreias dos seus filmes (o que constitui mais um fator de apreciação suplementar), enquanto que os de Torres Vedras só viram o filme, em virtude dos atrasos ocorridos e por não estar prevista nenhuma antestreia, já depois de terem respondido aos inquéritos na escola. Quando o filme estreou (18 de junho), o ano letivo já tinha terminado.

da própria autoavaliação que foi feita a todo o projeto, triangulando toda a informação com os objetivos gerais, o diário de campo e os conceitos mobilizados, o processo de pesquisa e os produtos finais criados, chega-se aos seguintes resultados:

No geral, considero que este projeto correu muito bem, uma vez terem sido atingidos os objetivos a que se propôs, superando as expectativas da maioria dos participantes. É óbvio ocorreram alguns sobressaltos e algumas etapas ficaram aquém do que era expectável, como foi o caso da edição, em virtude de vários fatores, como a falta de tempo, mas sobretudo, pelo facto de não dispormos dos recursos tecnológicos necessários (falta de computadores e/ou não terem capacidade para editar vídeo). Da parte da comunidade, os filmes foram recebidos com entusiasmo e vieram preencher um papel importante na história, autoestima e valorização da identidade local.

Analisando em concreto algumas das questões:

1) O papel dos professores no projeto e o papel do projeto na vida dos alunos.

Balanço geral.

Este projeto só foi possível porque os professores envolvidos se interessam por estas temáticas e queriam muito que o projeto acontecesse, tendo um perfil condicente a essa mesma vontade. Esforçaram-se imenso e conseguiram inserir o projeto nas suas disciplinas e respetivos conteúdos, única forma de poder levá-lo por diante. Adicionalmente, para além da carga horária afeta às disciplinas, deram muito mais horas ao projeto do que o planificado inicialmente. Seja por via de outras disciplinas, que também eram suas com a mesma turma, despendendo do seu tempo ou recursos pessoais (sobretudo no período das filmagens) ou tendo de criar alternativas pedagógicas para poder lecionar a matéria que não se inseria no projeto (no Maxial, o projeto ocupou as horas todas da disciplina de educação visual, pelo que os conteúdos foram passados por outras vias, incluindo trabalho fora das aulas e partilha de informação *online* entre o grupo), esta foi a única forma de podermos terminar os trabalhos. Estes professores têm também uma relação diferente com os alunos e isso sente-se no ambiente criado, condição importantíssima ao estímulo da criação e participação. O facto de Torres Vedras ter tido menos tempo e menos

professores integrados no projeto, acrescido de outros constrangimentos⁴⁰ fez também com que o processo não fosse tão profundo e envolvente. Foi ainda assim, durante o período das filmagens (Carnaval), muito intenso e gratificante.

Existe a consciência de que nos dias que correm é complicado, com tanta pressão para se cumprir com *rankings*, objetivos e prestações escolares, sobretudo quantitativas, poder implementar-se projetos deste teor, sendo o professor de certa forma, um resistente dentro da escola, inclusive, perante os seus pares.

Os alunos criaram uma grande afinidade com o projeto, com o percurso que fomos fazendo e envolveram-se de forma real e fantástica, para além das horas do projeto (à noite, aos fins de semana...). Ninguém mais do que eles, queriam que isto funcionasse, queriam filmar, queriam falar com as pessoas, “arrastaram” os pais para o projeto, organizaram boleias, queriam (muito) ver os filmes, saber como iriam reagir as pessoas entrevistadas ao trabalho feito. Queriam poder sentir orgulho no resultado final e, por isso mesmo, alguns deles, referem que nem todos se empenharam da mesma forma e consideram claramente que esse foi um dos fatores que poderia ter corrido melhor. Mas face aos desejos iniciais, manifestados no exercício do Foto-Voz, para que o projeto fosse divertido ou unisse a turma, isso foi bastante evidenciado como um feito alcançado. É difícil, nos dias de hoje, os alunos terem uma relação aprofundada com a comunidade onde a escola se insere quando, na maioria das vezes, não são naturais da mesma (como era o caso) e têm de sair a correr para apanhar os autocarros. Portanto, a realidade que conhecem é a da escola e pouco mais. Isto ficou também claro para alguns professores e contribuiu para criar uma relação mais igualitária entre os jovens e os adultos, todos participantes, menos centrada na habitual hierarquia professores-alunos. Estavam de tal modo motivados e apropriam-se de tal forma dos filmes, que a título de exemplo, uma aluna do Maxial, passou o verão a mandar-me mensagens, ansiosamente, para saber quando é que os filmes ficavam disponíveis *online*, para poder rever o filme e mostrar a amigos e familiares que, por alguma razão, não tinham assistido à antestreia ou à estreia.

⁴⁰ Alguns dos constrangimentos sentidos em Torres Vedras, pese embora a prof^a Niki ter tentado contrariá-los: menos tempo para o projeto, apenas 45 minutos semanais, num horário ao fim do dia, onde imperava um maior cansaço, por vezes já com a luz exterior a desaparecer, não permitindo saídas ao exterior para filmar, o que poderia ter ajudado a descomprimir, ao convívio. A própria configuração da sala não ajudava, nem o comportamento de alguns elementos da turma.

O facto dos pais também compreenderam que apesar dos seus filhos terem menos aulas “ditas convencionais”, estavam a aprender igualmente, mas de outra forma, ajudou o projeto, quer nas restantes disciplinas, quer a nível motivacional, quer na relação com o meio envolvente (integração). Deste modo, este projeto acredita que a escola não pode ser só uma prestadora de serviços de disciplinas avulso, devendo de ser muito mais do que isso. Se não for um dos essenciais suportes e incentivo à cidadania, à cooperação, à relação com a comunidade, então, algo não está bem. Nesse sentido, acreditamos que os alunos tiveram oportunidade de aprenderem também competências sociais fundamentais para o seu dia a dia e para a vida, presente e futura.

Algumas Evidências (extraídas dos Anexos N, P, Q):

ALUNOS (Anexo N)

- “Não estava à espera de gostar tanto deste projeto” (**P3 TV Q6**); “Não estava à espera que o projeto fosse tão bem sucedido” (**P5 TV Q6**); “não estava a espera de ser tão interessante” (**P1 M Q6**); “No início do projeto, achei que o filme e o mural iam ficar bons, mas quando acabamos, fiquei muito surpreendida, porque o nosso trabalho ficou espetacular” (**P4 F Q6**); “Não estava à espera que ficasse tão bom (sem ofensa) é lindo ver o que fizemos ao longo do ano é mesmo muito emocionante.” (**P3 M Q6**).

- “acho importante haver este tipo de projectos nas escolas e gostava que houvessem mais.” (**P1 TV Q10**); “Foi muito divertido e foi uma experiência única que vou levar para a vida” (**P4 F Q1**); “Obrigada por me ter dado a oportunidade!” (**P3 M Q10**); “Porque é que isto já acabou?” (**P2 F Q10**).

- “Aprendi a falar com pessoas de fora que não conhecia” (**P3 TV Q4**); “Aprendi que se nos esforçarmos conseguimos obter os nossos objectivos” (**P2 M Q4**); “O mais significativo foi realmente descobrir quem são os meus amigos na turma” (**P4 F Q9**); “Trabalhamos com colegas que nunca tínhamos trabalhado” (**P5 TV Q5**); “criou união na nossa turma” (**P4 M Q1**).

- “O que mais gostei foi a amizade e a cooperação que ganhámos juntos com os stores” (**P5 M Q2**); “Vou guardar as pessoas /colegas / professores que conheci. Vou guardar os momentos e as diversões...” (**P3 F Q9**).

PROFESSORES

- “o facto de eles terem acesso a este tipo de projetos... para mim é muito importante porque acrescenta-lhes muito em termos de currículo, das competências que eles adquirem e das coisas novas que eles descobrem, das motivações que podem surgir...”

(**Paulo Carocinho**, professor envolvido no projeto, Maxial, Anexo P)

- “os alunos até trabalharam muito, eles não é... ou seja, nós fizemos, demos um *apoiozinho*, mas até acabamos por não sermos nós a fazer as coisas, eles fizeram.”

(**Cristina Antunes**, professora envolvida no projeto, Freiria, Anexo P)

- “o projeto traz-nos tanto, que nós não nos importamos e andamos com este ar aqui feliz e contente a fazer tudo, independentemente de ultrapassar o tempo disponível.”

(**Elisabete Silva**, professora envolvida no projeto, Freiria, Anexo P).

COMUNIDADE

- “tudo isto vos ensina a pensar, vos ensina a tomar decisões, a resolver problemas e tudo isso é Matemática, e tudo isso é Português na comunicação, e tudo isso é Geografia quando estudam o meio, quando saem” (**Anexo Q, E7 F**, professora)

2) Conhecimento e valorização da comunidade, aproximação da escola ao território.

Foi muito interessante, como, a partir de um conceito inicial comum de comunidade surgiram abordagens e objetos artísticos tão diferentes. O Maxial explorou mais as questões à volta da ruralidade, das profissões e saberes antigos, num território muito disperso. A Freiria, mais em torno da sua “própria” aldeia, da origem do nome, das tradições, das personagens importantes, e por fim, Torres Vedras, elegeu os grupos de carnaval como símbolo de uma experiência comunitária bastante ativa, traduzida na criação coletiva dos fatos, no convívio, na criatividade da abordagem aos temas, naquele que é o maior símbolo do concelho.

No caso do Maxial, foi muito interessante conhecer e participar neste processo de conhecimento dos próprios alunos sobre a sua região, das terras uns dos outros, pois tínhamos uma turma na qual p.ex. não havia ninguém do próprio Maxial. Estas pessoas, no geral mais velhas, transportam em si todo um saber antigo que foi agrupado por temáticas que, de alguma forma, criaram um fio condutor entre si.

A Freiria, foi onde o projeto conseguiu ir mais longe na pesquisa, na realização de entrevistas e nos produtos finais alcançados (sem avaliar de melhor ou pior) onde, para além do filme e da exposição, conseguiu-se criar uma intervenção de arte pública, um mural, com os elementos recolhidos, legando, fisicamente, um elemento visual que agora integra a vida da comunidade. Penso que isto também aconteceu, porque foi onde tínhamos um corpo docente maior, quatro professores a colaborar ativamente no projeto.

Em Torres Vedras, tendo o Carnaval surgido quase instantaneamente como o tema a abordar, por ser o seu evento mais emblemático, decidiu-se, ainda assim, dar a conhecer um lado menos conhecido, o dos grupos de mascarados. Para além do evento gigantesco em que se tornou o carnaval, com bastantes problemas atualmente, sobretudo na sua versão noturna, é ainda uma faceta onde o espírito da comunidade subsiste, das pessoas se unirem por algo, por se juntarem em garagens, ou na casa de uns e de outros, para criarem, colaborativamente, algo em volta de um tema.

Algumas Evidências (extraídas dos Anexos N, P, Q):

ALUNOS (Anexo N)

- “Aprendi um pouco sobre o dia a dia dos antigos” (**P3 M Q4**); “o que mais gostei foi a azenha porque foi muito interessante.” (**P1 M Q2**); “Mudou a maneira de como eu olho para a Freiria (para melhor).” (**P1 F Q5**).

- (o que te surpreendeu) “as pessoas da comunidade terem querido participar no filme e terem gostado de participar.” (**P4 M Q6**); “Surpreendeu-me que muitas pessoas nos queiram oferecer materiais e ajuda.” (**P1 F Q6**); (vou guardar na memória) “As entrevistas e a interacção com outras pessoas da comunidade” (**P2 TV Q9**).

- “na comunidade acho que o mural vai fazer muita diferença” (**P5 F Q5**);

- “Nunca tinha percebido porque é que as pessoas cá em Torres Vedras viviam tanto isso do carnaval e porque é que ficavam o ano todo à espera do carnaval...”

(**Beatriz M.**, aluna Torres Vedras, Anexo P);

PROFESSORES

- “Foi uma forma excelente de mostrar o que são estas terras do Maxial, quem vive aqui, os nossos antepassados, a nossa história”.

(**João Batalha**, professor envolvido no projeto, Maxial, Anexo P)

- “... eu não conhecia bem a Freiria na verdade, porque chego aqui de carro, venho para a escola, vou até ao café, volto para a escola... não conversava muito com as pessoas da terra.”

(**Elisabete Silva**, professora envolvida no projeto, Freiria, Anexo P).

- “foi a minha parte preferida, o contato com a comunidade, o fato deles falarem com pessoas que não conheciam de lado nenhum, porque ...não podemos esquecer que vivemos numa cultura de medo.”

(**Niki Paterianaki**, professora envolvida no projeto, Torres Vedras, Anexo P).

COMUNIDADE

- “Adorei o filme! É um filme que conta a história de uma vila enquanto faz história na vila. Expõe a sabedoria das suas gentes de maior idade e gera sabedoria nos mais novos que se envolveram no filme. Os mais velhos forneceram as sementes e os mais novos fizeram-nas germinar neste filme. Descrito e interventivo. Emotivo e inteligente.”

(Anexo Q, **E10 LMF**).

- “é possível dinamizar jovens, menos jovens e médios jovens em torno de um foco comum, que terá muito que ver com o sentido de pertença e identidade local.”

(Anexo Q, **E1 LMF**).

- “Foi fantástico ver como a escola serviu para criar uma dinâmica própria e envolver toda a comunidade! Estas são as verdadeiras aprendizagens, as que se levam pela vida fora. Isto é uma comunidade, que se junta e une em torno de objetivos comuns. Inspirador!! Obrigada por estes momentos mágicos!” (Anexo Q, **E11 LMF**)

- “é assim que vale a pena ter a escola... é também para isto... muito por isto... não para se apartar da comunidade, mas para estar relacionada com ela, conhecê-la e ser-se fruto da comunidade e acho que aí este trabalho foi fantástico” (Anexo Q, **E2 TV**, professora)

- “Eu, como moradora da Freiria, queria dar os parabéns a todos os professores... e como é bonito nós vermos passar pela rua um grupo de alunos a fazer este trabalho... não podemos só dizer que os jovens andam a fazer mal... é de louvar este grupo que andou na rua e fez este

belíssimo trabalho. Parabéns! E continuem com muita força. Foi maravilhoso. Não só para a escola mas para a Freiria.” (E5 F)

3) Educação Não Formal e Artística. Capacitação para o uso dos audiovisuais, especialmente o vídeo e a fotografia

O elemento diferenciador e que mais expectativas criou desde início foi a possibilidade de os alunos criarem um filme para outros verem, saindo à rua rumo à incerteza do desconhecido, para entrevistas com “estranhos”, organizados em grupos de trabalho e aprenderem coisas que não se referem só aos conteúdos das disciplinas do currículo.

De início, a formação foi o que menos entusiasmo gerou, porque a ansiedade para filmar era muita, mas, ainda assim, vários alunos, quando questionados, responderam que gostaram de ter aprendido história do cinema. O exercício dos “10 planos” também correu bastante bem, pois levou os alunos a filmar pela primeira vez histórias da sua autoria (ficção), tendo por base uma consciência fílmica do que é um plano, para que serve, intuindo, ao filmar, uma pré-edição mental de como se cria uma narrativa, pela junção de planos.

Também foi interessante que no caso do Mural tenha sido destacado que alguns alunos, normalmente pouco interessados nas aulas e que manifestam alguma dificuldade e/ou pouco aproveitamento escolar, tenham sido dos que mais se destacaram nesta tarefa. Fica claro, pelo menos para mim, que nós não somos de facto todos iguais e que há, de facto, pessoas que são mais práticas/operacionais e que lidam mal com um método de ensino sobretudo expositivo. Numa escola inclusiva e mais atenta às diferenças, esta igualdade de abordagens (será que com a criação do Mural também não estamos a abordar conteúdos a lecionar?) terá de ser um caminho a percorrer com muito mais afinco.

Um dos propósitos iniciais foi o de os alunos potenciarem mais o uso dos seus *smartphones*, utilizando o vídeo e a fotografia de forma mais consciente e objetiva, podendo inclusive, de futuro, aplicar estes conhecimentos em trabalhos escolares ou em áreas de interesse e exploração pessoal. Julgo que esse intento foi conseguido, em grande parte (Figura 44) uma vez que os *smartphones* foram utilizados como 2ª Câmara durante as filmagens, para a realização de Exercícios, para o Registo Fotográfico das sessões e pesquisa inicial durante a Pré-Produção.

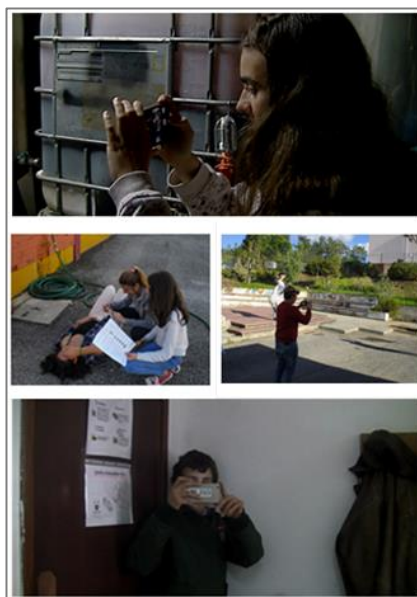


Figura 44. Uso dos smartphones no projeto

Ainda em relação à Freiria, e voltando ao período formativo, notou-se que alguns destes alunos já têm noções interessantes sobre filmes, sobre a história do cinema e um sentido estético mais apurado uma vez que já têm vindo a participar na Festa do Cinema Francês, ou em visitas de estudo à Cinemateca, terem aderido ao PNC – Plano Nacional de Cinema, no ano anterior, e usufruírem de um Clube de Fotografia na escola.

Algumas Evidências (extraídas dos Anexos N, P, Q):

ALUNOS (Anexo N)

- “aprender algumas coisas que muito provavelmente não iria aprender se não fosse neste projeto... de forma divertida” (P1 TV Q1); “Aliviou um pouco a rotina e a pressão que temos na escola.” (P1 TV Q8); “aprendemos coisas novas e que não íamos aprender nas outras disciplinas.” (P1 M Q8); “Conhecemos pessoas novas, visitamos sítios novos, conheci coisas/pessoas que não teria conhecido antes” (P2 F Q5) “é bom ter algo diferente em que se aprende sem ser numa sala de aula.” (P3 F Q8); “Não é só estar ali a ouvir um professor, nós também podemos dar ideias, podemos falar abertamente” (Marta M., Aluna Torres Vedras, Anexo P).
- “O que correu melhor foram as aulas que o professor nos deu, foi o que gostei mais, pois ensinou-nos mais sobre a história do cinema” (P6 TV Q2); “não tinha ideia de que era tão

demorado fazer um filme” (P2 TV Q4); “Mas gostei mais da exposição, porque o trabalho lá foi cumprido e gosto muito de fotos” (P3 F Q2); “Com este projeto aprendi a realizar um filme, aprendi várias técnicas e aprendi a fazer um mural” (P4 F Q4); “mudou a forma como eu vou ver um filme daqui para a frente e deu-me vontade para fazer coisas novas” (P3 F Q5).

- “Gostei mais da edição” (P1 TV Q2); “gravações, foi o que mais gostei pois segurei a câmara” (P3 TV Q2); “Mudou a minha maneira de pensar sobre o “Atrás das câmaras”. Afinal não é tão fácil como parece.” (P3 TV Q5); “gostei de fazer parte da produção” (P3 TV Q6); “Estava à espera de que fossem só quase os professores a fazer tudo e afinal fomos nós a fazer tudo menos a edição” (P3 F Q6); “Não sei, mas eu gosto muito destas coisas assim de... de entrevistar, então, se calhar um dia olho para isto e... nunca se sabe, pode ser uma coisa... assim... um início, digamos assim.” (Beatriz M., Aluna Torres Vedras, Anexo P).

- “Eu acho que o projeto foi assim uma coisa diferente, foi um ano em que nós viemos para a escola com outra razão de vir sem ser olhar para os livros... e deu-nos a conhecer uma Freiria diferente, não é a Freiria do “que seca mais uma dia”, mas é aquela Freiria “do que é que eu vou descobrir outra vez”. Há sempre uma coisa por detrás de outra. É uma Freiria nova!”

(Anexo Q, E1 F, Aluna Freiria).

PROFESSORES

- “é muito importante que se consiga estabelecer estas pontes com as associações, com entidades externas à escola... (precisamos) de um novo modelo de escola, mais plástico, mais capaz de se adaptar às comunidades onde está inserido e às realidades e à oferta cultural que as pessoas que estão no exterior da escola, têm para lhe oferecer”.

(Anexo Q, E4 M, professor envolvido no projeto, Maxial,)

- “Aqui... houve ali uma forma de passar aos miúdos também... como planificar, como pensar, como organizar... pronto, e isso acho que é benéfico, em termos de futuro, para tudo, não é só para isto, mas como para tudo”

(João Batalha, professor envolvido no projeto, Maxial, Anexo P)

- “com o PNC, tínhamos feito uma ação de formação e ficamos com muita vontade de aplicar o que se tinha aprendido... E este projeto veio resolver algo que o Plano Nacional de Cinema não tinha-nos dado, em termos de formação e que permitiu essa aprendizagem.”

(Paula Lavanco, professora envolvido no projeto, Freiria, Anexo P)

- “É o facto de nós sairmos da sala de aula e de podermos estar com os miúdos fora daquele contexto certinho, em que eles têm que estar sentadinhos... de facto modifica a forma como eles aprendem”

(**Elisabete Silva**, professora envolvido no projeto, Freiria, Anexo P)

- “é giro conhecer os miúdos noutra âmbito, portanto, estamos ali a pintar, há um... há miúdos que nos surpreendem imenso, que pouco trabalham na aula e depois são os primeiros.”

(**Henrique Mata**, professor envolvido no projeto, Freiria, Anexo P)

- “eu não mando em tudo, tu não mandas em tudo, ninguém manda em ninguém, isto é um dialogo, e é uma... talvez... digamos, o partilhar... eu acho esta palavra magnifica... o partilhar experiências, partilhar opiniões... e aí está, não foste tu que deste tudo, nem foram eles que mandaram em tudo...”

(**Niki Paterianaki**, professora envolvido no projeto, Torres Vedras, Anexo P)

COMUNIDADE

- “É importante... Eu acho que eles assim também aprendem... há muita coisa que eles não conhecem... Há muita profissão antiga que eles também não conhecem... nem têm noção que existem.” (Anexo Q, **E1 M**, mãe de um aluno)

- “Foi a primeira vez que ouvi alguém dizer “aprendi comigo e com a continuação”. Eu penso que é uma mensagem forte que pode ficar para vocês, para continuarem a aprender e confiarem em vocês próprios e não ficarem à espera de serem os outros” (Anexo Q, **E3 M**).

- “se calhar os professores podem não pedir só trabalhos escritos, podem começar a pedir trabalhos fílmicos quem sabe...” (Anexo Q, **E2 TV**, professora).

4) Plataforma *Edmodo*

A plataforma *Edmodo* acabou por ser uma extensão natural e importante do projeto, o nosso GPS, o meio privilegiado para partilhar pesquisas e estabelecer a comunicação com os grupos e inter-grupos, tendo sido também uma forma de promover a interatividade, por certo, uma ferramenta importante à posterior, pois os documentos, *links* e ferramentas de trabalho, ficaram todos disponíveis para os participantes usarem como bem entenderem. Os alunos foram, contudo, usando a plataforma não tanto como desejável e com pouca interatividade na parte final do projeto, por diversas razões, como a perda das *passwords* ou, simplesmente, por se

esquecerem de o fazer. Os professores utilizaram a plataforma com regularidade e para diversos fins: para comunicar com os alunos ou comigo, partilhar informação ou seguir o que estavam a fazer os outros grupos. Tivemos quatro encarregados de educação que aderiram à plataforma, mas não foi registada qualquer ação da sua parte, deduzindo-se que o fizeram movidos pela curiosidade, para avaliação do que estavam os seus educandos a fazer ou para averiguação do que era concretamente o projeto.

Algumas Evidências (extraídas dos Anexos N, P, Q):

PROFESSORES

- “Acho que os miúdos se serviram da plataforma para comunicar. Eu fui sendo informado também de tudo o que estava a acontecer através da plataforma. Fui tendo também alguma noção do que as outras escolas estavam a fazer, dentro do projeto.”

(**Paulo Carocinho**, professor envolvido no projeto, Maxial, Anexo P)

- “Não reagem, não se lembram, não vão lá... e portanto a coisa acaba por não ter o impacto que nós gostaríamos, porque os alunos não associam essas plataformas à aprendizagem, ao trabalho... é só para a diversão...”

(**Paula Lavanco**, professora envolvido no projeto, Freiria, Anexo P)

5) O que correu melhor? O que correu pior? O que irão recordar?

De todos os tópicos sobre a avaliação, nomeadamente sobre o que não correu tão bem, aquele que é transversal aos três grupos prende-se com a questão da edição. De facto, apregoa-se a escola do século XXI, mas, efetivamente, as escolas não estão preparadas tecnologicamente para projetos de edição de vídeo, algo que consome bastantes recursos informáticos, de software e hardware. A falta de tempo também foi outro dos fatores referidos com insistência. Por outro lado, a dada altura, os grupos de trabalho deixaram de funcionar tão bem, porque todas as pessoas já queriam fazer tudo ou porque não tinham nada para fazer ou porque lhes faltava autonomia e orientação para imaginar o que poderia ser feito, na ausência das equipas de filmagens. Entre pares (alunos), também foi referido a falta de empenho de alguns elementos. É de referir ainda que, cumprindo com a norma de que ninguém era obrigado a permanecer no projeto, três elementos da turma de Torres Vedras

decidiram sair quando confrontados com a responsabilidade espectável perante o projeto (faltaram às filmagens mais do que uma vez, prejudicando todo o grupo).

Para o ATV, este projeto também foi interessante, pois permitiu trabalhar junto do público adolescente, ao qual existe dificuldade em “chegar”.

Por fim, positivamente, é referido que este projeto pode muito bem ser o início de um futuro Clube de Cinema na Freiria.

Algumas Evidências (extraídas dos Anexos N, P, Q):

ALUNOS (Anexo N)

- “podia haver um pouco mais de organização por parte dos alunos” (**P3 TV Q1**); “quando alguns iam entrevistar, vários ficavam na sala sem fazer nada” (**P5 M Q3**); “houve pouco empenho por parte de alguns alunos” (**P5 TV Q3**); “A edição. Porque o computador não aguentava” (**P3 F Q3**).

- “Deve ser engraçado depois daqui a uns anos voltar a ver e... ver de outra forma aquilo que nós estamos a fazer agora, e acho que isso vai ser muito interessante.” (**Marta**, aluna Torres Vedras, Anexo P).

- “Eu acho que foi dos projectos que deu mais gozo fazer cá na escola. (**Tatiana**, aluna Maxial, Anexo P).

- “E o balanço deste projeto foi que ... se eu tiver filhos vou explicar-lhes como se faz... algumas coisas.” (**Henrique**, aluno Freiria, Anexo P).

PROFESSORES (Anexo P)

- “se tivéssemos computadores melhores, teria sido interessante os alunos participarem na edição de uma outra forma e não esta tão manual.”

(**Paula Lavanco**, professora envolvido no projeto, Freiria, Anexo P)

- “eu vou continuar este trabalho com eles, portanto é algo que eu levo do projeto também. Eles aprendem como se faz, eu também estou a aprender, porque eu não tenho formação nenhuma em cinema, apenas gosto, e ao longo dos anos vou continuar a trabalhar com eles...”

(**Elisabete Silva**, professora envolvido no projeto, Freiria, Anexo P)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Por que é que isto já acabou?”

Aluna participante do projeto, Freiria

Começo esta reflexão final pelo mote dado por uma aluna da Freiria “por que é que isto já acabou?”. Estes sete meses e meio em que o projeto decorreu (de outubro de 2016 a junho 2017, com pausa em dezembro, nas férias de carnaval e da páscoa), passaram a “voar”. O facto de o projeto “Foco – Cinema em Ação!” ter sido criado de raiz, fez com que não tivesse havido muito tempo para amadurecer cada uma das etapas de que se constituiu o projeto. Agora, que chegámos ao fim, ficámos todos com a sensação de que estávamos prontos para iniciar uma nova caminhada, mais preparados, mais conscientes, mais capazes de olhar objetivamente. Pergunto-me, no entanto, se na ausência das incertezas e das ansiedades, motor criativo para muitos de nós, e que tão bem funcionam como catalisador da adrenalina dos grupos, teríamos chegado a este sentimento de missão cumprida, que não fica apenas em nós, mas que irradia e que continuará a chegar a quem vir os filmes que ficam como testemunho do trabalho realizado. O cinema tem esse condão, de perpetuar no tempo o olhar e a efemeridade dos momentos. E o certo é que gostaríamos que sobrasse sempre mais tempo para o essencial, a motivação maior: filmar e editar.

Passar toda esta experiência coletiva para o papel tornou-se uma tarefa complexa, algo ingrata, pois parece-me agora que corre o risco de não conseguir revelar na totalidade o que realmente se passou, as mudanças que se operaram nos grupos, o entusiasmo, os pequenos sinais dificilmente mensuráveis em escalas avaliativas de objetivos específicos. Felizmente ficam os filmes e o *making of*, que ajudam a imergir no espírito do projeto e a ter um vislumbre do que foi o desafio, os seus resultados, os espaços, as emoções vividas. Como é constatável nas opiniões transmitidas pelos espectadores aquando das exposições (Cf. Anexo Q), por quem estive nos locais, a melhor análise, visível, que se poderia ter da avaliação do projeto, era ver a alegria estampada na cara dos alunos (foi notório que se divertiram muito no decorrer do projeto, principalmente no processo de filmagens) e o orgulho pelo trabalho feito, pela apropriação e aprovação, superação das expectativas até, por parte dos entrevistados e pela comunidade geral. O projeto foi de facto impactante para

muitos alunos, evidenciado de forma emblemática pela opinião de uma aluna do Maxial: “se calhar foi a melhor coisa do ano, do 8º ano...” (v. Anexo P).

Das conversas, entrevistas e outros registos, emerge também a certeza de que para os professores, a possibilidade de participação no processo e nos produtos foi encarada com muito orgulho, por verem os resultados e sentirem que todas as turmas cresceram com esta iniciativa, bem como, eles próprios, tendo sido gerado um sentimento de pertença e de maior inclusão, face aos territórios onde se inserem as escolas. Para além disso, pessoal e profissionalmente, sentiram-se mais cidadãos e professores, no sentido lato, ligados à educação de homens e mulheres para o amanhã, e não apenas como ministrantes de conteúdos obrigatórios. Ao longo deste projeto, adquiriram importantes ferramentas de trabalho para o futuro, para poderem utilizar nas suas disciplinas, noutros projetos. Foi uma troca, uma partilha, como dizia uma professora, muito rica para todos. Estou convicto de que a devolução dos filmes à comunidade, com a sensação do dever cumprido e dessa irradiação de que já falei, marcou positivamente e nos engrandece a todos.

Pela minha parte, fiquei a conhecer muito melhor o concelho e as suas gentes e desenvolvi amizades com professores exemplares e inspiradores, uns que já conhecia, outros que ainda não conhecia, e outros fiquei a conhecer ainda melhor. Em suma, depois de muitos anos a viver fora, passei a sentir-me mais parte do todo que é, afinal, também a “minha” comunidade torriense.

Quanto aos filmes produzidos, estes, permitiram refletir e registar um importante património imaterial concelhio, ligado às tradições, à História, às práticas, à identidade local, mas também, como objetos artísticos, têm a capacidade de poderem ser apreciados por um público mais vasto e viajarem para outras paragens, servindo inclusive de inspiração para projetos similares.

Foi no entanto importante deixar repousar o trabalho, os filmes, e agora, com três meses de distância (comecei este documento em outubro de 2017), refletir e analisar a empreitada tomada em outubro de 2016, mas idealizada desde finais de 2015. Regresso então aos objetivos gerais propostos para este projeto, apresentando o balanço que faço de cada um deles:

- Os alunos ampliaram o seu sentido crítico sobre as realidades em que vivem, mesmo que, no caso da Freiria, essa formulação seja relativa, ou melhor, tenha de ser ampliada, porque, efetivamente, o correto seria dizer que ampliaram o seu sentido crítico sobre o local onde estudam, pois ninguém era natural da Freiria, mas sim de

territórios contíguos dos quais se deslocavam para irem àquela escola. Já no caso do Maxial, apesar de ninguém ser natural do Maxial propriamente dito, o filme versou sobre as localidades de proveniência dos alunos, cumprindo assim com este propósito. As escolas aproximaram-se dos territórios e das suas gentes, facto reconhecido pela maioria dos envolvidos.

Frederick Wiseman⁴¹ refere que "Quando faço um filme descubro o que penso", o que considero ser uma ideia bastante interessante e válida para as várias etapas do processo ocorrido, na medida em que os grupos descobriram mais coisas sobre o(s) tema(s) e os territórios quando refletiram sobre ele(s), quando fizeram a pesquisa inicial e o planeamento, criando o guião. Depois, nas filmagens, aumentaram esse conhecimento, através dos depoimentos obtidos nas entrevistas que realizaram. Mais tarde, já com os registos filmados mas ainda em "bruto", foi necessário estabelecer uma relação narrativa na montagem, um fio condutor, e isso obrigou a uma reflexão ainda maior entre e sobre os temas, os entrevistados, destacando informações, pessoas e lugares, possíveis conclusões, a relacionar imagem e som, a questionar o que é de facto importante permanecer na edição final, e por conseguinte, no filme a exhibir. E por último, esse sentido crítico, foi ainda confrontado com as opiniões do "outro" (conversas após as exibições, comentários *online*, relação estabelecida entre os vários filmes do projeto).

- Em relação à capacitação dos alunos e professores para o uso dos audiovisuais, este é um objetivo que fica incompleto, sobretudo pela reduzida experiência de edição, agravada pela ausência de material técnico qualificado para a concretização desse trabalho. Quanto ao recurso da plataforma *Edmodo*, esta poderia ter sido mais utilizada, tanto por alunos como pelos encarregados de educação, tirando-se maior partido das possibilidades de acompanhar e/ou organizar o projeto à distância. No entanto, mostrou-se essa possibilidade e, ainda que com menor adesão do que a esperada, serviu o seu propósito de registo e impulso para a continuidade do projeto.

- Quanto às questões relacionadas com a educação não formal e artística, com base na participação, considero terem sido atingidas e muito valorizadas pelos grupos.

⁴¹ Frederick Wiseman (1930-...), documentarista americano e uma das maiores referências do género (documentário) ainda no ativo.

Por tudo isto, a questão orientadora “Que papel podem ter a arte e a cultura, nomeadamente o cinema, no desenvolvimento comunitário, inseridos num processo participativo, que mobiliza a escola para uma intervenção junto do seu(s) território(s)?” encontra resposta nas evidências registadas, bastante positivas, e na vontade expressa pela comunidade educativa formada por alunos, professores e pais, mas também pelas restantes instituições parceiras, expressas na vontade de haver mais experiências desta natureza no futuro.

Foi notório para todos os envolvidos que os alunos cresceram imenso, autonomizaram-se cada vez mais no decorrer do projeto, “tomaram as rédeas” em várias situações, improvisando, propondo, responsabilizando-se, questionando. Tiveram de contactar, agendar e entrevistar pessoas que não conheciam, tornando-se mais ágeis também no uso das tecnologias (não deixo de salientar como, apesar de muitos *smartphones* hoje em dia poderem gravar com uma qualidade similar ou até superior à da câmara de filmar usada, muitos referiram, com orgulho, que gostaram muito de filmar com a “câmara principal”) e, nesta participação quase plena, foram eles os apresentadores de serviço nas exposições ao público.

Importa deixar aqui uma palavra de apreço e reconhecimento pelo esforço titânico e generoso de todos os professores envolvidos no projeto.

Surgiram vários imprevistos e contrariedades, sobretudo na reta final quando percebemos que não poderíamos contar com os computadores (in)existentes nas escolas para fazermos a edição dos filmes. Todos aprendemos que, no meio dessas contrariedades, o espírito de grupo, companheirismo e acreditar no projeto, independentemente dos lugares ocupados por cada um, acabariam por fazer a diferença. E fizeram! No entanto, tenho consciência de que a minha formação em cinema, a par da minha formação pedagógica, foram essenciais para conduzir o projeto a bom porto. Lado a lado com os professores de outras áreas de conhecimento, a presença de especialistas (em artes) neste tipo de projetos é, a meu ver, fundamental para acompanhar o desenvolvimento de competências técnicas específicas, estéticas e artísticas. Foi também evidenciado que o facto de eu “vir de fora”, de ser externo à escola e à turma, também contribuiu para estabelecer uma relação diferente entre o grupo e para quebrar com as rotinas, papéis e funções exercidos por cada um, facilitando o desenrolar do projeto.

O tempo e a planificação seriam outros dos fatores que poderiam ter sido melhorados. Sentimos falta de mais tempo para tudo. Quanto à planificação, poderia

ter havido um maior investimento no “aprender fazendo” e menos nas sessões expositivas e formativas dentro de sala.

Ainda dentro dos constrangimentos sentidos, neste caso a nível pessoal e não tanto do projeto, a minha função dentro do ATV é ser Assistente de Produção, a meio tempo (paralelamente, fui professor externo numa escola profissional até setembro de 2017), das várias áreas de atividade. Não sou realizador ou coordenador de projetos no exterior, e isto obrigou a um desdobramento de funções e à solidariedade entre os elementos da equipa de trabalho, sobretudo do secretariado, pelo facto de, durante este ano letivo, não ter estado tanto tempo, fisicamente, na sede do ATV.

A esta distância constato que talvez este seja também um dos aspetos que, objetivamente, e noutras circunstâncias, poderia ser diferente. Um projeto desta dimensão requeria mais uma pessoa, pelo menos, para a partilha de esforços e complemento da ação no local, permitindo uma atenção maior às dúvidas e dificuldades dos alunos, de forma mais personalizada e atenta. Permitiria, porventura, que houvesse uma maior rotatividade ou até a presença de duas equipas de filmagens em simultâneo no terreno, ganhando-se à posterior, tempo para a edição.

Ficou claro que também é preciso, porque é um esforço tão grande ao longo de um ano letivo, ser flexível e estar recetivo para o que vem ter connosco, seja numa conversa com um aluno que muda a nossa perspetiva das coisas ou numa mensagem que nos chega num pacotinho de açúcar que um dia me “apareceu” no café, quase no início do projeto, e que desde então, qual mola impulsadora, passou a acompanhar-me para todo o lado na carteira (Figura 45). E saber dançar com a mudança, contornando os obstáculos, deixando a criatividade fluir.



Figura 45. O tal pacotinho de açúcar

O que fica do projeto? Ficam os filmes, a experiência, o facto de, impulsionados pelo “Foco - Cinema em Ação!”, a escola de Torres Vedras ter aderido ao PNC – Plano Nacional de Cinema, o ATV ter-se tornado parceiro do PNC para a região, a possibilidade, cada vez mais expressa, da Freiria vir a criar um Clube de Cinema, a formação no domínio fílmico que todos tiveram e poderão usar, quer nas suas vidas, como espectadores, quer como realizadores de filmes amadores, quem sabe antevendo algum percurso profissional na área (uma aluna de Torres Vedras referiu que tinha ficado com vontade de seguir jornalismo), e ainda na escola, nos trabalhos académicos ou como registo de eventos realizados. Ficaram as ligações pessoais e a referenciação destes professores participantes como sendo interessados em cinema e, em consequência disso, este ano, já foram desafiados para novas colaborações nesta área, através da Galeria Municipal de Torres Vedras e do projeto “Arte ao Centro” (ver “Apresentação dos resultados”).

Para isso, o sistema de ensino também terá de se preparar, criando e integrando estas possibilidades nos seus currículos e conteúdos, aparelhar-se de melhor equipamento técnico, para fazer face a estes novos desafios, “urgentes e necessários”, como dizia a professora de Torres Vedras.

Havendo essa vontade, poderão surgir possibilidades interessantes a partir da continuidade “deste” ou doutros projetos similares, como a criação de uma TV Escolar ou Comunitária, a participação em festivais de cinema escolar, estabelecendo um trabalho em rede entre as escolas do concelho.

Como material de apoio (como ponto de partida para outro projeto?), considero que os anexos deixados por este trabalho, mereceriam uma análise e sistematização mais apurada, pois são também eles ricos de informação, significado e sugestões de melhoria que, aplicados, poderiam indicar caminhos e possibilidades futuras, quem sabe constituindo-se como um manual, uma bússola, para desenvolvimento de trabalhos desta natureza nas escolas.

Espero que a viagem tenha sido do vosso agrado e que os filmes possam ser apreciados, independentemente da ligação afetiva aos locais. A nós deu-nos uma alegria e um orgulho tremendos poder fazê-los e partilhá-los com o mundo.

“Deve ser engraçado depois daqui a uns anos voltar a ver e... ver de outra forma aquilo que nós estamos a fazer agora, e acho que isso vai ser muito interessante.”

Aluna participante, Torres Vedras

REFERÊNCIAS

- APTSES - Associação dos Profissionais Técnicos Superiores de Educação Social (2011). *Código deontológico do técnico superior de educação social*. Aprovado no 1.º Congresso Internacional de Educação Social, Viseu. Consultado em: <http://www.aptses.pt/static/CODIGODEONTOLOGICO.pdf>
- Artiaga, J. (2004). A animação sociocultural na juventude. In J. Trilla (Coord.), *Animação sociocultural: Teorias, programas e âmbitos* (pp. 219-233), Lisboa: Instituto Piaget
- Aumont, J. & Marie, M. (2009). *Dicionário teórico e crítico do cinema*. Lisboa: Edições Texto & Grafia
- Azevedo, S. & Correia, F. (2013). A educação social em Portugal: Evolução da identidade profissional. *Revista de Educación Social*, 17, 1-11
Consultado em: http://www.eduso.net/res/pdf/17/ascport_res_17.pdf
- Bauman, Z. (2003). *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bordenave, J. (1983). *O que é participação?*. (6ªEd.). São Paulo: Editora Brasiliense
- Canário, R. (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In L. Lima, J. Pacheco, M. Esteves & R. Canário, *A educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de investigação* (pp.195-254). Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
Consultado em:
<http://dne.cnedu.pt/dmdocuments/Trabalho%20CNE.SPCE..pdf>
- Candeias, V. (2003). *Introdução ao guião para documentário*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas
- Caride Gómez, J. (2011). A investigação-acção como processo metodológico na Animação Sociocultural. In M. Lopes (Coord.), *Metodologias de investigação em animação sociocultural* (pp. 117-139). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Caride Gómez, J. (2015). Entre a resistência e a transformação - onde mora a animação e @s animador@s socioculturais? In M. Lopes, M. Maciel & J.

- Pereira, (Coords.), *O animador sociocultural no século XXI* (pp. 27-38), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Caride Gómez, J., Freitas, O. & Callejas, G. (2007). *Educação e desenvolvimento comunitário: Perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade*. Porto: Profedições.
- Carvalho, A. (2016). Our museum, promovendo a mudança nos museus: Entrevista com Piotr Bienkowski. In A. Carvalho (Coord.), *Participação: Partilhando a responsabilidade* (pp. 141-150), Almada: Acesso Cultura, Associação Cultural.
- Carvalho, A. & Baptista, I. (2004). *Educação social: Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora. Coleção Educação e trabalho social.
- Cerqueira, E. (2014). O olhar fílmico na construção do pensamento dos alunos. In M. Lopes, J. Pereira & M. Vieites, (Coords.), *As artes na educação* (pp. 283-291), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Chauí, M. (1995). Cultura política e política cultural. *Estudos avançados*, 9 (23), 71-84.
Consultado em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a06.pdf>
- Comunidade (s.d). In *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]*. Porto: Porto Editora, 2003-2017.
Consultado em 28 de Outubro 2017 em:
<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunidade>
- Conselho da Europa (s/d). *Participação de crianças: Instrumento de avaliação*. Divisão dos Direitos das Crianças e Departamento da Juventude. Consultado em:
http://www.dgpj.mj.pt/sections/DestBanner/convencao-de-lanzarote/downloadFile/attachedFile_1_f0/Child_participation_AssementTool.pdf?f?nocache=1448545894.49
- Conselho Nacional de Educadores Sociais (2001). *Código deontológico para a profissão de educador social em Portugal*. Aprovado no II Fórum Nacional de Educação Social, Delegação Regional de Santarém do Instituto Português da Juventude, Santarém. Consultado em:
<http://futuroeducacaosocial.blogspot.pt/2006/03/codigo-deontologico-para-profisso-de.html>

- Costa, A. (Coord.) (2012). *Animação socioeducativa e democracia participativa*. Vila Nova de Famalicão: Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática*. Coimbra: Edições Almedina
- Cruz, H. (2015). Arte e comunidade: as formas de uma intersecção. In H. Cruz (Coord.), *Arte e comunidade* (pp. 35-59), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, C. (2015). O envolvimento cultural comunitário. *CES Contexto*, 12, 48-56
- Ferreira, H. (2007). *Fundamentos da participação na gestão*. Comunicação apresentada no 23º Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação, Porto Alegre, Brasil. Consultado em: http://www.anpae.org.br/congressos_antigos/simposio2007/172.pdf
- Ferreira, P. (2016). Guimarães noc noc. In A. Carvalho (Coord.), *Participação: Partilhando a responsabilidade* (pp. 117-123), Almada: Acesso Cultura, Associação Cultural.
- Freire, T. (2006). O lazer e os adolescentes: dinamizar o envolvimento, promover o crescimento, perspectivar o desenvolvimento. In M. Lopes & A. Peres (Coord.). *Animação, cidadania e participação* (pp. 140-148). Chaves: Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia
- Galinha, S., Lopes, M. & Loureiro, M. (2010). Educação para a cidadania e participação. In S. Galinha, M. Lopes & M. Loureiro (Coords.), *Animação e bem-estar psicológico* (pp.91-92), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Gaspar, J. (2014). Prefácio. In M. Lopes, J. Pereira & M. Vieites (Coords.), *As artes na educação*, Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Gohn, M. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos, *Investigar em Educação – IIª série*, 1, 35-50.
Consultado em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4/4>
- Gonzáles, M. (2011). A animação sociocultural e a multiplicidade de agentes e acções na cultura digital. In M. Lopes & J. Pereira (Coords.), *As fronteiras da animação*

- sociocultural* (pp.213-229), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- González, M. (2012). Conectividade e redes sociais. A construção das representações identitárias para a mudança social. In C. Cebolo, J. Pereira, e M. Lopes (Coords), *Animação sociocultural. Intervenção e educação comunitária: democracia, cidadania e participação* (pp. 369-377). Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Gouveia, P. (2016). Dez Ideias Feitas Sobre Participação. In A. Carvalho (Coord.), *Participação: Partilhando a Responsabilidade* (pp. 83-90), Almada: Acesso Cultura, Associação Cultural
- Guerra, I. (2006). *Participação e acção colectiva*. Estoril: Principia.
- Guimarães, J. & Neves, T. (2013). A comunidade dança? Reflexão sobre projetos de intervenção artística em contextos rurais. *Educação, Sociedade & Culturas*, 40, 147-163.
- Guimarães, R. & Saguenail (2008). *Documentira: A construção do real*. Porto: Profedições
- Hurtado, N. (2006). Desafios eticos, técnicos y politicos de la participacion social. In J. Recio, V. Gutiérrez, M. Bastante, M. Cáceres, T. Villasante e outros (Coords.), *La pedagogia de la decisión: Aportaciones teóricas y prácticas a la construcción de las democracias participativas* (pp.55-73). Sevilla: CIMAS, Colección Construyendo Ciudadanía (10).
- Inducar (2007). *European citizens in movement: Training kit*. Porto
- Consultado em:
- http://www.inducar.pt/cp/ow_userfiles/plugins/forum/attachment_14_4f4cf921a581a.pdf
- Leite, E. & Victorino, S. (2008). *Serralves: Projectos com escolas*. Porto: Fundação de Serralves.
- Lobo, G. (2014). Por dentro do filme: O papel do cinema na escola. In Lopes, M., Pereira, J. & Vieites, M. (Coords.), *As artes na educação* (pp. 37-44), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.

- Lopes, J.S. (2007), *Educação e cinema: Novos olhares na produção do saber*. Porto: Profedições.
- Lopes, J.T. (2009). Da democratização da cultura a um conceito e prática alternativos de democracia cultural. *Saber & Educar*, 14, 1-13.
- Lopes, M., Pereira, J. & Vieites, M. (Coords.) (2014), *As artes na educação*. Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lunch, N. & Lunch, C. (2006). *Insights into participatory video: A handbook for the field*. Oxford: Insight
- Marchioni, M. (2001). *Comunidad, participación y desarrollo* (2ª edição). Madrid: Editorial Popular.
- Mateus, I. (2014). Por dentro do filme: Os instrumentos de análise fílmica (pp. 45-51). In Lopes, M., Pereira, J. & Vieites, M. (Coords.), *As artes na educação*, Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Matos, M. (2006). Jovens, escola e cidadania. In Espiney, R. (Org.), *Espaços e sujeitos de cidadania* (pp. 141-154), Cadernos ICE. Setúbal: Instituto das Comunidades Educativas
- Meirinho, D. (s/d). *Manual Olhares em Foco*. Consultado em:
<http://pt.slideshare.net/danielmeirinho/manual-olhares-em-foco>
- Moreira, J. (2009). *A lógica e o potencial operativo dos projectos de desenvolvimento e de intervenção social na indução de mudança*. (Dissertação de mestrado não publicada). ISCTE/IUL, Lisboa. Consultado em:
<https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2072/1/Disserta%C3%A7ao%20Mestrado%20Joacine%20OK.%20Moreira.pdf>
- Moriche, P. & Badesa, S. (2015). Competências dos animadores socioculturais para o século XXI: a perspetiva tecnológica. In M. Lopes, M. Maciel & J. Pereira, (Coords.), *O animador sociocultural no século XXI* (p.281-287), Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Mourato, P. (2013, 10 de outubro). Culturgest tenta contrariar "mercantilização" da cultura. *Diário de Notícias*. Consultado em:

<https://www.dn.pt/artes/interior/culturgest-tenta-contrariar-mercantilizacao-da-cultura-3468923.html>

Nações Unidas. (2001). *Carta Internacional dos Direitos Humanos - Década das Nações Unidas para a Educação em matéria de Direitos Humanos*. Ficha Informativa nº 2. Consultado em:

http://direitoshumanos.gddc.pt/pdf/Ficha_Informativa_2.pdf

Nico, B. & Nico, L. (2009). *Arqueologia das aprendizagens no alandroal: em busca das escolas fora da escola*. Comunicação apresentada no 10º Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho. Consultado em:

<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/2888/1/Congresso%20Internacional%20Galaico%20Portugu%C3%AAs%202009.pdf>

Perdigão, A. (2003), A ética do cuidado na intervenção comunitária e social: Os pressupostos filosóficos, *Análise Psicológica*, 21 (4), 485-497.

Consultado em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312003000400007&lng=pt&tlng=pt

Pereira, S., Pinto, M., Madureira, E., Pombo, T. & Guedes, M. (2014). *Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Ministério da Educação e Ciência, Direção-Geral da educação. Consultado em:

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/referencial_educacao_media_2014.pdf

Pinto, L. (2005a). *Articulação difícil entre a educação formal e não-formal: A resistência da forma escolar moderna*. Cadernos d'Inducar

Consultado em:

<http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/articulacaoDificilEducacaoFEducacaoNF.pdf>

Pinto, L. (2005b). *Sobre educação não-formal*. Cadernos d'Inducar

Consultado em:

<http://www.inducar.pt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf>

- Ribeiro, A. (2017, 25 de fevereiro). Uma universidade invisível e gratuita, com arte para todos. *Público, P3*. Consultado em:
<http://p3.publico.pt/cultura/palcos/22961/uma-universidade-invisivel-e-gratuita-com-arte-para-todos>
- Santos, A. (2008). *Mediações arteducacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Santos, H. (2002). Desenvolvimento comunitário vs. educação: Duas faces da mesma moeda?, *Cadernos de Educação de Infância*, (62)
Consultado em: http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/vamos_62.pdf
- Santos, R. (2013). *A câmara na escola – o cinema/documentário como ferramenta didáctica* (Relatório de Estágio da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
Consultado em:
https://run.unl.pt/bitstream/10362/11919/1/Relat%C3%B3rio_PES_34211_RicardoSantos.pdf
- Schwendler, S. (2001). Ação cultural para a liberdade: Um encontro com a pedagogia da indignação (pp. 101-132). in Souza, A. (Org.). (2001). *Paulo Freire: Vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular.
- Silva, E. & Freire, T. (2014). Programas de mentoria e promoção do desenvolvimento positivo de adolescentes. *Revista Portuguesa de Educação*, 27, 157-176
Consultado em:
<http://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/4302/3198>
- SPCE - Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação, (2014). *Carta ética: Instrumento de regulação ético-deontológico*, 7-15.
Consultado em: <http://www.spce.org.pt/CARTA%C3%83%E2%80%B0TICA.pdf>
- Tomás, C. (2008). *Contra os silêncios, a invisibilidade e a afonia: a participação das crianças nos orçamentos participativos*. Comunicação apresentada no 6º congresso português de sociologia, Universidade Nova de Lisboa / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa. Consultado em:
<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/477.pdf>

Toro & Werneck (2007). *Mobilização social. Um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte: Autêntica editora

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. (2006). *Roteiro para a educação artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO

UNICEF- United Nations Children's Fund. (1989). *A Convenção sobre os direitos da criança*.

Consultado em:

https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Viana, C. (2016, 25 de abril). Para que a escola não seja uma “catedral do tédio” é preciso que os alunos contem. *Público*. Consultado em:

<https://www.publico.pt/sociedade/noticia/para-que-a-escola-nao-seja-uma-catedral-do-tedio-e-preciso-que-os-alunos-contem-1729950>

Vlachou, M. (2016). Roadside Theater, uma companhia de teatro para o desenvolvimento cultural de uma comunidade: Entrevista com Jamie Haft. In A. Carvalho (Coord.), *Participação: Partilhando a responsabilidade* (pp. 131-140), Almada: Acesso Cultura, Associação Cultural

ANEXOS

Anexo A. Solicitações de autorização para participação no projeto e cedência de direitos de imagem



Ano letivo 2016/2017



Exmos. Encarregados de Educação,

O ATV – Académico de Torres Vedras (www.atv.pt) iniciou neste ano letivo um projeto piloto em 3 escolas do nosso concelho [EB 2,3 de Freiria (7ªA); EB 2,3 Maxial (8ªC) e EB 2,3 Padre Francisco Soares (8ªA) em T.Vedras], que pretende aliar a arte, neste caso o cinema, à intervenção comunitária (FOCO – Cinema em Ação!). Conta com as seguintes entidades parceiras: Agrupamento de Escolas São Gonçalo (Freiria); Agrup. Escolas Henriques Nogueira (Maxial) e Agrup. Escolas Madeira Torres (Padre Francisco Soares).

É um desafio enorme que irá pôr os alunos, os pais e/ou encarregados de educação, os professores e a comunidade envolvente, a questionar os seus territórios e a própria ideia de comunidade, pretendendo, depois de um diagnóstico participativo (vídeo, fotografia), intervir junto da mesma.

Depois de um período de formação inicial em cinema, em Junho, se tudo correr como previsto, teremos um filme por escola, uma intervenção (prática) na comunidade, uma exposição do projeto e exibições dos filmes nas escolas seguidas de conversas no final. Os 3 filmes serão depois exibidos numa sessão especial do *Café com Filmes* (ciclo de cinema no Teatro-Cine de Torres Vedras) e mais tarde disponibilizados online.

Para que haja um registo de todo o projeto, das sessões, partilha de informações, inclusive entre as várias turmas envolvidas, criou-se uma página no EDMODO, uma plataforma educativa digital online, onde todos os intervenientes (alunos, professores, pais e/ou encarregados de educação) podem acompanhar e comentar as atividades realizadas no projeto. É uma plataforma fechada, ou seja, não está aberta ao público em geral, e só é possível aderir-se ao grupo por convite com um código associado.

Se pretenderem aderir (gostávamos muito), devem:

- 1) Entrar em www.edmodo.com e criar uma conta como "Pai ou Mãe"
- 2) Depois, clicar em "Faça parte de um grupo" (canto superior direito) e Inserir código [REDACTED]

Este projeto é simultaneamente o projeto final de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária (MESIC) na Escola Superior de Educação de Lisboa (Instituto Politécnico de Lisboa). Nesse sentido, serão recolhidos dados e informações (anónimas) que serão tratados com um fim estritamente académico.

Pretendemos assim utilizar as fotografias e registos áudio/vídeo na referida página e/ou para fins académicos, para os quais solicitamos a vossa autorização.

Agradecemos desde já a vossa atenção e colaboração e despedimo-nos com os melhores cumprimentos.

O coordenador do projeto, *Gonçalo Oliveira*



-
- Autorizo a participação do meu educando em todas as atividades do projeto, quer dentro da escola, quer nas saídas ocasionais ao exterior.
 - Autorizo a utilização de fotografias, vídeos e ficheiros áudio do meu educando na plataforma EDMODO
 - Autorizo a utilização de fotografias, vídeos e ficheiros áudio do meu educando nos resultados finais do projeto (Filmes, Exposição e Relatório Final de Mestrado)

O(a) Encarregado(a) de Educação _____

Escola: _____ Aluno: _____

Caso não autorize nenhum dos formatos, assine e devolva a folha sem assinalar nenhuma das opções.

Nota: Por razões de privacidade do grupo, o código de entrada no *Edmodo* foi ocultado

Anexo C. Exibições posteriores (parceiros)

FREIRIA
TORRES VEDRAS

Grandes Festejos em Honra de
Nª Sra. da Conceição e do Padroeiro S. Lucas

28 a 31 JULHO 2017

SEXTA, 28 | **SABADO, 29** | **DOMINGO, 30**

BANDA RASKA

Restaurante
Aberto todos os dias

GRUPO VOX

GRUPO VIPS

BANDA OMEGA

SEGUNDA, 31

Exibição do Filme "Para Além dos Chapéus"
(Resultado do projecto FOCO cinema em ação! Promovido pelo ATV - Académico de Torres Vedras em parceria com a EB 2,3 de Freiria (7ªA))

Freiria, festejos locais, 29 julho 2017 (cartaz)

15 - 17 SETEMBRO 2017

FÓRUM DAS ASSOCIAÇÕES DE TORRES VEDRAS

Associações Participantes

15 SETEMBRO | SEXTA

16 SETEMBRO | SABADO

17 SETEMBRO | DOMINGO




19h00 | FOCO - Cinema em ação! Para além dos chapéus
ATV - Académico de Torres Vedras






AUDITÓRIO
18h00 | FOCO - cinema em ação! O nosso Carnaval, a nossa casa
ATV - Académico de Torres Vedras









21h30 | FOCO - Cinema em ação! Pão, água, vinho e outras coisas mais
ATV - Académico de Torres Vedras








Fórum das Associações de T. Vedras, 15 a 17 setembro 2017 (folheto)

Anexo D. Registo das Sessões

 REGISTO DAS SESSÕES Ano Letivo 2016/2017		FREIRA (F.)	TORRES VEDRAS (T.V.)	
		MAXIAL (M.)		
SEMANAS	RESUMO DAS ATIVIDADES	DATA	LOCAL (EB 2,3 de...)	
		Registo Imagens Sessão		
1	<p>Apresentação do projeto: como irá funcionar o espaço, o ambiente, objetivos, tirar dúvidas... Expetativas, incentivo à Participação.</p> <p><i>O projeto é de todos e há lugar para todos!</i></p> <p>Apresentações pessoais.</p> <p>Alunos utilizaram dinâmica da <i>Foto-Voz</i> para se apresentarem.</p> <p>Foi apresentado o funcionamento da plataforma digital (Edmodo): como se faz o registo, publica conteúdos, comentários, etc.</p> <p>Autorizações dos encarregados de educação...</p>	19/Out 4ªf	F.	
		20/Out 5ªf	M.	T.V.
				
2	<p>A “formação” do olhar...</p> <p>História do Cinema:</p> <p>O Pré-Cinema, os brinquedos óticos, as invenções. O Cinema Mudo.</p> <p>As inovações ao longo do tempo:</p> <p>A Película, o Som, a Côm, os Espaços, os Écrans, os Efeitos Especiais...</p> <p>Géneros e Protagonistas (Países, Realizadores, Atores, Estúdios).</p> <p>(visionamento e reflexão conjunta de excertos de filmes).</p>	27/Out 5ªf	M.	T.V.
		28/Out 6ªf	F.	
				
3	<p>O que é o Documentário? O que o distingue da reportagem? A importância do <i>ponto de vista</i> do autor no filme...</p> <p>Analizamos excertos de vários tipos de documentário (e autores) e vimos também o episódio da série da RTP “Nativos Digitais”, com o título: "Documentários: O Cinema do Real". Colocação no <i>Edmodo</i> dos <i>links</i> dos filmes (excertos, <i>trailers</i>, apresentações, sites oficiais)</p> <p>Notas: Foi explicado como é que no <i>Edmodo</i>, podemos criar para imagem de perfil, um avatar de nós próprios. O Rodrigo, da turma de T. Vedras, trouxe objetos antigos de cinema que encontrou no sótão...</p>	2/Nov 4ªf	F.	
		3/Nov 5ªf	M.	T.V.
				




4	<p>Linguagem Técnica e Estética Audiovisual/Cinematográfica Planos, Enquadramentos/Escala de Planos, Movimentos de Câmera, Ângulos, Montagem... Exibição de Vídeos Pedagógicos sobre o tema. Exercício de contagem de Planos (vídeo curto).</p> <p>Visionamento de tutorial do YouTube: Dicas para filmar com o <i>smartphone</i>.</p> <p>Exercício dos 10 Planos: alunos (em grupo) criaram uma pequena história, inventada por eles, em que tiveram de usar 10 planos (não necessariamente todos diferentes) e 2 movimentos de câmera. Uns ainda conseguiram fazer na escola, outros fizeram em casa.</p>	9/Nov 4ªf	F.	
		10/Nov 5ªf	M.	T.V.
		 		
5	<p>Visionamento e comentários sobre os vídeos criados no exercício dos 10 Planos. Algumas histórias foram bastante criativas e nalguns casos, os amigos de 2 e 4 patas foram umas autênticas estrelas de cinema. Na Freiria até houve lugar a um vídeo coletivo, com a turma toda a participar (professores inclusive), a propósito de uma aula/trabalho de Francês. Ficamos também a conhecer melhor os espaços das escolas envolvidas (muitos dos vídeos foram filmados em vários locais dentro da escola).</p>	17/Nov 5ªf	M.	T.V.
		18/Nov 6ªf	F.	
		 		
6	<p>A Intervenção Social e Comunitária através das Artes.</p> <p>Como fonte de inspiração, analisamos vários projetos que, a partir de áreas artísticas diferentes, fazem/fizeram intervenção na comunidade. Visionamento de excertos de vídeos sobre os projetos. Colocação dos links dos projetos no <i>Edmodo</i>.</p> <p>Nota: No Maxial, a pedido dos alunos, fizemos um <i>mannequin challenge</i>. Foi publicado posteriormente no <i>Edmodo</i>.</p>	24/Nov 5ªf	M.	T.V.
		25/Nov 6ªf	F.	
				
FÉRIAS DE NATAL				




7	<p>Balço do que foi o projeto no 1º período e síntese das ideias já existentes para cada um dos guiões/filmes.</p> <p>Breve resumo das profissões ligadas ao mundo do cinema e das suas funções dentro do processo de produção de um filme.</p> <p>Planificação do filme (Guião, Storyboard, Pré-Produção e Pós-Produção). Softwares de edição.</p> <p>Equipamentos (Vídeo, Som, Luz...)</p> <p>Iluminação (natural e artificial) e diversos Tipos e utilizações dos microfones.</p> <p>Alguns conceitos importantes: Foco, Velocidade, Zoom, Abertura, Balço de brancos, Continuidade, Profundidade de campo, Temperatura de cor, <i>Timecode</i>...</p> <p>Alguns efeitos e técnicas: <i>Fast e Slow motion, Time lapse, Stop motion</i> (visionamento de excertos com exemplos práticos).</p>	4/Jan 4ªf	F.	
		5/Jan 5ªf	M.	T.V.
		   		
8	<p>Constituição dos Grupos de Trabalho.</p> <p>Aprofundamento do Guião.</p> <p>Estivemos também a visionar um filme/projeto (Olhar em Roda), construído igualmente com jovens da região, para servir de inspiração e referência.</p> <p>Ferramentas, vlogs e dicas úteis sobre a construção de documentários.</p>	11/Jan 4ªf	F.	
		12/Jan 5ªf	M.	T.V.
		 		
9	<p>Alguns grupos começaram já a trabalhar: <i>Making of, Produção, Divulgação, Pesquisa.</i></p> <p>Aprofundamento do Guião (continuação)</p> <p>Freiria: surge a ideia de cruzar os temas a explorar no filme (<i>Toponímia: origens do nome Freiria “dos Chapéus”;</i> <i>Casas centenárias;</i> <i>Personagens importantes;</i> <i>Festas e Romarias</i>), com a transposição para o mural dos mesmos, numa espécie de guião gráfico do filme. Legado da escola para a aldeia, contributo para a memória e identidade coletiva.</p> <p>Maxial: Tema foi consensualizado: <i>Pão, Água, Vinho e Outros</i>. Alguns alunos vão fazer trabalho de pesquisa para o exterior, com fotos e vídeos de (possíveis) pessoas e locais a filmar...</p>	19/Jan 5ªf	M.	T.V.
		20/Jan 6ªf	F.	
		 		

10	<p>Aprofundamento do Guião (continuação) Identificação de pessoas a serem entrevistadas. Reunir contactos. Averiguar interesse e disponibilidade para gravar posteriormente (agendar dia/hora). Possíveis locais. Condições. São só informantes? Ou não se importam de ser filmadas? Fazer planificação com os alunos que ficaram responsáveis por esta tarefa.</p> <p>Torres Vedras explorou várias possibilidades de temas ligados ao Carnaval de Torres. Grupo decide trabalhar em concreto os <i>Grupos de Mascarados</i>.</p> <p>Início dos "treinos" com as câmaras, microfones. Simulação do trabalho dos entrevistadores: Qual a abordagem? Micro de mão ou lapela? Presente ou <i>fora de campo</i>?</p> <p>No Maxial, os alunos criaram de improviso uma situação engraçada, com uns "velhotes" muito especiais ("O Banco dos Cordilheiros"). Mais tarde, fez-se uma edição em vídeo disto...</p>	26/Jan 5 ^ª f	M.	T.V.
		27/Jan 6 ^ª f	F.	
		   		
11	<p>Início das Gravações: Em Torres Vedras (no Sábado dia 4 Fev.): 1) Inauguração do monumento do Carnaval. 2) Entrevista a membro da Confraria do Carnaval* 3) Entrevistas a transeuntes sob o mote: "diga numa palavra o que é para si o Carnaval." NOTA: Saíram 3 alunos do projeto neste dia (v. Diário de Campo)</p> <p>No Maxial: 1) José Luís, <i>Moleiro</i> (Ereira) 2) Hermínio Oliveira, <i>Oleiro</i> (Vila Seca) 3) D^ªMaria Adelaide (Ermegeira) Dentro da sala, o resto da turma ficou a desenhar um plano de comunicação para a divulgação do filme.</p> <p>Na Freiria (explorações): visita ao Lar para reunir informações e informantes. Visita de reconhecimento ao Largo principal. Exposição de fotos antigas no Freiria Sport Clube. Ficamos a saber que uma pessoa está a escrever um livro sobre a Freiria...investigar...</p>	1/Fev 4 ^ª f	F.	
		2/Fev 5 ^ª f	M.	T.V.
		 		
12	<p>Continuação das Gravações: Na Freiria, no dia 15 Fev. no Lar*; no dia 17 Fev. (6^ªf) na Escola* e no Museu/Biblioteca Prof^ª Emília Charola*. No Maxial, dia 16 Fev., com os tanques da Ereira* e no Domingo (dia 19 Fev.), foi a vez de Monte Redondo e da "Casa do Forno, Casa da Paz"*. Fomos também à casa da D^ª Luísa. Filmagens do almoço comunitário com telemóvel (aluna). Em Torres Vedras: dia 12 Fev. (Dom.) com grupo "Orjariça e Catefica", 6^ªf. à noite (17 Fev.) com grupo da Magone (Marco Santos)* e Sábado 18 Fev. com grupo "Bochas Carnaval Club"* no Sobreiro Curvo e os "Foliões Cá do Sítio"* no Sarge. *Ver tabela "Filmagens", com nome dos entrevistados/locais.</p>	15/Fev 4 ^ª f	F.	
		16/Fev 5 ^ª f	M.	T.V.
				

13	<p>Continuação das Gravações:</p> <p>Freiria: entrevista a Aníbal Silva, que sabe bastante sobre a história da terra, das instituições e têm documentos importantes...</p> <p>No Maxial e Torres Vedras não houve sessões regulares, mas:</p> <p>No Maxial, serviu para captar o moinho a moer na Ereira (quando foi a entrevista não havia vento).</p> <p>Em Torres Vedras, já em pleno Carnaval (25 Fev. Sábado), acompanhamos e filmamos os preparativos, para a ida para o curso, dos grupos "Bochas Carnaval Club" (Sobreiro Curvo) e "Foliões Cá do Sítio" no Sarge.</p> <p>No Domingo 26 Fev. foram filmados no curso alguns dos grupos já entrevistados... (pelos alunos, telemóvel)</p>	23/Fev 5ªf	F.	
				
14	<p>Continuação das Gravações:</p> <p>Depois da intensidade do Carnaval, esta semana não houve filmagens em Torres Vedras. Aproveitamos para fazer um ponto de situação sobre o filme. Ver se falta alguma coisa...</p> <p>No Maxial, entrevistamos a Dª Beatriz e a Dª Maria que nos falaram das dinâmicas da Igreja na comunidade...</p> <p>Quanto à Freiria, fizemos duas sessões no mesmo dia: uma à tarde em que entrevistamos 2 alunas da escola (que são simultaneamente "gaiteiras") e à noite, acompanhamos o ensaio dos gaiteiros e fizemos a entrevista a Reinaldo Maia dos <i>Gaiteiros da Freiria</i>. Visitamos/gravamos também o seu grupo "irmão", o dos Cavaquinhos.</p>	2/Mar 5ªf	M.	T.V.
		3/Mar 6ªf	F.	
				
15	<p>Esta semana foi a vez da Freiria fazer uma pausa.</p> <p>No Maxial, estivemos a fazer um balanço e a combinar as últimas filmagens.</p> <p>Por fim, em Torres Vedras estivemos também a fazer um balanço e a juntar os ficheiros (fotos, áudio, vídeo) que estavam dispersos por vários alunos.</p>	9/Mar 5ªf	M.	T.V.
				
16	<p>Continuação das Gravações:</p> <p>No Maxial fomos visitar (a turma toda) uma azenha de rio que foi recentemente recuperada. Entrevista a António Laureano (proprietário).</p> <p>Em Torres Vedras, coube ao rei do Carnaval o papel de entrevistado (14 Mar.)</p> <p>Já na Freiria, tivemos dose tripla: com a Dª Lurdes (proprietária de uma das casas centenárias), a profª Anabela, que em menina foi chamada a declamar um poema que teve um importante papel na construção da escola e por fim, José Carvalho que está a escrever uma monografia sobre a Freiria.</p>	16/Mar 5ªf	M.	T.V.
		17/Mar 6ªf	F.	
				

17	<p>Continuação das Gravações e Início da Edição (T.V):</p> <p>Esta semana ficou o Maxial em modo "pausa".</p> <p>Na Freiria, quem teve em destaque foi o Freiria Sport Clube (Águias Brancas) com a entrevista ao Anselmo Cardoso, antigo jogador, natural da Freiria, que jogou em vários clubes nacionais (alguns da primeira Liga) e internacionais e a Susana Santos presidente do clube.</p> <p>Em Torres Vedras distribuíram-se as pastas dos ficheiros pelos grupos, já na sala dos computadores, e deu-se início à edição.</p>	22/Mar 4ªf	F.	
		23/Mar 5ªf		T.V.
				
18	<p>Fim das Gravações:</p> <p>Na Freiria, o sr. Aníbal teve a gentileza de nos ir visitar à escola, para nos mostrar mais uns documentos e fotografias sobre a história da terra e outras memórias interessantes...</p> <p>Não houve sessões regulares em Torres Vedras e no Maxial.</p> <p>Mas no Maxial, tivemos <i>dose dupla de filmagens</i> fora das aulas (só com 3 alunas), com a entrevista ao maestro Álvaro Reis (Sociedade Filarmónica Ermegeirense) na 4ªfeira (29 Mar.) e no Sábado (1 Abr.), entrevista ao srs. Torcato e Marco, respetivamente sogro e genro, a propósito da produção de vinho entre gerações.</p> <p>Nota: <i>Trailer</i> publicado <i>online</i> a 29 Março (YouTube)</p>	31/Mar 6ªf	F.	
				
FÉRIAS DA PÁSCOA				
19	<p>Edição do filme: (alunos instalaram software gratuito VSDC)</p> <p>Aquilo que era no início uma suspeita, veio a confirmar-se: temos um problema tecnológico.</p> <p>No Maxial, só temos 2 computadores a trabalhar em condições, na Freiria temos 8, mas têm uma idade avançada e não têm a capacidade necessária para editar vídeo e em Torres Vedras, apesar dos computadores serem mais recentes, também estamos a ter algumas dificuldades (computadores que bloqueiam p.ex.).</p> <p>Agendaram-se as datas para as exibições dos filmes:</p> <p>ANTESTREIAS DIA 3, 16h, Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial DIA 3, 21h30, Freiria Sport Clube (antes inaug. Mural)</p> <p>ESTREIA DIA 18, 16h, Teatro-Cine de Torres Vedras (exibição dos 3 filmes em conjunto)</p>	27/Abr 5ªf	M.	T.V.
		28/Abr 6ªf	F.	
				

20	<p>Edição do filme (continuação), preparação da Exposição e pintura do Mural (Freiria):</p> <p>Na Freiria, finalmente iniciamos a pintura do mural. Depois de vários locais pensados/possíveis, o local final foi a parede lateral do campo de futebol.</p> <p>Os outros grupos de trabalho estiveram de volta da seleção das fotos para a exposição e também na pré-edição dos vídeos (selecionar, a partir dos <i>brutos</i>, as melhores partes).</p> <p>No Maxial, trabalhou-se igualmente nos preparativos para a exposição e inclusive fez-se já uma simulação do número de fotos que caberiam no expositor previsto. Os outros grupos estiveram a editar o <i>making of</i> e a selecionar as fotos. Escola irá ceder os expositores para as três escolas do projeto.</p> <p>Em Torres Vedras alguma desilusão, pois vários computadores foram formatados sem o nosso conhecimento e portanto perdeu-se algum trabalho já feito (para além de termos que ir instalar de novo o programa). Noutros pc's também desapareceram pastas com ficheiros do projeto.</p> <p>Nota: sala dos computadores é usada por várias turmas.</p>	3/Mai 4ªf	F.	
		4/Mai 5ªf	M.	T.V.
				
21	<p>Edição do filme, preparação da Exposição e pintura do Mural (continuação):</p> <p>À medida que nos aproximamos do fim, o ritmo e a intensidade vão aumentando, o que, juntando ao cansaço e à ansiedade/dispersão próprias de final de ano letivo, não ajuda a focarmo-nos.</p> <p>Motivar grupos para a recta final é uma prioridade.</p> <p>Na Freiria, o Mural está atrasado (e a chuva também não ajuda), mas o grupo está muito empenhado e tem ido pintar nas horas livres.</p> <p>No Maxial decidiram fazer uma <i>exposição-teste</i> (ainda não é a definitiva), no átrio interior da escola, servindo simultaneamente para divulgar o projeto e as exposições.</p> <p>Em Torres Vedras, os problemas informáticos continuam a atrasar muito o trabalho...</p>	10/Mai 4ªf	F.	
		11/Mai 5ªf	M.	T.V.
				
22	<p>Edição do filme, preparação da Exposição e pintura do Mural (continuação):</p> <p>Face aos diversos problemas informáticos, teve-se de mudar de estratégia: os grupos editam “apenas” o <i>making of</i> e fazem uma pré-edição dos restantes vídeos na medida do possível. Criação de documento de anotação para os cortes. Restantes vídeos editados por mim (em casa).</p> <p>Indicação de <i>links</i> de sites com músicas “copyright free” para alunos usarem. Colocação no <i>Edmodo</i>.</p> <p>Cartazes individuais já estão prontos. Combinar distribuição entre os alunos e professores.</p> <p>O Mural continua a toda a velocidade...</p> <p>Gravação de entrevistas para making of (alunos, professores)</p>	17/Mai 4ªf	F.	
		18/Mai 5ªf	M.	
				

23	<p>Esta semana estivemos em várias frentes em simultâneo:</p> <p>Na Freiria continua-se avidamente a pintar o mural: para além da sessão na 4ªfeira, já tinham estado também na 3ªfeira com o prof. Henrique.</p> <p>Esteve-se a alinhar algumas ideias para a montagem do filme, a seleccionar fotos para a exposição e fizeram-se umas filmagens adicionais de "imagens panorâmicas" da Freiria.</p> <p>No Maxial, fez-se um ponto de situação das várias tarefas que os alunos tinham ficado de desempenhar (divulgação, expositores, exposição).</p> <p>Viu-se em conjunto o filme, entretanto já editado. Para além disso, os alunos finalizaram o <i>making of</i>.</p> <p>Em Torres Vedras, fizeram-se as entrevistas para o <i>making of</i> na 4ªf. (24 Mai.) e 5ªf. Para além disso, os alunos tiveram de finalizar o trabalho nos computadores, pois já não será possível, até final do ano, voltar a usar a sala de informática.</p>	24/Mai 4ªf	F.	
		25/Mai 5ªf	M.	T.V.
				
24	<p>Preparação das Exibições</p> <p>Exposição (para estar à entrada, nos locais das exposições). Preparação dos expositores, afixar papel cenário com fotos, ver questão do transporte, montagem e desmontagem.</p> <p>Alunos são os apresentadores das sessões. "Seleção" dos alunos. "Preparar" conversa no final. Fazer Cartões.</p> <p>Convites (envio ou pessoalmente) para pessoas que foram entrevistadas, instituições, apoios...</p> <p>Reforço divulgação... (<i>online</i> também).</p> <p>Atividades paralelas nas coletividades...</p> <p>(Ex. Freiria Sport Clube quer fazer pequeno espetáculo de abertura com os seus alunos, lanche partilhado no final, organização dos pais dos alunos).</p> <p>Preparar inauguração do mural na Freiria.</p> <p>Exibições: preparar material técnico ATV (vídeo e som).</p> <p>Placar FOCO feito pelos alunos do Maxial.</p> <p>Fazer registo fotográfico e em vídeo dos eventos.</p> <p>Ultimar tudo!</p>	31/Mai 4ªf	F.	
		1/Jun 5ªf	M.	T.V.
				
25	<p>Esta foi a última sessão e serviu sobretudo para fazermos um balanço geral das Antestreias*, do próprio projeto e para o preenchimento dos inquéritos de avaliação do mesmo.</p> <p>Agradecimentos e despedidas (alguns alunos não podem ir ao Teatro-Cine no dia 18 Jun.).</p> <p>Combinar coisas para a Estreia*: exposições, conversa no início e no final, atuação dos Gaiteiros da Freiria, reforço da divulgação (cartazes, folhetos e <i>online</i>...).</p> <p>Confirmar convidados (e horas a que chegam).</p> <p>Fazer Separadores para projetar na tela: "Bem-Vindos", "Intervalo", "Obrigado a todos".</p> <p>Colocar Música ambiente, enquanto convidados entram.</p> <p>Combinar aspetos técnicos com técnico do Teatro-Cine.</p> <p>Celebrar!</p>	8/Jun 5ªf	M.	T.V.
		9/Jun 6ªf	F.	
				
FIM DO ANO LETIVO				

EXIBIÇÕES*

ANTESTREIA MAXIAL	ANTESTREIA FREIRIA	ESTREIA TORRES VEDRAS
<p>Dia 3 Junho 2017</p> <p>às 16h Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação pelos alunos - Exibição dos filmes - Conversa com o grupo no final 	<p>Dia 3 Junho 2017</p> <p>às 21h, junto ao campo de futebol Inauguração do Mural</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação pelos alunos <p>às 21h30 Freiria Sport Clube (FSC)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação pelos alunos - Atuação de grupos do FSC - Exibição dos filmes - Conversa com o grupo no final - Lanche partilhado 	<p>Dia 18 Junho 2017</p> <p>às 16h, Teatro-Cine de T. Vedras</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atuação dos <i>Gaiteiros da Freiria</i> - Boas-vindas, presidente do ATV - Apresentação pelos alunos de T.V. - Exibição dos filmes: <p><u>1ª parte</u> Filmes do Maxial e Freiria</p> <p>Intervalo (10 min.)</p> <p><u>2ª parte</u> Filmes de Torres Vedras e <i>making of</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Conversa no final com os grupos todos que participaram do projeto 

Anexo E. Grupos de trabalho

FOCO
CINEMA EM AÇÃO!

GRUPOS DE TRABALHO
TORRES VEDRAS (22 alunos)



 Pesquisa/Investigação (x2)	 Produção/Organização Geral Relação com a Comunidade (x3)	 Divulgação (x2)
 Câmara Principal (x2)	 Guião Entrevistas + Entrevistadores (x3)	 Making of (x2)
 Fotógrafo [Exposição + Making of] (x2)	 	 Exposição (x6)

NOTA: Edição do Filme > Todos!

2

FOCO
CINEMA EM AÇÃO!

GRUPOS DE TRABALHO
MAXIAL (21 alunos)



 Pesquisa/Investigação (x2)	 Produção/Organização Geral Relação com a Comunidade (x3)	 Divulgação (x2)
 Câmara Principal (x2)	 Guião Entrevistas + Entrevistadores (x3)	 Making of (x2)
 Fotógrafo [Exposição + Making of] (x2)	 	 Exposição (x5)

NOTA: Edição do Filme > Todos!

2

FOCO
CINEMA EM AÇÃO!

GRUPOS DE TRABALHO
FREIRIA (22 alunos)



 Pesquisa/Investigação (x2)	 Produção/Organização Geral Relação com a Comunidade (x3)	 Divulgação (x2)
 Câmara Principal (x2)	 Guião Entrevistas + Entrevistadores (x3)	 Making of (x2)
 Fotógrafo [Exposição + Making of] (x2)	  Mural (x4)	 Exposição (x2)

NOTA: Edição do Filme > Todos!

1

Anexo F. Registo das Filmagens

[Maxial] TEMA / subtemas	Locais	Entrevistados	Data Entrevista
PÃO			
Moinho de vento Processo de moer a farinha. Tradição dos moinhos no concelho e no Oeste.	Ereira (moinho)	José Luís (moleiro)	2 Fev. 2017
<i>Casa do Forno, Casa da Paz</i> (forno comunitário) Processo de fazer o pão. Angariação de fundos...	Monte Redondo	José Gomes	19 Fev. 2017
Almoço Comunitário. Angariação de fundos para o restauro da igreja através da venda de pão e dos almoços.	Monte Redondo (Casa do Forno) (Casa particular) (Casa do Povo, filmar almoço)	Luísa Cardoso	29 Jan. 2017 (alunos, pesquisa) 19 Fev. 2017
A relação da Igreja com a comunidade... Tradições religiosas. Dar a hóstia aos acamados.	Ermegeira	Beatriz Reis e Maria da Assunção ("Do Alcino")	2 Mar. 2017
ÁGUA			
Tanques (lavar roupa) construídos pela comunidade. Locais de encontro...	Ereira (tanques)	Felisbela Lopes e Teresa Ricardo	16 Fev. 2017
Azenha de Rio Como foi construída/restaurada. Como funciona.	Casais de Santo António (visita à azenha e também ao canal de água que a alimenta)	António Laureano	16 Mar. 2017
VINHO			
Lagar tradicional, as vindimas, as adiafas... Produção de vinho entre gerações.	Ermegeira	Torcato Bray e Marco Passos (sogro e genro)	29 Mar. 2017
E OUTRAS COISAS MAIS			
Vivências comunitárias, toques do sino, festas...	Ermegeira	Maria Adelaide Broeira	2 Fev. 2017
Fazer peças em barro Vida de oleiro antigamente	Vila Seca	Hermínio Oliveira (oleiro)	2 Fev. 2017
Sociedade Filarmónica Ermegeirense (SFE) A importância da música numa comunidade, da cultura...	Ermegeira (sede antiga da SFE)	Álvaro Reis (maestro)	1 Abr. 2017

[Freiria] TEMA / subtemas	Local (sempre na Freiria)	Entrevistados	Data Entrevista
TOPONÍMIA / História / a Escola/ Curiosidades			
Histórias antigas. As personalidades...	Lar	Maria do Rosário Martins	15 Fev. 2017
Histórias antigas. As instituições, a escola, as personalidades, as festas...	Lar	Artur Miranda	15 Fev. 2017
Histórias antigas. Importância da escola no desenvolvimento da Freiria.	Junto à papelaria e <i>em passeio</i> pelo átrio da escola.	Emília Fernando "Dª Mila" (funcionária da escola)	17 Fev. 2017
Histórias antigas. Importância da escola no desenvolvimento da Freiria. As instituições...	Sala da direção da escola	Maria do Carmo Ferreira (pertence à direção da escola e também à Junta de Freguesia)	17 Fev. 2017
Como foi o nascimento da escola ("poema ao sr. ministro"). Importância da escola. Os famosos pães de leite...	Sala de aula	Anabela Albino (professora)	17 Mar. 2017
Está a investigar e vai fazer um livro sobre a Freiria	Biblioteca da escola	José Carvalho	17 Mar. 2017
PERSONALIDADES			
Importância da escola no desenvolvimento da Freiria. A Profª Emília Charola...	Museu Profª Emília Charola	Cristina Eiras (professora e antiga aluna da Profª Emília Charola)	17 Fev. 2017
A criação do Clube, as instituições da terra, as condições de vida antigamente... Documentos históricos, fotos...	Casa particular do próprio. Escola	Aníbal Silva (mostrar documentos antigos, fotos, cartas, folhetos e postais...)	23 Fev. 2017 31 Mar. 2017 (documentos)
A vida de um jovem na Freiria, a importância das coletividades, da escola. A carreira futebolística.	Freiria Sport Clube (junto à exposição de fotografias)	Anselmo Cardoso	23 Mar. 2017
CASAS CENTENÁRIAS			
Famílias antigas da Freiria, com poder económico. Vida antigamente...	Casa particular da própria	Lurdes Santos	17 Mar. 2017
FESTAS E ROMARIAS / coletividades			
Alunas que pertencem aos Gaiteiros da Freiria. Experiência e importância do grupo.	Biblioteca da escola	Carina Soares e Carolina Silvestre	3 Mar. 2017
Gaiteiros da Freiria	Freiria Sport Clube (ensaios)	Reinaldo Maia (direção da associação)	3 Mar. 2017
Grupo dos Cavaquinhos	Museu Profª Emília Charola (ensaios)	Lina Maia (direção da associação?)	3 Mar. 2017
Freiria Sport Clube	Sede clube e também Campo fut.	Susana Santos (direção do clube)	23 Mar. 2017

[Torres Vedras] TEMA / subtemas	Locais	Entrevistados	Data Entrevista
GRUPOS MASCARADOS			
grupo <i>Marco Santos e Amigos "Magone"</i>	Torres Vedras (loja Magone)	Marco Santos	17 Fev. 2017
<i>Bochas Carnaval Club</i> História do grupo O Carnaval de Torres Os grupos de mascarados	Sobreiro Curvo (Clubinho)	Sandro Anjos Pedro Anjos João Reis Noel Sarreira	18 Fev. 2017
<i>Foliões Cá do Sítio</i> História do grupo O Carnaval de Torres Os grupos de mascarados	Sarge (Escola Primária, cedida para o grupo realizar preparativos para o Carnaval)	Idália Gomes João Paulo Teodoro Rui Santos Rogério Duarte	18 Fev. 2017
<i>ADCR Orjariça e Catefica</i> História do grupo O Carnaval de Torres Os grupos de mascarados	Orjariça (casa particular)	Juliana Patrício Sofia Ribeiro Viviana Valente	26 Mar. 2017
INSTITUIÇÕES CARNAVAL			
<i>Real Confraria do Carnaval de Torres</i> História do grupo O Carnaval de Torres	Torres Vedras (Edifício "Banix")	António Ventura	4 Fev. 2017
O Rei do Carnaval	Praia Azul (restaurante do Hotel Praia Azul)	Ricardo Miranda dos Santos	14 Mar. 2017
OUTROS			
Inauguração do monumento do Carnaval <i>"Diga numa palavra o que é para si o Carnaval"</i>	Torres Vedras (Praça da República, frente à Havaneza / Hotel Stay)	Várias pessoas que se encontravam no local	4 Fev. 2017

Anexo G. Guiões das entrevistas (Freiria, seleção)

17/03/2017

Guião de Entrevista – Anabela Albino

1. Há quanto tempo vive na Freiria? Tem aqui familiares?
2. Há quantos anos trabalha nesta escola?
3. Soubemos que, em criança, terá feito parte de uma comissão de receção ao então ministro da educação, Veiga Simão, que se encontrava de visita à Freiria, tendo inclusivamente recitado um poema. Pode contar-nos como tudo se passou?
4. Do seu ponto de vista qual é a importância da escola para a comunidade de Freiria?
5. Encontra-se ainda ligada a uma outra memória que os habitantes de Freiria partilham até hoje: o dos pãezinhos de leite do seu pai. Pode contar-nos como tudo se passou?
6. Pode partilhar a receita connosco?
7. Quererá contar-nos mais alguma(s) história(s) que não tenha partilhado connosco?

08/03/2017

Guião da entrevista – Anselmo Cardoso (Jogador)

1. Andou na escola da Freiria em que anos?
2. Que recordações guarda desse tempo?
3. Onde começou a jogar futebol?
4. De que forma é que isso o influenciou para seguir a carreira de futebolista?
5. Depois da Freiria, qual foi o seu percurso a nível dos estudos e da carreira futebolística?
6. Tendo em conta que passou de um meio pequeno e rural como a Freiria para outros totalmente diferentes, como foi essa transição?

17/03/2017

Guião de entrevista – D^a Lurdes

1. Nasceu na Freiria? /Há quanto tempo?
2. Gosta de viver cá?
3. Há quantos anos vive nesta casa?
4. Pode contar-nos algo da história da casa e das pessoas que a habitaram?
5. Sabe falar da história das outras casas do adro?
6. Sabe contar algo das outras casas centenárias?
7. Que principais diferenças notou na terra ao longo dos anos?

03/03/2017

Guião de Entrevista – Gaiteiros

1. A tradição dos gaiteiros em arruada pela Freiria é já antiga. Pode contar-nos como começou?
2. Qual a constituição atual do grupo (idades, número de elementos, etc) e como funciona a angariação de membros?
3. Que instrumentos musicais fazem parte deste grupo?
4. Qual a origem do repertório musical que usam?
5. Conte-nos como funciona o grupo atualmente e que atividades desenvolvem.
6. Sabemos que mantêm uma relação especial com a cidade geminada de Villenave d'Ornon. Podem contar-nos como funciona essa interação?

03/03/2017

Guião de Entrevista – Cavaquinhos

1. Como e quando surgiu este grupo?
2. Qual a constituição atual do grupo (idades, número de elementos, etc) e como funciona a angariação de membros?
3. Qual a origem do repertório musical que usam?
4. Conte-nos como funciona o grupo atualmente e que atividades desenvolvem.

Anexo H. Processo de Criação do Mural Comunitário



PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MURAL COMUNITÁRIO

FREIRIA // MAIO - JUNHO 2017



1

Cedência de parede
para pintarmos
Mural
(exterior campo futebol
Freiria Sport Clube)



2

Pesquisa de
elementos que
deverão constar



3

Criação de esboço
(final) do que se
quer fazer



4

Reunir grupo de
trabalho cheio de
vontade e materiais
necessários

PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MURAL COMUNITÁRIO
FREIRIA // MAIO - JUNHO 2017



NOTA:

Registrar todo o processo
em *time lapse*



5

Escovar/limpar
parede e
pintar base branca
(aprox. 8 x 3 mts)



PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MURAL COMUNITÁRIO
FREIRIA // MAIO - JUNHO 2017



6

Ampliar e passar o esboço para a parede



7

Criar a "película do filme".
(base de todo o mural)



8

Transferir elementos para os *frames*
(os 4 temas principais do filme)



PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MURAL COMUNITÁRIO
FREIRIA // MAIO - JUNHO 2017



9

Fazer stencil
(com spray)
e pintar restantes
elementos



PERSONAGENS
IMPORTANTES

CASAS
CENTENÁRIAS



TOPONÍMIA
A FREIRIA DOS CHAPÉUS



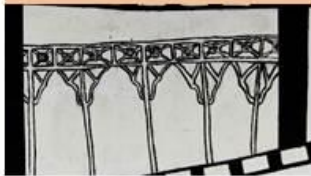
A IMPORTÂNCIA DA
ESCOLA NO
DESENVOLVIMENTO
DA TERRA
(moinho > logotipo)



A IGREJA DA FREIRIA
É o centro da aldeia
(largo) e uma das
imagens de marca.
Representa também a
relação da Igreja,
instituição, na vida e
história da comunidade
(muito importante)

PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MURAL COMUNITÁRIO
FREIRIA // MAIO - JUNHO 2017

FESTAS E
ROMARIAS

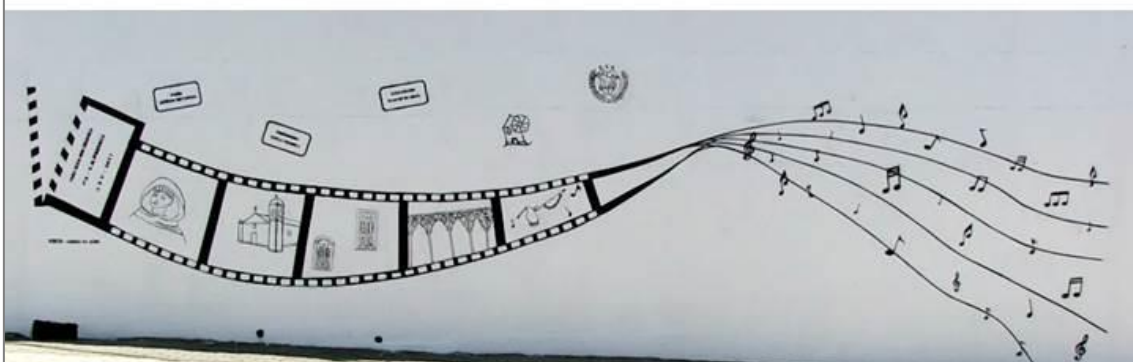


GRUPOS MÚSICA
(Gaiteiros, Cavaquinhos...)



AS COLETIVIDADES
A IMPORTÂNCIA DO FSC
NA HISTÓRIA E
DINÂMICA DA TERRA

"FICHA TÉCNICA"
do mural



PROCESSO DE CRIAÇÃO DO MURAL COMUNITÁRIO
FREIRA // MAIO - JUNHO 2017



10

Celebrar o fim do
(fantástico) trabalho

INAUGURAÇÃO

FOCO - CINEMA EM AÇÃO!



Anexo I. Processo de Criação da Exposição de Fotografias



PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES MAXIAL // FREIRA // TORRES VEDRAS



1
Seleção das
Fotografias
+
Impressão



2
Arranjar
3 expositores
(2 mts x 1,30 mts)

> cedidos pela
escola Maxial



3
Criar / Simular
disposição no espaço.

O que deverá conter:
- Logotipo e Sinopse do
projeto (A3)
- Nome da escola/turma
- Seleção fotografias
- Ficha Técnica (A3)



PROCESSO DE CRIAÇÃO DAS EXPOSIÇÕES
MAXIAL // FREIRIA // TORRES VEDRAS



4

Colar fotos e
informação no
papel de cenário +
Fixar ao expositor



5

Desmontar
expositores +
Transporte para as
Antestreias e Estreia
+ Montar de novo



6

INAUGURAÇÃO



Anexo J. Convite para grupo dos Gaiteiros da Freiria

Freiria, 08 de março de 2017

Assunto: Convite para assistir à apresentação de documentário / Convite para execução de espetáculo(s)

Exmos. Srs. / Exmas. Sras.,

Vimos contactá-los na qualidade de elementos do grupo de alunos/professores da Escola Básica de Freiria, que se encontra a realizar um filme (documentário) relativo a esta localidade, no âmbito do Projeto FOCO-Cinema em Ação, em parceria com o ATV de Torres Vedras, através de Gonçalo Oliveira.

Antes de mais, gostaríamos de agradecer a simpatia com que nos receberam no decorrer dos ensaios da última sexta-feira, dia 3 de março.

Gostaríamos, ainda, de fazer dois convites:

1. Teremos todo o gosto em contar com a presença de V. Exas., bem como os respetivos familiares e amigos, para a estreia deste documentário, que terá lugar nas instalações do Sport Club de Freiria, no dia 3 de junho de 2017, pelas 21h30.

2. Haverá, ainda, no dia 18 de junho, pelas 16h, uma nova exibição do documentário, no Teatro-Cine de Torres Vedras, juntamente com outros dois filmes que estão a ser elaborados por outras escolas do concelho. Para esta apresentação, estão igualmente convidados.

Apreciaríamos bastante se pudermos contar com atuações de V.Exas. nestas duas datas.

A nossa sugestão seria a seguinte:

- No dia 3 de junho, na Freiria, uma pequena performance do grupo de Cavaquinhos de Freiria, antes da apresentação do documentário.

- No dia 18 de junho, pelas 14h30, em Torres Vedras, uma arruada pelas ruas da cidade, pelo grupo de Gaiteiros de Freiria, antes da apresentação do mesmo documentário no Teatro-Cine, às 16h.

Agradecemos a atenção de V.Exas. para estas solicitações, ficando a aguardar uma resposta.

Com os melhores cumprimentos,

A Produção

Madalena Caiado (aluna do 7ºA)

Mariana Santos (aluna do 7ºA)

Sara Feliciano (aluna do 7ºA)

Elisabete Silva (professora da turma)

*Envio da
convite*

Anexo K. Cartazes (individuais)



FOCO
CINEMA EM AÇÃO!
projeto artístico de intervenção comunitária em contexto escolar

Pão, Água, Vinho
e Outras Coisas Mais

8º C | EB 2,3 Maxial
3 JUN'17
MAXIAL
Sociedade de Instrução e Recreio
filme 16H00



ATV - Académico de Torres Vedras
Associação de utilidade
pública sem fins lucrativos.



*Travessa do Quebra-Costas N°9 - Torres Vedras | 261 322 991 | 919 859 106 | geral@atv.pt | www.atv.pt



Para Além dos Chapéus

7^o A | EB 2,3 Freiria

3 JUN'17

FREIRIA

Freiria Sport Clube

inaug. mural **21H00**
 filme **21H30**



ATV - Associação de Torres Vedras
 Associação de utilidade pública sem fins lucrativos.



Travessa do Quebra-Costas N°9 - Torres Vedras | 261 322 991 | 919 859 106 | geral@atv.pt | www.atv.pt



8º A | EB 2,3 Pde. Francisco Soares

O Nosso Carnaval, A Nossa Casa

18 JUN'17

TEATRO-CINE DE TORRES VEDRAS

estreia 16H00

exibição dos três filmes realizados no projeto



ATV - Académico de Torres Vedras
Associação de utilidade
pública sem fins lucrativos.



APOIO Teatro-cine de Torres Vedras

*Travessa do Quebra-Costas N°9 - Torres Vedras | 261 322 991 | 919 859 106 | geral@atv.pt | www.atv.pt

Anexo L. Notícias na Comunicação Social local



Torres Vedras Web, sítio internet, 6 julho 2017

Fonte (e notícia completa em): <https://torresvedrasweb.pt/festa-do-cinema-na-freiria/>



Jornal Badaladas, Torres Vedras, 14 julho 2017

Anexo M. Questionário de Avaliação



AVALIAÇÃO FINAL
[alunos]



QUESTIONÁRIO

Olá a todos.

Agora que o nosso projeto chegou ao fim, é importante fazermos um balanço do mesmo e, nesse sentido, pedia a vossa colaboração no preenchimento do inquérito que se segue.

As informações recolhidas serão trabalhadas de forma anónima e serão depois tratadas com um fim estritamente académico (como sabem este projeto é simultaneamente um trabalho final de mestrado).

Não há respostas certas ou erradas, importante é a vossa opinião.

Muito obrigado.

Nome: _____ Idade: _____

Escola: _____

Local de Residência: _____

1) Qual o balanço geral que fazes do projeto?

2) No teu entender, o que correu melhor? O que gostaste mais? Porquê?

3) O que correu pior? O que gostaste menos? O que podia ter sido diferente? Porquê?

4) O que aprendeste com este projeto?

5) O que mudou com este projeto? (em ti, na turma, na comunidade...)

6) O que te surpreendeu? Face às expectativas. Que não estavas à espera... Positivo ou Negativo.

7) Se houvesse uma próxima edição o que sugerias para poder melhorar o projeto? (no projeto em si, no dinamizador, nos professores acompanhantes, no espaço, equipamento...)

8) Consideras que foi positivo o projeto ter funcionado inserido nas aulas?

Sim Não

Porquê?

9) O que vais guardar na memória de mais significativo, importante, que te marcou? Dá um exemplo.

10) Gostarias de acrescentar algo para além do que foi perguntado anteriormente?

Mais uma vez obrigado pela tua colaboração!

8ºC EB 2,3 Maxial Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira	7ºA EB 2,3 Freiria Agrupamento de Escolas São Gonçalo	8ºA EB 2,3 Padre Francisco Soares Agrupamento de Escolas Madeira Torres
--	--	--

Anexo N. Registos e Evidências dos Questionários de Avaliação

Legenda:

P1 TV Q1: Participante 1 (P1), da turma de Torres Vedras (TV), Questão 1 (Q1)

P1 M Q1: Participante 1 (P1), da turma do Maxial (M), Questão 1 (Q1)

P1 F Q1: Participante 1 (P1), da turma da Freiria (F), Questão 1 (Q1)

(seleção de respostas dos alunos, amostra)

TORRES VEDRAS

1. Qual o balanço geral que fazes do projeto?

P1 TV Q1: “Penso que o projeto foi uma atividade muito interessante, que nos “desligou” um pouco da rotina escolar. Desta forma pude aprender algumas coisas que muito provavelmente não iria aprender se não fosse neste projeto, e pude aprendê-las de forma divertida.”

P2 TV Q1: “No meu entender acho que, no geral, soubemos trabalhar em equipa por isso correu bem!”

P3 TV Q1: “Eu acho que podia haver um pouco mais de organização por parte dos alunos, mas de resto correu bem.”

P4 TV Q1: “Foi um bom balanço, positivo, podemos aprender mais sobre edição, algumas que nem sabíamos.”

P5 TV Q1: “Achei um projeto interessante, mas houve pouco tempo para fazer toda a edição.”

2. No teu entender, o que correu melhor? O que gostaste mais? Porquê?

P1 TV Q2: “O que correu melhor foi a fase das entrevistas, porque foi aquela em que tínhamos a certeza do que fazer. Gostei mais da edição, porque eu já gostava de edição, mesmo antes do projeto.”

P2 TV Q2: “Todos trabalhamos em conjunto.”

P3 TV Q2: “As gravações, foi o que mais gostei pois segurei a câmara que era algo que mais queria.”

P4 TV Q2: “O que correu melhor foi a parte das filmagens e das entrevistas.”

P5 TV Q2: “O que gostei mais foi também a parte das filmagens e das entrevistas porque desta forma deixei de ter alguma vergonha de falar com pessoas que não conheço.”

P6 TV Q2: “O que correu melhor foram as aulas que o professor nos deu foi o que gostei mais pois ensinou-nos mais sobre a história do cinema.”

3. O que correu pior? O que gostaste menos? O que poderia ter sido diferente? Porquê?

P1 TV Q3: “O tempo, foi de haver pessoas que saíram do projeto.”

P2 TV Q3: “O pior foi a organização. Não houve nada que gostasse menos, foi tudo “divertido”.

P3 TV Q3: “Em alguns casos a edição, não houve nada que não gostasse, o empenho dos alunos podia ter sido melhor para um melhor projeto.”

P4 TV Q3: “O que correu pior foi a parte de alguns elementos faltarem a alguns dos seus compromissos e o que podia ter sido melhor era ter havido mais tempo.”

P5 TV Q3: “A parte que correu pior foi a parte da edição e foi também a parte que eu menos gostei porque houve pouco empenho por parte de alguns alunos. O que poderia ser diferente talvez fosse a distribuição de tarefas porque alguns alunos, na minha opinião, deveriam ter feito outras tarefas.”

4. O que aprendeste com este projeto?

P1 TV Q4: “A editar, aprendi a história do cinema.”

P2 TV Q4: “Aprendi mais sobre o mundo do cinema, especialmente porque não tinha ideia de que era tão demorado fazer um filme.”

P3 TV Q4: “Aprendi a falar com pessoas de fora que não conhecia e a editar.”

P4 TV Q4: “Como fazer um filme de comentário.” [sic] (documentário)

P5 TV Q4: “Aprendi a mexer na câmara do professor. Os diferentes planos.”

5. O que mudou com este projeto? (em ti, na turma, na comunidade)

P1 TV Q5: “Na turma – a trabalharmos novamente em equipa. Em mim – conheci mais coisas sobre o Carnaval”

P2 TV Q5: “Penso que talvez mudou a forma como via o cinema, fiquei a perceber como é trabalhar em grupo com tarefas definidas e deixar de ter alguma vergonha que tinha quando falava com desconhecidos.”

P3 TV Q5: “Mudou a minha maneira de pensar sobre o “Atrás das câmaras”. Afinal não é tão fácil como parece.”

P4 TV Q5: “Acho que nos tornou mais unidos devido a trabalharmos muito em grupo.”

P5 TV Q5: “Trabalhamos com colegas que nunca tínhamos trabalhado”

6. O que te surpreendeu? Face às expectativas. O que não estavas à espera... Positivo ou negativo.

P1 TV Q6: “Surpreendeu-me alguns trabalhos de edição de alguns alunos.”

P2 TV Q6: “Como a parte da edição pode ser complicada.”

P3 TV Q6: “Não estava à espera de gostar tanto deste projeto, principalmente gostei de fazer parte da produção. Por outro lado a falta de desempenho dos meus colegas surpreendeu-me para negativa.”

P4 TV Q6: “Não sabia que era tanto trabalho a juntar os vídeos.”

P5 TV Q6: “Não estava à espera que o projeto fosse tão bem sucedido, ao início pensei que não fôssemos conseguir terminar devido à falta de muitos elementos nas filmagens, e a alguns alunos terem saído do projeto.”

7. Se houvesse uma próxima edição, o que sugerias para poder melhorar o projeto?

P1 TV Q7: “Penso que deveriam haver mais aulas e melhor escolha dos alunos para cada tarefa.”

P2 TV Q7: “Não sei... Talvez deveríamos ter aulas dedicadas ao projeto e acho que os computadores deveriam estar previamente preparados.”

P3 TV Q7: “Talvez que todos se apliquem um pouco mais.”

8. Consideras que foi positivo o projeto ter funcionado inserido nas aulas? Porquê?

P1 TV Q8: “Aliviou um pouco a rotina e a pressão que temos na escola.”

P2 TV Q8: “Como referi anteriormente aprendi coisas novas.”

P3 TV Q8: “Este projeto tornou o período de aulas menos monótono.”

P4 TV Q8: “Acho que por um lado foi bom ter sido em tempo de aulas para não tirar horas de estudo e etc. mas por outro lado acho que deveríamos ter mais horas de trabalho para nos termos dedicado mais.”

P5 TV Q8: “Não perdemos muitas aulas e conseguimos melhorar o projeto.”

9. O que vais guardar na memória de mais significativo, importante, que te marcou? Dá um exemplo.

P1 TV Q9: “A alegria dos alunos a conviver mesmo trabalhando.”

P2 TV Q9: “As entrevistas e a interação com outras pessoas da comunidade.”

P3 TV Q9: “Talvez a forma como as pessoas se juntaram para conseguirmos fazer este projeto acontecer.”

P4 TV Q9: “As aulas também são momentos divertidos.”

P5 TV Q9: “Não sei muito bem, mas quando vir este projeto no futuro, vou recordar-me como um bom projeto que gostei muito de participar.”

10. Gostarias de acrescentar algo para além do que foi perguntado anteriormente?

P1 TV Q10: “Gostava de acrescentar que acho importante haver este tipo de projectos nas escolas e gostava que houvessem mais.”

MAXIAL

1. Qual o balanço geral que fazes do projeto?

P1 M Q1: “Gostei muito desta experiência porque foi divertido e acabei por aprender muito sobre planos, câmeras e etc.”

P2 M Q1: “Acho que este projeto foi ótimo, correram melhor as gravações porque óbvio eu participei, e a edição também foi muito fixe de ver alguém fazer, o projeto deu-me muito conhecimento e eu adorei, e gostava de o fazer para o ano (fica a dica).”

P3 M Q1: “Eu adorei, a melhor experiência [sic] que tive a haver [sic] com filmagens.”

P4 M Q1: “Este projeto foi importante para a nossa turma porque criou união na nossa turma e foi um projeto incrível. Fez-nos aprender muito e o stor Gonçalo é muito fixe.”

P5 M Q1: “Acho que correu muito bem o projeto e no final o filme ficou fixe.”

2. No teu entender, o que correu melhor? O que gostaste mais? Porquê?

P1 M Q2: “o que correu melhor foi as saídas da escola, o que mais gostei foi a azenha porque foi muito interessante.”

P2 M Q2: “As filmagens, gostei de filmar com a câmara principal.”

P3 M Q2: “Tudo, eu gostei de gravar o making of porque foi muito divertido.”

P4 M Q2: “Tudo correu bem. Gostei quando fui à azenha porque ela é linda e o dono ensinou-nos coisas novas além disso convivemos fora da escola.”

P5 M Q2: “O que correu melhor foi as filmagens. O que mais gostei foi a amizade e a cooperação que ganhámos juntos com os stores.”

3. O que correu pior? O que gostaste menos? O que poderia ter sido diferente? Porquê?

P1 M Q3: “O que correu pior acho que foi a parte da edição de making of mas tudo se resolveu.”

P2 M Q3: “Não sei, foi tudo tão bom.”

P3 M Q3: “Nada, gostei de tudo, nada podia ter sido diferente foi tudo como deve ser, pois foi tudo perfeito.”

P4 M Q3: “Acho que podíamos ter mais filmagens. Gostei menos da parte da teoria.”

P5 M Q3: “A organização, quando alguns iam entrevistar, vários ficavam na sala sem fazer nada. Eu detestei os profs que nos obrigaram andar até a azenha.”

P6 M Q3: “A edição, porque no início não tínhamos computadores e o que podia ter sido diferente não foi nada.”

P7 M Q3: “Foi a edição, porque foram feitos com muito pouco tempo.”

4. O que aprendeste com este projeto?

P1 M Q4: “Aprendi muito mais de cinema.”

P2 M Q4: “Aprendi que se nos esforçarmos conseguimos obter os nossos objectivos e que fiquei a saber coisas novas que nunca tinha ouvido falar.”

P3 M Q4: “Aprendi várias coisas sobre filmagens e como podemos filmar. Aprendi um pouco sobre o dia a dia dos antigos.”

5. O que mudou com este projeto? (em ti, na turma, na comunidade)

P1 M Q5: “A comunidade juntou-se para ver o filme e nós também.”

P2 M Q5: “a turma tornou-se mais unida.”

P3 M Q5: “Ficamos mais próximos e ficamos a saber mais.”

P4 M Q5: “A comunidade começou a sentir-se mais valorizada pois procuramos a cultura «antiga», a turma ficou mais unida e mais organizada e eu renovei os meus conhecimentos.”

P5 M Q5: “Como filmar, e muita coisa sobre cinema.”

P6 M Q5: “Aprendi mais coisas com isto.

A turma ficou a saber mais e trabalhamos todos em conjunto.”

6. O que te surpreendeu? Face às expectativas. O que não estavas à espera... Positivo ou negativo.

P1 M Q6: “não estava a espera de ser tão interessante.”

P2 M Q6: “A união da turma perante o projeto.”

P3 M Q6: “Não estava à espera que ficasse tão bom (sem ofensa) é lindo ver o que fizemos ao longo do ano é mesmo muito emocionante.”

P4 M Q6: “Foi as pessoas da comunidade terem querido participar no filme e terem gostado de participar.”

7. Se houvesse uma próxima edição, o que sugerias para poder melhorar o projeto?

P1 M Q7: “gostava de fazer outro género de filme para ver outras experiências.”

P2 M Q7: “Se calhar mais equipamento.”

P3 M Q7: “Que as funções fossem mais distribuídas.”

P4 M Q7: “Mais tempo, independentemente de termos conseguido acabar o filme o tempo, acho que mais aulas faziam-nos falta.”

P5 M Q7: “Não é preciso melhorar nada está bem assim.”

P6 M Q7: “O que surpreendeu foi o empenho de todos.”

P7 M Q7: “A luz de algumas entrevistas.”

P8 M Q7: “legendas no filme.”

8. Consideras que foi positivo o projeto ter funcionado inserido nas aulas? Porquê?

P1 M Q8: “Porque aprendemos coisas novas e que não íamos aprender nas outras disciplinas.”

P2 M Q8: “porque ficamos a aprender mais sobre «cinema».”

P3 M Q8: “por um lado sim porque conseguimos inserir isto na nossa rotina mas por outro lado porque perdemos aulas.”

P4 M Q8: “Porque assim tínhamos mais tempo para trabalharmos no projeto.”

P5 M Q8: “Aprendemos coisas novas e interessantes.”

9. O que vais guardar na memória de mais significativo, importante, que te marcou? Dá um exemplo.

P1 M Q9: “A turma e o professor e o filme em si.”

P2 M Q9: “Os momentos que tivemos todos juntos, por exemplo a azenha.”

P3 M Q9: “Filmar com a câmara principal.”

P4 M Q9: “Os stores e as informações que estão no filme.”

P5 M Q9: “A nossa turma toda junta a trabalhar para o mesmo.”

10. Gostarias de acrescentar algo para além do que foi perguntado anteriormente?

P1 M Q10: “Que foi uma experiência que vou levar para a vida.”

P2 M Q10: “Não e que gostei muito de fazer o filme.”

P3 M Q10: “Obrigada por me ter dado a oportunidade!”

FREIRIA

1. Qual o balanço geral que fazes do projeto?

P1 F Q1: “Todos colaboraram de forma organizada e o filme foi agradado pelo público.”

P2 F Q1: “Acho que o trabalho foi muito bem feito, no final foi interessante e acho que todos nós aprendemos coisas novas.”

P3 F Q1: “Este projeto foi divertido e muito interessante, pois ficamos a saber mais sobre a Freiria e como fazer um filme.”

P4 F Q1: “Foi muito divertido e foi uma experiência única que vou levar para a vida”

P5 F Q1: “Este projeto foi muito interessante, ajudou-nos a compreender as coisas relacionadas com a realização de um filme e foi muito entusiasmante para o nosso percurso escolar deste ano”

2. No teu entender, o que correu melhor? O que gostaste mais? Porquê?

P1 F Q2: “O que correu melhor foi a pintura do mural. Gostei mais de ser o cameramen porque gosto de mexer em cameras. [sic]”

P2 F Q2: “O moral [sic] foi o que correu melhor. O que eu mais gostei foi do dia da apresentação pois havia muita gente a ver e a gostar do nosso filme.”

P3 F Q2: “O que correu melhor foi as entrevistas. Foi o que todos se empenharam e eram responsáveis. Mas gostei mais da exposição, porque o trabalho lá foi cumprido e gosto muito de fotos.”

P4 F Q2: “O que correu melhor foram as entrevistas e o que gostei mais foi o making off. [sic]”

P5 F Q2: “O que correu melhor para mim foi o mural e o que gostei mais foi o making of.”

3. O que correu pior? O que gostaste menos? O que poderia ter sido diferente? Porquê?

P1 F Q3: “O que correu pior foi a edição porque não havia todas as condições, eu gostei de tudo e não mudava nada.”

P2 F Q3: “A edição. Gostei menos da edição. Devíamos ter passado mais tempo na edição. E os computadores não são os melhores.”

P3 F Q3: “A edição. A edição. A edição. Porque o computador não aguentava.”

4. O que aprendeste com este projeto?

P1 F Q4: “Eu aprendi mais sobre a terra e também a trabalhar melhor na edição.”

P2 F Q4: “O que aprendi com este projeto foi a filmar como deve de ser e a editar, etc.”

P3 F Q4: “Ganhei experiência com as câmaras e aprendi sobre a história do cinema”

P4 F Q4: “Com este projeto aprendi a realizar um filme, aprendi várias técnicas e aprendi a fazer um mural”.

5. O que mudou com este projeto? (em ti, na turma, na comunidade)

P1 F Q5: “Mudou a maneira de como eu olho para a freiria (para melhor).”

P2 F Q5: “Conhecemos pessoas novas, visitamos sítios novos, conheci coisas /pessoas que não teria conhecido antes.”

P3 F Q5: “Na comunidade. Acho que a Freiria de alguma forma ganhou alguma vida que lhe faltava, assim como a comunidade. Em mim, mudou a forma como eu vou ver um filme daqui para a frente e deu-me vontade para fazer coisas novas”.

P4 F Q5: “Aprendemos a trabalhar em equipa”.

P5 F Q5: “Eu ganhei experiência; a turma ficou mais unida; na comunidade acho que o mural vai fazer muita diferença”.

P6 F Q5: “Na comunidade: conseguimos demonstrar à comunidade que ainda alguém se importa com a Freiria.”

P7 F Q5: “Na turma: conseguimos trabalhar em conjunto e viver uma nova experiência. Em mim: tudo mudou!”

6. O que te surpreendeu? Face às expectativas. O que não estavas à espera... Positivo ou negativo.

P1 F Q6: “Surpreendeu-me que muitas pessoas nos queiram oferecer materiais e ajuda.”

P2 F Q6: “O filme ficou ótimo e apareceu muita gente na anteestreia do filme”

P3 F Q6: “Estava à espera de que fossem só quase os professores a fazer tudo e afinal fomos nós a fazer tudo menos a edição”.

P4 F Q6: “No início do projeto, achei que o filme e o mural iam ficar bons, mas quando acabamos, fiquei muito surpreendida, porque o nosso trabalho ficou espetacular”.

7. Se houvesse uma próxima edição, o que sugerias para poder melhorar o projeto?

P1 F Q7: “Se houvesse uma próxima edição, eu acho que **podia haver mais câmaras e nós (alunos) podíamos aparecer mais no filme.**”

P2 F Q7: “Começar a parte prática do trabalho mais cedo”

P3 F Q7: “Os computadores da nossa escola. Nós não conseguíamos editar nada.”

P4 F Q7: “Não sugeria nada porque eu gostei de tudo e vou ter saudades.”

P5 F Q7: “Podíamos ter **mais rotatividade nos grupos**”.

8. Consideras que foi positivo o projeto ter funcionado inserido nas aulas? Porquê?

P1 F Q8: “Sim. Demos a matéria toda na mesma.”

P2 F Q8: “Sim. **Porque assim, os professores, podiam-nos ajudar no projeto.**”

P3 F Q8: “Sim. Porque **é bom ter algo diferente em que se aprende sem ser numa sala de aula.**”

P4 F Q8: “Sim, porque nós assim **nós descançamos [sic] das aulas habituais, mas continuávamos a trabalhar**”.

P5 F Q8: “Sim. **Faltamos às aulas mas estávamos a aprender**”.

9. O que vais guardar na memória de mais significativo, importante, que te marcou? Dá um exemplo.

P1 F Q9: “O que guardo na memória é **um ano muito divertido** e uma **experiência de vida incrível.**”

P2 F Q9: “Vou guardar na memória a **diversão que tivemos** neste ano como por exemplo a fazer o mural.”

P3 F Q9: “**Vou guardar as pessoas / colegas / professores que conheci. Vou guardar os momentos e as diversões...**”

P4 F Q9: “O mais significativo foi **realmente descobrir quem são os meus amigos na turma.**”

P5 F Q9: “O que eu vou guardar na memória de mais significativo é que aprendi **como fazer um filme.**”

P6 F Q9: “Vou guardar todos os bons momentos em que **trabalhamos em equipa** como quando fizemos o mural.”

10. Gostarias de acrescentar algo para além do que foi perguntado anteriormente?

P1 F Q10: “Acho que **devíamos ter mais projetos como este dentro do horário escolar**. E obrigado professor Gonçalo”.

P2 F Q10: “**Porque é que isto já acabou?**”

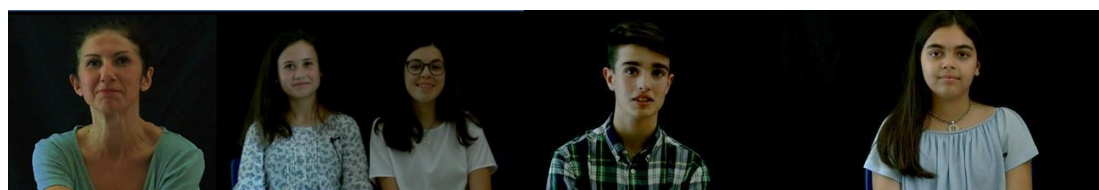
Anexo O. Entrevistas para o *Making of* (Entrevistados)



Entrevistas para o *making of* - Grupo da Freiria



Entrevistas para o *making of* - Grupo do Maxial



Entrevistas para o *making of* - Grupo de Torres Vedras

Anexo P. Registos e evidências do *Making Of* (Entrevistas)

Questões de partida:

- Balanço geral;
- O que correu bem? O que correu menos bem?
- O que poderia ter sido diferente?
- O que gostaram mais? O que vos surpreendeu?
- O que vão levar para a vida a partir do projeto?
- O que aprenderam?
- (...)

Entrevistados	Destaque entrevistas	TEMA	TIMECODE	
			IN	OUT
João Batalha (prof. Maxial)	“Foi uma forma excelente de mostrar o que são estas terras do Maxial , quem vive aqui, os nossos antepassados, a nossa história”	Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s) (Pat. Imaterial)	15'25”	15'42”
	“Vai ficar registado de uma forma definitiva”	Documento histórico, registo para a posterioridade	15'45”	15'49”
	“Aqui... houve ali uma forma de passar aos miúdos também... como planificar, como pensar, como organizar... pronto, e isso acho que é benéfico, em termos de futuro, para tudo , não é só para isto, mas como para tudo”	Aprendizagem de Competências	16'06”	16'20”
Paulo Carocinho (prof. Maxial)	“Neste caso, o projeto passou pela utilização de tempos específicos de uma disciplina , porque só assim é que se consegue enquadrar este tipo de projetos, com propostas externas à escola, no funcionamento normal da escola”	Funcionamento do projeto, dentro do plano curricular	17'10”	17'23”

	<p>“Acho que os miúdos se serviram da plataforma para comunicar. Eu fui sendo informado também de tudo o que estava a acontecer através da plataforma. Fui tendo também alguma noção do que as outras escolas estavam a fazer, dentro do projeto.”</p>	<p>Utilização da plataforma Edmodo</p>	17'23"	17'34"
	<p>“Para fazer uma ponte entre a escola e a comunidade... não é uma coisa assim tão fácil de fazer como isso, no dia-a-dia. Serviu para eles também valorizarem a sua própria comunidade... para eles terem um olhar mais atento ao que se passa nas suas próprias comunidades. Para trocarmos informação entre eles e ficarem a conhecer melhor as comunidades uns dos outros.”</p>	<p>Importância deste tipo de projetos</p> <p>Valorização da(s) comunidade(s)</p>	17'35	18'00"
	<p>“Expor estes miúdos... que estão um pouco mais isolados... que não têm o acesso que os miúdos da cidade têm... estes alunos têm algumas limitações por causa da distância... e o facto de eles terem acesso a este tipo de projetos... para mim é muito importante porque acrescenta-lhes muito em termos de currículo, das competências que eles adquirem e das coisas novas que eles descobrem, das motivações que podem surgir...”</p>	<p>Aprendizagem de Competências</p> <p>Motivações e Descobertas</p>	18'01"	18'26"
<p>Gonçalo Bernardino (prof. Maxial)</p>	<p>“... foi a questão de toda a linguagem, de toda a literacia do cinema, como comunicação visual, mas tratada... de uma forma mais específica, porque tínhamos esta possibilidade de trabalhar com um parceiro em vez de ser só ao nível do conteúdo, por vezes mais teórico, com um tempo mais curto em sala de aula.”</p>	<p>Aprendizagem de Competências</p> <p>Importância deste tipo de projetos</p>	18'28"	19'11"

<p>Inês e Tatiana (alunas Maxial)</p>	<p>“Eu acho que foi dos projectos que deu mais gozo fazer cá na escola. Acho tipo... nós fomos todos tipo unidos no mesmo, para fazer a mesma coisa... acho que todos nos ajudamos uns aos outros, mesmo não sendo do grupo... da divulgação ou da exposição, todos nos ajudámos uns aos outros.”</p> <p>“Eu pensava que ia ser mais... secante, mas até ficou interessante e ficou fixe.”</p> <p>“...eu gostei imenso, tipo, de ter aquela experiência de estar com o microfone na mão, estar uma pessoa à nossa frente a filmar... acho que isso foi fixe, foi interessante.”</p>	<p>Importância da união e espírito de grupo</p> <p>Sobre o projeto no geral</p> <p>Novas experiências</p>	<p>19'21"</p> <p>19'47"</p> <p>19'55"</p>	<p>19'37"</p> <p>19'54"</p> <p>20'08"</p>
<p>Margarida e Jéssica (alunas Maxial)</p>	<p>“Não parecia que ia ficar tão bom como a gente tem agora o resultado.”</p> <p>“O que era da nossa aldeia nós já conhecíamos... e depois as outras aldeias não conhecemos muita coisa, mas agora já ficamos a conhecer. É como a Azenha que não conhecíamos e ficamos a conhecer.”</p>	<p>Resultado final superou expetativas</p> <p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p>	<p>20''09"</p> <p>20'14"</p>	<p>20'13"</p> <p>20'25"</p>
<p>Bruna e Cármen (alunas Maxial)</p>	<p>(aprendi) “Organização, porque sem organização não conseguimos fazer as coisas...”</p> <p>“Aprendi a trabalhar com a câmara principal”</p> <p>“A cena é que se calhar foi a melhor coisa do ano, do 8º ano...”</p>	<p>Aprendizagem de Competências</p>	<p>20'26"</p> <p>20'30"</p> <p>20'33"</p>	<p>20'30"</p> <p>20'32"</p> <p>20'37"</p>
<p>Paula Lavanco (Profª. Freiria)</p>	<p>“Eu gostei muito deste projeto, nós já tínhamos vontade de fazer, já há muitos anos que tivemos essa vontade, mas depois por falta de recursos não</p>	<p>Contrariedades</p>	<p>20'46"</p>	<p>21'18"</p>

	<p>houve oportunidade. Entretanto com o PNC, tínhamos feito uma ação de formação e ficamos com muita vontade de aplicar o que se tinha aprendido... E este projeto veio resolver algo que o Plano Nacional de Cinema não tinha-nos dado, em termos de formação e que permitiu essa aprendizagem.”</p> <p>“Eu acho que é difícil correr melhor, porque as contrariedades são muitas...e nós temos conseguido vencer todas essas contrariedades. É claro que se tivéssemos computadores melhores, teria sido interessante os alunos participarem na edição de uma outra forma e não esta tão manual.”</p> <p>“ Foi muito giro recordar as histórias que eu já sabia da Freiria, passá-las, contactar com as pessoas, falar com elas...”</p> <p>“Não reagem, não se lembram, não vão lá... e portanto a coisa acaba por não ter o impacto que nós gostaríamos, porque os alunos não associam essas plataformas à aprendizagem, ao trabalho... é só para a diversão...”</p>	<p>Aprendizagem de Competências</p> <p>Contrariedades</p> <p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p> <p>em relação ao Edmodo e ao uso das plataformas digitais no ensino</p>	<p>21'18"</p> <p>21'36"</p> <p>21'44"</p>	<p>20'35"</p> <p>21'43"</p> <p>21'58"</p>
<p>Cristina Antunes (Profª. Freiria)</p>	<p>“Pronto, em termos gerais eu até fico quase que... admirada por termos conseguido chegar onde chegamos, não é!? Ou seja, eu acho que conseguimos fazer muita coisa, apesar de eu no início, quando te ouvia explicar o projeto, achei: ia bem, isto... vai ser puxado, vai ser difícil num ano e com uma turma de 7º... até pensei que... eu acho que aquilo que correu bem foi... afinal os alunos até trabalharam muito, eles não é... ou seja, nós fizemos, demos um apoiozinho, mas até acabamos por não sermos nós a fazer as coisas,</p>	<p>Aprendizagem de Competências</p> <p>Capacidade de Autonomia</p>	<p>21'59"</p>	<p>22'31"</p>

	<p>eles fizeram.”</p> <p>“O que me surpreende mais, é termos feito tanta coisa em tão pouco tempo...”</p>		22'32”	22'37”
<p>Elisabete Silva (Profª. Freiria)</p>	<p>“É o facto de nós sairmos da sala de aula e de podermos estar com os miúdos fora daquele contexto certinho, em que eles têm que estar sentadinhos... de facto modifica a forma como eles aprendem e na verdade todos eles dizem isso, que gostam de estar a aprender fora desse contexto tão formal que é o da aula.”</p>	<p>Educação Não Formal</p>	22'38”	22'58”
	<p>“E na verdade, nós, enquanto professores acho que percebemos que pessoas é que ali estão, quando saímos da sala de aula...”</p>		22'58”	23'05”
	<p>“Eu fartei-me de aprender com eles, por exemplo... dentro da sala de aula, é mais direccionado da minha parte para eles não é? como é óbvio.”</p>	<p>Aprendizagem de Competências</p>	23'05”	23'12”
	<p>“... em francês um dos temas é o cinema, no 9º ano, e portanto eu já explorava isso naturalmente e o facto de estar agora a trabalhar com estes miúdos no 7º... eu vou continuar este trabalho com eles, portanto é algo que eu levo do projeto também. Eles aprendem como se faz, eu também estou a aprender, porque eu não tenho formação nenhuma em cinema, apenas gosto, e ao longo dos anos vou continuar a trabalhar com eles...”</p>		23'12”	23'36”
<p>“... eu não conhecia bem a Freiria na verdade, porque chego aqui de carro, venho para a escola, vou até ao café, volto para a escola... não conversava muito com as pessoas da terra. O ter estado em conversa com eles, ter descoberto várias pessoas que fazem parte da</p>	<p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p>	23'36”	24'06”	

	<p>história desta terra foi interessante... Descobrir porque que é que era a Freiria dos chapéus, eu perguntava sempre porque que é que era a Freiria dos Chapéus e diziam-me: ah havia aí uma fábrica de chapéus... afinal, se calhar não é bem isso, não é, é outra a história?!”</p> <p>“...mas 45 minutos é claramente insuficiente por semana, para estarmos a trabalhar com eles... nós demos muito mais horas ao projeto, como é lógico, mas depois o projeto traz-nos tanto que nós não nos importamos e andamos com este ar aqui feliz e contente a fazer tudo, independentemente de ultrapassar o tempo disponível.</p> <p>“Aliás, os comentários deles, depois das entrevistas, são sempre: ai tão giro, descobrimos agora porque é que é a Freiria dos Chapéus... ai os gaiteiros, gostei tanto, eu nem sabia que isto existia na Freiria. Pronto, esse entusiasmo todo que eles trazem... é do projeto, e é porque vem alguém de fora de facto trabalhar com eles.”</p> <p>“estar por trás da câmara é tudo diferente, mas é também muito mais interessante, começamos a ter a noção o quão difícil é gerir pessoas, perceber quais são as etapas de um projeto... e para de facto chegarmos a uma conclusão, para de facto atingirmos o nosso objectivo.”</p> <p>“Acho que se eventualmente correr tudo bem, vamos ver, este projeto pode deixar aqui um clube de cinema... e deixando um clube de cinema, deixa já miúdos que têm uma formação na área, contigo, dentro do projeto, e que podem fazer tudo isto evoluir.”</p>	<p>Funcionamento do projeto, dentro do plano curricular</p> <p>Importância deste tipo de projetos</p> <p>Importância deste tipo de projetos</p> <p>O que fica? Futuro?</p>	<p>24'07"</p> <p>24'27"</p> <p>24'48"</p> <p>25'05"</p>	<p>24'27"</p> <p>24'47"</p> <p>25'04"</p> <p>25'23"</p>
--	---	--	---	---

<p>Henrique Mata (Prof. Freiria)</p>	<p>“Sair da sala de aula, na minha disciplina... é giro conhecer os miúdos noutra âmbito, portanto, estamos ali a pintar, há um... há miúdos que nos surpreendem imenso, que pouco trabalham na aula e depois são os primeiros. Temos o caso do N. que custa a arrancar na aula e ali está sempre motivado para trabalhar.”</p> <p>“...eu também acho que o processo é bem mais importante do que o resultado... a convivência entre os alunos, comigo e contigo e com as colegas, é uma convivência diferente.”</p>	<p>Educação Não Formal</p>	<p>25'23"</p> <p>25'42"</p>	<p>25'42"</p> <p>25'51"</p>
<p>Matilde e Nicole (alunas Freiria)</p>	<p>“Estarmos a comunicar com as pessoas.”</p> <p>“e saber mais sobre a história da Freiria...”</p> <p>“Não estávamos tão à espera, eu pelo menos não estava tão à espera de participarmos tanto, pensava que...”</p> <p>“...afinal participamos muito e eu gostei muito...”</p>	<p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p> <p>Participação</p>	<p>25'52"</p> <p>25'55"</p> <p>26'01"</p> <p>26'06"</p>	<p>25'54"</p> <p>25'57"</p> <p>26'05"</p> <p>26'09"</p>
<p>Sara (aluna Freiria)</p>	<p>“Acho que foi um projeto muito divertido e que resultou bastante bem no espaço em que foi realizado e durante o tempo que o tivemos para o fazer.”</p> <p>“No geral correu tudo bem, acho é que o que podia ter corrido melhor é o envolvimento de alguns alunos na turma no projeto, a tentarem trabalhar mais...”</p> <p>“Surpreendeu-me a maneira com as pessoas ficaram contentes ao saberem que nós estávamos a... remexer no passado da Freiria e a adesão que as pessoas deram ao projeto, de até quererem</p>	<p>O que correu mal</p> <p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p>	<p>26'10"</p> <p>26'19"</p> <p>26'19"</p> <p>26'28"</p>	<p>26'19"</p> <p>26'26"</p> <p>26'41"</p>

	oferecer materiais para continuarmos e motivarem-nos.”			
Henrique (aluno Freiria)	“E o balanço deste projeto foi que ... se eu tiver filhos vou explicar-lhes como se faz... algumas coisas.”		26’47”	27’01
Niki Paterianaki (Profª. Torres vedras)	“Este projeto para mim foi...do género... como se alguém me tivesse oferecido o meu prato preferido de sempre e logo a seguir diz assim: e agora tens 5 segundos para comê-lo.”	Pouco tempo	27’07”	27’20”
	“este tipo de projeto é... urgente... para a aprendizagem, para os jovens de hoje em dia... e nós não tivemos assim tempo mesmo para... aprender mais... de forma mais profunda, não sei se é esta a expressão... contudo posso dizer que... este projeto fez uma coisa, no meu ver maravilhosa para os alunos, que é... aliás foi a minha parte preferida, o contato com a comunidade, o fato deles falarem com pessoas que não conheciam de lado nenhum, porquenão podemos esquecer que vivemos numa cultura de medo.”	Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s) Competências sociais	27’21”	28’09”
	“... eu acho que a aprendizagem é uma colaboração, aí está, as raízes constroem-se com o solo adequado, a água, o sol, estas coisas todas... e este projeto foi um bocadinho... foi ao encontro exactamente deste tipo de aprendizagem, de aprendizagem rizomática, que é, eu não mando em tudo, tu não mandas em tudo, ninguém manda em ninguém, isto é um dialogo, e é uma... talvez... digamos, o partilhar... eu acho esta palavra magnífica... o partilhar experiências, partilhar opiniões... e aí está, não foste tu que deste tudo, nem foram eles que mandaram em tudo...”	Funcionamento do projeto	28’09”	28’53”

	<p>“ O interessante será eles verem no dia do filme, no dia 18, o que os colegas fizeram e como tudo...depois...ficou um.”</p> <p>“...não só como Gonçalo Oliveira, mas como ATV...deviam continuar a chatear as escolas... porque duvido muito que nos próximos, talvez, anos o contrário será feito...”</p> <p>“...não desistam de nós!!... está bem?!”</p>	<p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p> <p>Relação da escola com a restante comunidade</p>	<p>28' 54"</p> <p>29'08"</p> <p>29'23"</p>	<p>29'07"</p> <p>29'21"</p> <p>29'27"</p>
<p>Marta e Rita (alunas Torres Vedras)</p>	<p>“Eu acho que... o projeto foi uma ideia inovadora e acho que... a única coisa que podia ter melhorado era um bocado o empenho de alguns alunos, mas de resto eu acho que foi uma boa experiência, mesmo a parte de estarmos a filmar e assim.”</p> <p>“De tudo o que gostei mais foi mesmo a parte de estar a filmar as pessoas, a conversar com elas... acho que isso foi muito interessante.”</p> <p>“Eu também gostei de filmar as pessoas e de... no fundo fizemos novas amizades com os grupos com quem falámos... e também gostei muita da parte da edição, porque eu não... não sabia nada e continuo a não saber muita coisa, mas gostei de aprender, os principais, tipo os cortes e como é que posso fazer variadas coisas na edição.”</p> <p>“Deve ser engraçado depois daqui a uns anos voltar a ver e... ver de outra forma aquilo que nós estamos a fazer agora, e acho que isso vai ser muito interessante.”</p> <p>“Só acho que este tipo de projetos é importante haver mais nas escolas, porque, para fugir</p>	<p>Aprendizagem de Competências Técnicas e Sociais</p> <p>Aprendizagem de Competências Técnicas</p> <p>Reflexão crítica</p> <p>Educação Não Formal</p>	<p>29'27"</p> <p>29'41"</p> <p>29'48"</p> <p>30'08"</p> <p>30'17"</p>	<p>29'41"</p> <p>29'47"</p> <p>30'08"</p> <p>30'16"</p> <p>30'27"</p>

	<p>um pouco aquela rotina de aulas, aulas, aulas e ser uma coisa um bocado diferente... eu acho que isso é muito importante.”</p> <p>“Eu acho que...um bocado, é o facto de sem informal, porque o resto, eu fico sempre um bocado nervosa, porque temos notas e não sei o quê, e isso implica tudo e... dá-nos a conhecer outras coisas que nós não tínhamos ideia que podiam existir e... de que forma é que as coisas são feitas.”</p> <p>“estou nervosa ao saber tipo, o que é que vai ser o resultado final, se vai ser bom, se vai ser mau, se as pessoas vão gostar... ou se não vão gostar... por isso acho que há aqueles nervos também, mas não é nervos iguais a um teste ou a uma apresentação oral, não, por isso é que eu acho que também é bom ter este tipo de projetos, incluídos na escola... no tempo escolar.”</p> <p>“ E acho que às vezes isto também pode aproximar um bocado os alunos, porque temos que trabalhar em grupos, em conjunto e vamos percebendo com quem é que gostamos de trabalhar e com quem é que nos sentimos mais à vontade para estar a trabalhar e também tem a parte prática, não é só estar ali a ouvir um professor, nós também podemos dar ideias, podemos falar abertamente.”</p>	<p>Educação Não Formal</p>	<p>30'28"</p> <p>30'45"</p> <p>31'05"</p>	<p>30'45"</p> <p>31'05"</p> <p>31'22"</p>
<p>Beatriz M. (aluna Torres Vedras)</p>	<p>“Nunca tinha percebido porque é que as pessoas cá em Torres Vedras viviam tanto isso do carnaval e porque é que ficavam o ano todo à espera do carnaval... e com esta experiência, depois de entrevistar as pessoas e essas coisas, fiquei a perceber porque é que é tão importante para</p>	<p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p>	<p>31'23"</p>	<p>31'36"</p>

	<p>eles.”</p> <p>“Não sei, mas eu gosto muito destas coisas assim de... de entrevistar, então, se calhar um dia olho para isto e... nunca se sabe, pode ser uma coisa... assim... um início, digamos assim.”</p>		31'37"	31'53"
<p>Dinis (aluno Torres Vedras)</p>	<p>“Aprendi... que os documentários dão muito trabalho a fazer.”</p> <p>“... e os filmes também... e aprendi muita coisa sobre o carnaval, que não sabia... sabia que existiam os grupos de carnaval, mas também não sabia muito sobre eles... e fiquei a saber...”</p> <p>“... Obrigada por virem ao Teatro cine!”</p>	<p>Valorização e conhecimento da(s) comunidade(s)</p>	31'53"	31'56"
			32'00"	32'12"
			32'14"	32'15"

Anexo Q. Registo de comentários após as exposições

Legenda

FREIRIA

E1 LMF: 1º Espectador (**E1**) que surge no registo dos comentários no “Livro de Mensagens”⁴² da Freiria (**LMF**), E2 LMF: 2º Espectador...

E1 F: 1º Espectador do Público (**E1**) a tecer comentários (oralmente), após a exposição do filme na Freiria (**F**), E2: 2º Espectador do Público...

Int1 Fb F: Internauta 1 (**Int1**) que deixou comentários o exposição do filme/ao projeto no Facebook, (**Fb**) com referências o Freiria (**F**), Int2: Internauta 2 que deixou comentários...

MAXIAL

E1 M: 1º Espectador do Público (**E1**) a tecer comentários (oralmente), após a exposição do filme no Maxial (**M**), E2: 2º Espectador do Público...

Int1 Fb M: Internauta 1 (**Int1**) que deixou comentários o exposição do filme/ao projeto no Facebook, (**Fb**) com referências ao Maxial (**M**), Int2: Internauta 2 que deixou comentários...

TORRES VEDRAS

E1 TV: 1º Espectador do Público (**E1**) a tecer comentários (oralmente), após as exposiçoes dos filmes em T. Vedras (**TV**), E2: 2º Espectador do Público...

Int1 Fb TV: Internauta 1 (**Int1**) que deixou comentários o exposição do filme/ao projeto no Facebook, (**Fb**) com referências a T. Vedras* (**TV**), Int2: Internauta 2 que deixou comentários...

***Nota:** No caso dos comentários feitos oralmente ou no *Facebook* **após as exposição**es de **Torres Vedras**, os mesmos, **podem referir-se aos filmes e/ou ao projeto no geral**, uma vez que todos os filmes do projeto foram exibidos nesta sessão.

⁴² O “Livro de Mensagens” (ver Figura 41) foi um *livro de honra* que estava o saída da sala de espetáculos do Freiria Sport Clube, onde as pessoas, após a exposição da antestreia, deixaram os seus comentários e impressão

Freiria

“LIVRO DAS MENSAGENS” FREIRIA – LMF

E1 LMF:

“Muitos parabéns a todos os intervenientes no projeto Foco – Cinema em Ação!
Ao Gonçalo Oliveira, por ter provado que **é possível unir objetivos académicos a ações interventivas** que, misturando ingredientes de espírito de grupo, de associativismo, **trabalho em equipa**, sentido de comunidade, busca do bem comum, **crença na mudança e muita «carolice»** (nas palavras do próprio), **é possível dinamizar jovens, menos jovens e médios jovens em torno de um foco comum**, que terá muito que ver com o **sentido de pertença e identidade local**.

Aos professores, parabéns pela coragem de **agir** e pela capacidade de **liderança e motivação** dos «atores» por detrás das câmaras – os alunos.

E aos alunos do 7ºA, Parabéns por terem agarrado este **desafio** com a **determinação e dinamismo que caracteriza os jovens** mas o **empenho e responsabilidade de verdadeiros profissionais**.

Espero que muitos mais projetos de **descentralização geográfica** mas **centralização humana/social** possam acontecer no futuro em tantos contextos possíveis.

Obrigada ao ATV, claro, por poder contar sempre com ele para ser **surpreendida.**”

E2 LMF:

“Com **alegria e orgulho**, mais uma vez foram os maiores e não decepcionaram!

Foi com emoção que assisti a mais um excelente desempenho do 7ºA!

Uma palavra de apreço aos magníficos professores, que não devem dar por perdido o seu tempo. Estes alunos merecem!

Vale a pena lutar por um futuro melhor com uma grande equipa devemos partilhar se longe queremos chegar!!

Um abraço e muitos beijinhos desta professora que jamais vos esquecerá.”

E3 LMF:

“Agradeço a todos os que participaram, fiquei muito **orgulhosa** tanto pelos nossos meninos, como professores e toda **a comunidade que se empenhou** para nos **mostrar um bocadinho mais da nossa terra**.

Fiquei muito surpreendida com o resultado.

Gostava que investissem mais nestes projectos.

Um obrigado e bem hajam a todos.”

E4 LMF:

“Espetacular!

Fantástico!

Excelente trabalho!

Magnífico!

Noite gloriosa!

Evento emotivo!

Digno de memória...

Parabéns a todos os que participaram/colaboraram para que este projeto tivesse dado fruto.”

E5 LMF: (professora)

“Parabéns a todos os participantes neste projeto, mas sobretudo às minhas queridas colegas que disponibilizaram o seu tempo e esforço para a elaboração do filme.

Ensinar é formar, transmitir conhecimentos, mas é também gerir comportamentos e partilhar o nosso passado de forma a conhecermos melhor o nosso presente.

Obrigada pelo projeto!”

E6 LMF:

“Bom filme!

Excelente trabalho.

Muitos Parabéns a todos os envolvidos neste projeto.”

E7 LMF:

“Mais uma vez a «carolice» funcionou. Muito trabalho, empenho e dores de cabeça, que valeram a pena pois o produto final ficou excelente.

Parabéns a todos pelo filme que desvendou um pouco mais desta nossa terra adoptiva (já assim a considero, há 18 anos que a frequento...) Agora... é continuar/abraçar outros projectos para que os alunos possam vir para a escola para,

como eles disseram, saber um pouco mais acerca da Freiria não encarando a escola como a «seca» habitual.

Parabéns e obrigada”

E8 LMF:

“Excelente trabalho de todos, que resultou num belo filme.

Alunos e professores estão de parabéns.

Apesar de tudo, especialmente do ME (Ministério da Educação), os professores continuam a dar os seu tempo livre à escola e aos alunos.

Parabéns colegas «resistentes».

Parabéns 7ºA. Parabéns restante comunidade.”

E9 LMF: (diretora da escola)

“Está um trabalho muito bom.

Fiquei muito feliz com o empenho dos alunos e dos professores na execução deste projeto.

Penso que todos ganhámos com esta iniciativa.

Parabéns a todos!”

Mensagens enviadas mais tarde para serem colocadas no livro

E10 LMF:

“Adorei o filme! É um filme que conta a história de uma vila enquanto faz história na vila. Expõe a sabedoria das suas gentes de maior idade e gera sabedoria nos mais novos que se envolveram no filme.

Os mais velhos forneceram as sementes e os mais novos fizeram-nas germinar neste filme. Descrito e interventivo. Emotivo e inteligente.”

E11 LMF:

“Foi fantástico ver como a escola serviu para criar uma dinâmica própria e envolver toda a comunidade! Estas são as verdadeiras aprendizagens, as que se levam pela vida fora. Isto é uma comunidade, que se junta e une em torno de objectivos comuns.

Inspirador!! Obrigada por estes momentos mágicos!”

E12 LMF:

“Por um lado o empenho dos miúdos, poderem sair da sala e verem a vida. É história real e valorizarem-na de outra forma, darem contexto e forma prática ao que aprendem nas aulas. Os vídeos «informais» estavam muito giro porque se via a alegria deles.”

E13 LMF:

“Os mais velhos recordaram coisas “de outros tempos” que estavam a cair no esquecimento. Esta sinergia é deliciosa!”

E14 LMF:

“E ainda bem que fomos à antestreia e podemos ver os verdadeiros intervenientes! A magia é outra”

E15 LMF:

“Adorei a experiência da estreia do filme, especialmente por se ter realizado na localidade onde foi filmado e com os intervenientes presentes. Foi muito giro ver a reacção das pessoas ao verem-se no ecrã, e o orgulho que sentem na terra e nas crianças que fizeram o filme pairava naquela sala. Nesta época em que andamos todos cada vez mais ligados, mas menos ligados ao que é importante, é reconfortante ver várias gerações a encontrarem pontos de contacto apesar das diferenças e a sentirem o que é viver em comunidade. Tive até um pouco de inveja ;)”

E16 LMF:

“Gostei muito deste projeto uma vez que várias gerações trabalharam em conjunto e assim conseguiram criar algo que para eles é pessoal e único. Tal feito fez com que me sentisse parte integrante da freguesia, o aconchego, a simplicidade e a genuinidade fizeram do projeto algo especial que espero que sirva de inspiração para outras escolas. Muitos parabéns.”

Comentários após a exibição do filme (oralmente, conversa no final)

E1 F:

(eu queria perguntar) “O que é que o projeto significou para eles? O que é que eles sentiram ao empenhar parte do tempo das aulas e empenharem-se nisso? E se alguns deles gostariam de seguir essa via (cinema)?”

resposta da aluna:

“São muitas perguntas ao mesmo tempo (risos).

O projeto tirou-nos algumas aulas de Português não é stôra?... assim uma gramaticazinha... (risos)

(profª responde ao fundo que: “o Português também está aqui presente, como p.ex. a vossa apresentação também foi validada. A oralidade também é importante.”)

Eu acho que o projeto foi assim uma coisa diferente, foi um ano em que nós viemos para a escola com outra razão de vir sem ser olhar para os livros... e deu-nos a conhecer uma Freiria diferente, não é a Freiria do “que seca mais uma dia”, mas é aquela Freiria “do que é que eu vou descobrir outra vez”. Há sempre uma coisa por detrás de outra. É uma Freiria nova!”

E2 F:

“Estão todos de parabéns, muito bom trabalho!”

E3 F: (diretora de turma)

“Eu também quero dar os parabéns aos meus alunos. Eu dizia sempre “no fim vamos ver”, e adorei!”

E4 F: (vereador Câmara Municipal de Torres Vedras)

“Foi extremamente gratificante ver o entusiasmo deles, ver uma comunidade envolvida à volta de um projeto. Ver estes miúdos a descobrirem novamente a sua comunidade, a contactarem com pessoas com este entusiasmo todo. E há uma coisa que precisamos todos nesta vida, em que andamos todos a correr de um lado para o outro, desgarrados de tudo e de todos, que é projetos como este, projetos que nos fazem

sentir que pertencemos ao mundo, pertencemos a algo e que pertencemos a uma comunidade. Nesse sentido o ATV, em concreto o Gonçalo, e a escola e os professores, e principalmente os alunos, estão todos de parabéns. Mesmo.”

E5 F:

“Eu, como moradora da Freiria, queria dar os parabéns a todos os professores... e como é bonito nós vemos passar pela rua um grupo de alunos a fazer este trabalho... não podemos só dizer que os jovens andam a fazer mal... é de louvar este grupo que andou na rua e fez este belíssimo trabalho. Parabéns! E continuem com muita força. Foi maravilhoso. Não só para a escola mas para a Freiria.”

E6 F: (presidente do Freiria Sport Clube)

“Eu queria dizer que foi um enorme orgulho ter tido aqui esta apresentação hoje... superou as minhas expetativas. O trabalho está fantástico, parabéns.”

E7 F: (presidente do ATV)

“Eu não quero deixar de dar os parabéns também, especialmente ao Gonçalo... e agradecer o excelente trabalho que, mais uma vez, faz em prol do cinema. Agradecer aos professores, e eu sou professora e sei da dificuldade que é tentar fazer qualquer coisa diferente, que saia fora da caixa... e que a escola é assim uma coisa muito pesada e que é muito difícil... e são estas pequenas frechas que fazem com que às vezes entre o ar... eu sou de Matemática e quando às vezes pensamos que estamos a perder tempo, porque não estamos a dar o programa, de facto, tudo isto vos ensina a pensar, vos ensina a tomar decisões, a resolver problemas e tudo isso é Matemática, e tudo isso é Português na comunicação, e tudo isso é Geografia quando estudam o meio, quando saem, e no fundo, não pode ser “uma coisa é a escola e outra coisa é a vida real” e cada vez mais tem de haver essa ligação. Portanto, uma vez mais parabéns a todos. É um gosto...profundo, o ATV ter feito parte desta atividade.”

Comentários à exibição do filme/ao projeto no Facebook

Int1 Fb F: (aluna Freiria)

“Adorei o projeto, muito obrigada por terem escolhido a nossa turma. Adorei mesmo muito!!”

Int2 Fb F:

“estão TODOS de parabéns! Era bonito que continuassem com outros trabalhos idênticos”

Int3 Fb F:

“Interessantíssima ideia.”

Int4 Fb F: (professoras envolvidas no projeto, Freiria)

“Parabéns ao ATV e ao professor Gonçalo Oliveira pela promoção e dinamização deste magnífico projeto, «FOCO – Cinema em Ação», que colocou jovens alunos e professores a refletir sobre as respetivas comunidades, alargando as suas competências em literacia fílmica. Continuação de boas criações que tanto enriquecem as nossas vivências comunitárias!”

Int5 Fb F: (presidente do ATV)

“Obrigada Elisabete e Cristina, pela confiança nos projetos do ATV e por terem a coragem de aceitar integrar este desafio. Foi/é um gosto trabalhar convosco! Até breve!”

Maxial

Comentários após a exibição do filme (oralmente, conversa no final)

E1 M: (mãe de um aluno)

É importante... **Eu acho que eles assim também aprendem**... há muita coisa que eles não conhecem... **Há muita profissão antiga que eles também não conhecem**... nem têm noção que existem.

E2 M:

“As histórias, as pessoas, as vivências... fazem os locais e **fazem-nos ter mais orgulho do que somos e onde vivemos, onde crescemos**. Parabéns a todos!”

E3 M: (coordenadora do Centro Qualifica – Agrup. Escolas Henriques Nogueira)

“**Este projeto mostra que há outro espaço de aprendizagem sem ser o espaço escola**... pensamos que a escola é o espaço de eleição onde se aprende... mas está mais que provado que também se aprende fora da escola. E neste filme há um pormenor que achei muito interessante e que para mim é novo... normalmente estamos habituados à ideia de aprendermos uns com os outros... aprendemos de geração em geração e a informação passa de um para os outros... e isso não é nenhuma novidade... mas há aqui um dado novo, muito interessante, que é na parte do vinho, quando ela pergunta: “como é que aprendeu?” E ele responde: “aprendi comigo, com a continuação”. Foi a primeira vez que ouvi alguém dizer **“aprendi comigo e com a continuação”**. Eu penso que é uma mensagem forte que pode ficar para vocês, para **continuarem a aprender e confiarem em vocês próprios e não ficarem à espera de serem os outros** a terem uma parte ativa e que a responsabilidade da aprendizagem caia sobre vocês e que a melhoria da competência, neste caso de fazer um filme, ou de ir à procura de uma informação, dependa do vosso querer e da vossa existência... os meus parabéns a todos os alunos, à escola, ao ATV.”

E4 M: (professor envolvido no projeto, Maxial)

“(...) é **muito importante** que se consiga **estabelecer estas pontes com as associações, com entidades externas à escola**, porque nós temos de repensar um bocadinho o

modelo de ensino que temos... que é muito fechado... e que há muitas valências, muita coisa boa que as associações fazem e que podia ser aproveitado para trazer para dentro do ensino público... para ser uma mais valia... para a aprendizagem dos miúdos. E não há muitos mecanismos para o fazer (...)

O sucesso deste tipo de projetos mostra que deveria ser repensado o modelo como as escolas funcionam para que elas possam ser mais eficazes. Temos que ter uma educação do séc. XXI que está mesmo no século XXI, que é algo que nós não temos muito hoje em dia... o facto de haverem estes projetos interessantes... que são capazes de fazer parcerias com as escolas e de inclusivamente desbloquearem financiamentos que o modelo atual das escolas não tem... para os apoiar financeiramente p.ex.... eles têm de inventar as formas de se financiar para virem trabalhar connosco... e oferecem-nos estes projetos... o facto de eles fazerem isto, e de o fazerem muito bem, prova que há mais uma série de coisas que a escola podia ser, que não é neste momento, porque o modelo de ensino aprendizagem que nós temos definido pelo nosso próprio Estado não é o melhor... e isto devia ser pensado por toda a gente, não só pelos políticos, não só pelos educadores, mas por toda a comunidade. (...) Fala-se muito na escola ir ao encontro da comunidade e da comunidade ir ao encontro da escola, mas depois na prática, as ferramentas não estão lá. (precisamos) de um novo modelo de escola, mais plástico, mais capaz de se adaptar às comunidades onde está inserido e às realidades e à oferta cultural que as pessoas que estão no exterior da escola, têm para lhe oferecer. Agradeço ao Gonçalo e ao ATV estes meses todos que estiveram a trabalhar connosco.”

Comentários à exibição do filme/ao projeto no Facebook

Int1 Fb M:

“ADOREI tá muito giro parabéns aos professores e alunos. beijinhos a todos. avó da Tatiana Nazaré”

Torres Vedras / Geral

Comentários após a exibição dos filmes (oralmente, conversa no final)

E1 TV: (presidente ATV)

(nota: após a oferta de uma árvore num vaso) “Este é um pequeno reconhecimento do ATV ao trabalho do Gonçalo... pensamos nalguma coisa simbólica... a **terra** poderá representar o **nosso concelho**... a **árvore** poderá representar toda a **natureza** fantástica que o nosso concelho tem e ao mesmo tempo as **pessoas** fantásticas que o concelho tem, e as que aqui estão hoje e que de alguma forma contribuíram para o projeto... e os **frutos**, que se espera que surjam, no fundo, significam os **projetos** como este e como outros que se espera possam surgir. Obrigada.”

E2 TV: (professora)

“Acho que fizeram um trabalho excelente e como sou professora imagino o trabalho que há de ter sido... assustador nalgumas situações não é... gerir tudo isto, todos estes projetos... foram horas infundáveis obviamente... mas como alguns de vocês diziam aí no *making of*, **é assim que vale a pena ter a escola... é também para isto... muito por isto... que a escola serve... não para se apartar da comunidade, mas para estar relacionada com ela**, conhecê-la e ser-se fruto da comunidade e acho que aí este trabalho foi fantástico. Cada vez percebo mais isso... **O cinema é uma forma fantástica de conseguir esta ligação com as pessoas... e dar voz e imagem a quem normalmente não tem voz...** todos os filmes foram diferentes e todos foram fantásticos... os alunos fizeram aqui um trabalho 5 estrelas, muito bom... e não se esqueçam de que (como o Gonçalo disse) dentro dos vossos bolsos costuma andar uma máquina que dá para fazer coisas fantásticas e que agora de certeza vão fazer umas coisas fantásticas... e **se calhar os professores podem não pedir só trabalhos escritos, podem começar a pedir trabalhos filmicos quem sabe...** olhem, parabéns e que continuem!”

E3 TV:

“Só tenho duas palavras a dizer: a primeira é obrigado e a segunda é quero mais!”

Comentários à exibição dos filmes/ao projeto no Facebook

Int1 Fb TV:

“muito bom!”

Int2 Fb TV:

“Parabéns a todos pelo excelente trabalho, que nos deixou mais orgulhosos do nosso concelho e das nossas pessoas!”

Int3 Fb TV:

“Porque na nossa «terra» se fazem coisas boas...! Parabéns Gonçalo Oliveira”

Int4 Fb TV:

“Projeto muito interessante, espero poder ver os filmes na net já que perdi a sessão ao vivo.”

Int5 Fb TV: (presidente do ATV)

“Parabéns a todos os que de alguma forma se envolveram e deram vida a este projeto! Ficamos a conhecer melhor o nosso concelho, que tem locais, culturas e pessoas excepcionais. O ATV – Académico de Torres Vedras agradece a todos os que responderam positivamente a este desafio e ao empenho demonstrado. Ao Gonçalo Oliveira, mais um abraço de parabéns!”

Int6 Fb TV:

“Parabéns!! Quero ver os vídeos...”

Int7 Fb TV:

“Parabéns pelo teu trabalho Gonçalo, e pela forma como contagias os que se juntam a ti!”

Int8 Fb TV: (professora envolvida no projeto, Freiria)

“Fantástico projeto! Grata ao Gonçalo e ao ATV pelas magníficas **aprendizagens em domínio fílmico** e pela possibilidade de **perpetuar património imaterial das nossas terras e gentes!**”

Int9 Fb TV:

“Parabéns Gonçalo Oliveira! Excelente trabalho! Gostei muito! Bjs

Int10 Fb TV:

“...com um excelente projeto!”

Comentário enviado por e-mail (e.) aos colegas professores do departamento de História do Agrupamento de Escolas da Henriques Nogueira

Int11 e. TV (professora)

“Fui ver os três filmes. Gostei imenso. Gostei especialmente do filme do Maxial, e não foi apenas por ser do nosso agrupamento. (...) quero deixar já os meus cumprimentos aos colegas envolvidos, pela qualidade do trabalho desenvolvido e pelo produto apresentado.”

Anexo R. Ligações (*links*) dos filmes resultantes do projeto



Trailer [YouTube]

visionamento online:

www.youtube.com/watch?v=VFfFv827hS4

Duração: **1,28 min.**

carregado a 29 Março'17 (418 visualizações a 27 Dezembro 2017)



Trailer [vimeo]

visionamento online: vimeo.com/235528262

Duração: **1,28 min.**

carregado a 26 Setembro'17 (21 visualizações a 27 Dezembro 2017)



"Pão, Água, Vinho e Outras Coisas Mais"

visionamento online: vimeo.com/235532058

Duração: **42 min** (filme 35 min. // *making of* 7 min.)

carregado a 26 Setembro'17 (67 visualizações a 27 Dezembro 2017)



"Para Além dos Chapéus"

visionamento online: vimeo.com/236721055

Duração: **49 min.** (filme 45 min. // *making of* 4 min.)

carregado a 4 outubro'17 (102 visualizações a 27 Dezembro 2017)



"O Nosso Carnaval, a Nossa Casa"

visionamento online: vimeo.com/235541068

Duração: **44 min.** (filme 39 min. // *making of* 5 min.)

carregado a 26 Setembro'17 (187 visualizações a 27 Dezembro 2017)



"Making of geral do projeto"

visionamento online: vimeo.com/236727930

Duração: **36 min.**

carregado a 4 outubro'17 (63 visualizações a 27 Dezembro 2017)

Anexo T. Fichas técnicas dos filmes / projeto

GERAL / Projeto

FOCO - Cinema em Ação! (Portugal, 2017)

Projeto dinamizado por: ATV – Académico de Torres Vedras
em parceria com as escolas e com o apoio de diversas instituições locais.

Turmas participantes / Escolas parceiras:

- Turma 8°C, EB 2,3 Maxial
- Turma 8ºA, EB 2,3 Padre Francisco Soares, Torres Vedras
- Turma 7ºA, EB 2,3 Freiria

Filmes produzidos:

- *Pão, Água, Vinho e Outras Coisas Mais* // turma 8°C, Maxial
- *Para Além dos Chapéus* // turma 7ºA, Freiria
- *O Nosso Carnaval, a Nossa Casa* // turma 8ºA, Torres Vedras

Filmes “complementares”:

- *Trailer*
- *Making of*

Realização: coletivo FOCO – Cinema em Ação!

ATV

Coordenação do projeto: Gonçalo Oliveira

Design Gráfico: Catarina Varela

Secretariado: Cristiana Santos

Gestão Financeira: Marisa Miranda

Registo fotográfico das antestreias e estreia dos filmes: Matilde Rebelo

Registo vídeo das antestreias e estreia dos filmes: Andreia Engenheiro

Apoio geral:

Câmara Municipal de Torres Vedras (parceiro institucional do ATV)

Teatro-Cine de Torres Vedras (acolhimento da exibição/estreia de todos os filmes)

Apoio Técnico nas Exibições:

- Torres Vedras (Luís Ferreira do Teatro-Cine de Torres Vedras)
- Freiria (Paulo Bernardes do Freiria Sport Clube)
- Maxial (Paulo Carocinho e elemento da direção da Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial)

PÃO, ÁGUA, VINHO E OUTRAS COISAS MAIS

Maxial, Junho 2017, 42 min.

Escola EB 2,3 Maxial
Turma 8ºC

[Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira]

Professores Envolvidos no Projeto:

João Batalha
Paulo Carocinho
com o apoio de Gonçalo Bernardino

Alunos que Participaram:

Beatriz Silva
Bruna Cuco
Cármem Lima
Carolina Reis
Cecília Carvalho
Cíntia Lopes
Diana Félix
Francisco Francisco
Inês Pereira
Jéssica Fernandes
Luís Inácio
Margarida Rodrigues
Maria Marques
Mariana Aguiar
Matilde Antunes
Micaela Silva
Pedro Silva
Pedro Gomes
Rita Gonçalves
Tatiana Nazaré
Teresa Lourenço

Pessoas Entrevistadas:

(pela ordem)

PÃO

José Gomes
Luísa Cardoso
Beatriz Reis
Maria da Assunção "Do Alcino"
José Luís

ÁGUA

António Laureano

Felisbela Lopes
Teresa Ricardo

VINHO
Torcato Bray
Marco Passos

E OUTRAS COISAS MAIS
Hermínio Oliveira
Maria Adelaide Broeira
Álvaro Reis

Imagem:
Alunos do 8ºC

Imagens Adicionais:
Gonçalo Oliveira
Ruben Santos (azinha)

Edição:
Gonçalo Oliveira

Edição Making of:
Alunos do 8ºC
Gonçalo Oliveira

Realização:
Coletivo “FOCO – Cinema em Ação!”

Agradecimentos:
A todos os que se disponibilizaram para as entrevistas.
Aos músicos e grupos que constam da banda sonora.

Também gostaríamos de agradecer a:
Teresa Rodrigues
Fabion Marques
Biblioteca Escolar
Rúben Santos
José Laureano
Casa do Forno - Casa da Paz
Sociedade Filarmónica Ermegeirense
Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial
União de Freguesias de Maxial e Monte Redondo

e a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram no projeto.

Antestreia a 3 de junho de 2017 na Sociedade de Instrução e Recreio do Maxial
Estreia a 18 de junho de 2017 no Teatro-Cine de Torres Vedras

PARA ALÉM DOS CHAPÉUS

Freiria, Junho 2017, 49 min.

Escola EB 2,3 Freiria

Turma 7ºA

[Agrupamento de Escolas São Gonçalo]

Professores Envolvidos no Projeto:

Ana Paula Lavanco

Cristina Antunes

Elisabete Silva

Henrique Mata

Alunos que Participaram:

Camila Silva

Diogo Escola

Gonçalo Neves

Henrique Martins

Joana Sousa

Joana Vicente

João Firmino

Lara Cipriano

Madalena Caiado

Maria Silva

Mariana Santos

Maryna Voytsikhovska

Matilde Ribeiro

Nelson Martins

Nicole Ferreira

Rodrigo Costa

Rúben Santos

Sara Feliciano

Sofia Lourenço

Sofia Lucas

Tiago Matias

Tomás Lopes

Pessoas Entrevistadas:

Anabela Albino

Aníbal Silva

Anselmo Cardoso

Artur Miranda

Carina Soares

Carolina Silvestre

Cristina Eiras

Emília Fernando

José Carvalho

Lina Maia

Lurdes Santos
Maria do Carmo Ferreira
Maria do Rosário Martins
Reinaldo Maia
Susana Santos

Imagem:

Alunos do 7ºA

Imagens Adicionais:

Gonçalo Oliveira
Gaiteiros de Freiria (atuações)
Vídeos YOUTUBE
Gaiteiros e Cavaquinhos
(Rodrigo Van, Artur Jorge, António Miguel Franco, Raúl Beato dos Santos)

Pré-Edição

Alunos e professores do 7ºA

Edição:

Gonçalo Oliveira

Realização:

Coletivo “FOCO – Cinema em Ação!”

Agradecimentos:

A todos os que se disponibilizaram para as entrevistas.
Aos músicos e grupos que constam da banda sonora.

Também gostaríamos de agradecer a:

Ana Maria Machado
Ana Paula Franco
Dulce Santos
Elsa Costa
Junta de Freguesia de Freiria
Lar da Casa do Povo de Freiria
Freiria Sport Clube
Gaiteiros da Freiria
Grupo de Cavaquinhos da Freiria

e a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram no projeto.

Antestreia a 3 de junho de 2017 no Freiria Sport Clube

Estreia a 18 de junho de 2017 no Teatro-Cine de Torres Vedras

O NOSSO CARNAVAL, A NOSSA CASA

Torres Vedras, Junho 2017, 44 min.

Escola EB 2,3 Padre Francisco Soares
Turma 8ºA

[Agrupamento de Escolas Madeira Torres]

Professores Envolvidos no Projeto:

Niki Paterianaki

Alunos que Participaram:

Alexandre Pedro
Ângela Wang
Beatriz Pozuelo
Beatriz Menezes
Diogo Alves
Diogo Martins
Dinis Eleutério
Fábio Gomes
Hugo Mendonça
Joana Custódinho
Lívia Simões
Maria Castro
Marta Monteiro
Rita Almeida
Simão Santos
Tomás Silvério

Pessoas Entrevistadas:

BOCHAS CARNAVAL CLUB

Sandro Anjos
Pedro Anjos
João Reis
Noel Sarreira

ADCR ORJARIÇA e CATEFICA

Juliana Patrício
Sofia Ribeiro
Viviana Valente

FOLIÕES CÁ DO SÍTIO

Idália Gomes
João Paulo Teodoro
Rui Santos
Rogério Duarte

Grupo MARCO SANTOS e AMIGOS “Magone”

Marco Santos

REAL CONFRARIA CARNAVAL DE TORRES
António Ventura

REI DO CARNAVAL
Ricardo Miranda dos Santos

Imagem:
Alunos do 8ºA

Imagens Adicionais:
Gonçalo Oliveira
Niki Paterianaki

Fotografias e Vídeos Grupos:
Páginas de *Facebook* dos grupos de carnaval

Carnaval Torres Vedras 2014, 2016 e 2017
Curso Noturno / Concurso Grupos Mascarados
Vídeos e Fotografias:
Torres Vedras CM

Intro tv turn off effect:
[youtube.com/user/Daesongguree](https://www.youtube.com/user/Daesongguree)

Edição:
Gonçalo Oliveira
Alunos do 8ºA

Realização:
Coletivo “FOCO – Cinema em Ação!”

Agradecimentos:
A todos os que se disponibilizaram para as entrevistas.
Aos músicos e grupos que constam da banda sonora.
Aos pais dos alunos que colaboraram nas visitas aos locais.

Também gostaríamos de agradecer a:
ADCR Orjariça e Catefica
Bochas Carnaval Club
Foliões Cá do Sítio
Grupo Carnaval Marco Santos e Amigos
Ricardo Miranda Santos
Real Confraria do Carnaval de Torres
Promotorres E.M.

e a todas as pessoas que de alguma forma colaboraram no projeto.

Estreia a 18 de junho de 2017 no Teatro-Cine de Torres Vedras

